UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LARISSA CRISTHINA GIRON FERREIRA VIANNA

A HERMENÊUTICA PELAS MULHERES: DISCURSOS FEMININOS NAS REFORMAS RELIGIOSAS EUROPEIAS NO SÉCULO XVI

Niterói

2023

LARISSA CRISTHINA GIRON FERREIRA VIANNA

A HERMENÊUTICA PELAS MULHERES: DISCURSOS FEMININOS NAS REFORMAS RELIGIOSAS EUROPEIAS NO SÉCULO XVI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História Moderna

Prof(a). Dr(a). Georgina Silva dos Santos

(Orientadora)

Niterói

2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

V617h Vianna, Larissa Cristhina Giron Ferreira
A hermenêutica pelas mulheres : Discursos femininos nas reformas religiosas europeias no século XVI / Larissa Cristhina Giron Ferreira Vianna. - 2023.
126 f.

Orientador: Georgina Silva Dos Santos.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2023.

1. Jeanne de Jussie. 2. Marie Dentière. 3. Mulheres. 4. Reformas Religiosas. 5. Produção intelectual. I. Dos Santos, Georgina Silva, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

LARISSA CRISTHINA GIRON FERREIRA VIANNA

A HERMENÊUTICA PELAS MULHERES: DISCURSOS FEMININOS NAS REFORMAS RELIGIOSAS EUROPEIAS NO SÉCULO XVI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História Moderna

Aprovada em 30 de março de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª(a). Dr(a). Georgina Silva dos Santos (UFF)

(Orientadora)

Prof.ª(a). Dr(a). Ana Paula Vosne Martins (UFPR)

(Arguidora)

Prof.ª(a). Dr(a). Margareth de Almeida Gonçalves (UFRRJ)

(Arguidora)

Niterói

2023

Para Filipe Vianna, por me ajudar a crer.

AGRADECIMENTOS

O começo da caminhada no PPGH foi marcado por inúmeras perspectivas, mas em nenhuma delas havia uma pandemia. As feridas deixadas por esse período foram profundas e tentar mensurar todo o meu agradecimento por aqueles que me deram suporte nesse momento é uma tarefa impossível. No momento em que os sonhos acadêmicos deram lugar a incertezas, crises de ansiedade e choro pelas perdas, eu senti o afago, mesmo que a distância, de pessoas que, direta ou indiretamente, escreveram esse trabalho comigo. Então, humildemente, espero dedicar-lhes o meu reconhecimento.

Antes de qualquer coisa, devo minha maior gratidão a Deus. A fé foi a minha tábua de salvação nesses mares tão turbulentos e eu pude vivenciar uma paz irracional nos piores momentos de pânico.

Minha família, que investiu em mim desde sempre, me deu suporte financeiro e emocional para que eu pudesse seguir na caminhada. Meu esposo, Filipe Vianna. Devo-lhe minha gratidão diariamente por me ajudar a tornar esse sonho viável, por sua serenidade em meio ao meu caos, pelo companheirismo, compreensão e por ter as palavras necessárias na hora certa. Eu amo você.

Minha família. Luciane e Leonides, meus pais, meus faróis no escuro. Carmem e Giovanni, madrasta e padrasto que integraram a minha vida para somar. Meus avós, minhas tias e meu tio que me lembram cotidianamente da força de saber de onde viemos. Meu pequeno irmão, Leonardo. Espero que um dia ele saiba que sua irmã mais velha fez tudo o que pôde para que ele conhecesse um mundo melhor, com mais acesso à educação de qualidade. Meus sogros Vânia e Luiz César, assim como minha cunhada Vívian também foram meu refúgio muitas vezes quando precisei. Obrigada!

Aos amigos: sou infinitamente contemplada por ter cada um em minha vida. Suas diferentes personalidades me ajudam a enxergar o mundo com mais nuances. As companheiras do Tulipas, especialmente Camila Abreu, Fernanda Boechat e Josi Werneck, obrigada por ouvirem o meu choro e sempre acreditar em mim. Obrigada por serem referência!

Leonardo Maraga e Tamires Caldas, gratidão por me ajudarem a lembrar da finitude e enfatizar o que importa. Deyvison, Thamara, Michael, Simone, Fagner, Fernanda, Eduardo, Jovana, Danilo, responsáveis pelos risos e pelas reflexões necessárias.

Carolina Moraes, uma irmã de alma e de vida que esteve comigo quando entendi que minha caminhada seria nos estudos da História. *Long live the walls we crashed through.*

Aos amigos da UFF, especialmente Amanda e Nathali. Vocês tornaram viável a minha permanência no PPGH. À minha orientadora, Georgina dos Santos, que me acompanhou desde a graduação. Devo-lhe muito do meu amadurecimento enquanto profissional da História e na vida. Suas palavras me auxiliaram a enxergar perspectivas necessárias.

Não tenho como expressar a minha gratidão por isso. A todos os meus queridos da IPA, vocês foram muitas vezes vitais para renovar as minhas forças e convicções.

Jamily, Renata e Tahysa, mulheres que me inspiram cotidianamente com sua força, determinação e fé. Sou grata por tê-las como referência.

Nayre, amiga querida que me acolheu e instruiu no mundo editorial. Devo muito do meu amadurecimento profissional a você! Obrigada por toda paciência e acolhimento, sou grata por nossos caminhos terem se encontrado. Raquel Maia, pela clareza no falar, incentivo e encorajamento. Sou abençoada por ter uma irmã como você.

Aos meus amigos do Palácio Tiradentes, lembro com um sorriso quando compartilhávamos o sonho da pós-graduação. Vê-los realizar seus sonhos é algo precioso. Vinicius Medeiros que, talvez, mesmo sem saber, me ajudou a recuperar a minha confiança e o meu olhar para um propósito de vida. Muito obrigada!

Vanessa Miranda, minha psicóloga que, com sua paciência e profissionalismo, me forneceu as ferramentas necessárias para entender os meus processos e continuar caminhando durante momentos tão difíceis.

Por fim, agradeço a todos os brasileiros que lutam diariamente pela universidade pública e que insistem em investir na ciência, apesar de todos os obstáculos. Espero q
dia possamos testemunhar um Brasil com mais possibilidades.

Se a linguagem das mulheres fosse tão censurável e de tão pouca autoridade como alguns homens argumentam, nosso Senhor Jesus Cristo nunca se dignaria desejar que um mistério tão digno como a sua graciosa ressurreição fosse anunciado pela primeira vez por uma mulher, assim como ele ordenou aos bem-aventurados. Madalena, a quem ele apareceu pela primeira vez na Páscoa, para relatar e anunciá-lo aos seus apóstolos e a Pedro. Bendito Deus, sejas louvado, que entre as outras infinitas dádivas e favores que concedeste ao sexo feminino, desejaste que a mulher levasse tão nobre e digna notícia.

Christine De Pizan

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as experiências femininas durante momentos das Reformas Religiosas no século XVI e compreender os sentidos elaborados por elas acerca das transformações em seu meio. Nesse sentido, as trajetórias de Jeanne de Jussie e Marie Dentière, uma freira e uma protestante, respectivamente, nortearão as observações sobre o quadro em questão. A escrita será levada em conta como o principal mecanismo mobilizado por ambas para defender seu posicionamento. Os papéis sociais, pautados pelo gênero, atribuídos de maneiras diferentes dentro dos grupos religiosos, compõem uma importante questão que é analisada sob o filtro dos discursos que circulavam acerca das mulheres. O processo de confessionalização de Genebra configura o espaço em que transcorrem as narrativas de ambas as personagens, espaço que também viveu os impactos do poder de circulação de ideias viabilizado pela utilização da imprensa.

Palavras-chave: Jeanne de Jussie; Marie Dentière; Mulheres; Reformas Religiosas.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the female experiences during moments of religious reforms in the sixteenth century and understand the meanings elaborated by them about the transformations in their environment. In this sense, the trajectories of Jeanne de Jussie and Marie Dentière, a nun and a Protestant, respectively, will guide the observations on the picture in question. The writing will be taken into account as the main mechanism mobilized by both to defend its positioning. The social roles, guided by gender, attributed in different ways within religious groups compose an important issue that is analyzed under the filter of the discourses that circulated about women. The Geneva confessionalization process configures the space in which the narratives of both characters take place, a space that also experienced the impacts of the power of circulation of ideas made possible by the use of the press.

Keywords: Jeanne de Jussie; Marie Dentière; Women; Religious Reforms.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página da Epistre très Utile, de Marie Dentière, escrita em 1539 …… p. 92.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO I: A CONDIÇÃO DA MULHER NOS TEMPOS DA REFORMA 22

1.1 - Uma leitura religiosa sobre o feminino na Europa do século XVI 22

1.2 - O contexto da Reforma em Genebra: as confessionalizações protestantes. 29

1.3 - Abordagens sobre a atuação feminina nos tempos das reformas 39

CAPÍTULO II: OS REGISTROS INSUBORDINADOS DE MARIE DENTIÈRE E JEANNE DE JUSSIE 46

2.1 - A Epístola Útil: um tratado de apologética pelas mulheres 46

2.2 - *Le Petite Chronique*: a resistência das mulheres católicas em Genebra 58

CAPÍTULO III: A ESCRITA COMO VEÍCULO E LEGITIMAÇÃO DAS REFORMAS 67

3.1 - O poder da palavra 67

3.2 - A imprensa como uma revolução e a literatura de combate 70

3.3 - A Teologia dos homens: as confissões e a prática de poder pela escrita. 75

3.3.1 - Os 67 Artigos de Zwínglio (1523) 79

3.3.2 - Confissão de Schleitheim (1527) 84

3.3.3 - Confissão de Augsburgo (1530) 86

CAPÍTULO IV: A TEOLOGIA NO FEMININO: UMA LEITURA DAS PRODUÇÕES DE JEANNE DE JUSSIE E MARIE DENTIÈRE EM UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO 89

4.1 - A expectativa escatológica: ser mulher no fim dos tempos. 89

4.2 - Jeanne de Jussie: Extra Ecclesiam nulla salus 99

4.3 - Marie Dentière: a liberdade feminina por meio do *Sola Scriptura.* 109

CONSIDERAÇÕES FINAIS 118

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 122

INTRODUÇÃO

Durante um milênio a Europa foi um grande monólito cristão católico romano. Ainda que especificidades locais preenchessem a religiosidade com cores diferentes, com nichos de expressão pagã, como o culto às entidades da floresta,[1] a Santa Sé permanecia soberana, como única detentora da legitimidade do discurso religioso. As bulas papais costuraram políticas, o clero era considerado o segmento com a função mais relevante da sociedade e assim, a despeito de alguns episódios de embate, a Igreja Católica permaneceu sólida, submetendo qualquer conduta considerada subversiva às teias de seu julgamento. No entanto, esse panorama começou a mudar a partir do Grande Cisma do Ocidente (1309-1377) e com a eclosão de vários movimentos populares de cariz herético. Neste cenário religioso, as causas dos pobres assumiram um tom subversivo e os grupos milenaristas anunciavam o fim do mundo, preparando, sem saber, o caminho para a Reforma Protestante.

Abordado em diferentes produções historiográficas, o líder mais conhecido da Reforma Protestante foi o monge agostiniano Martinho Lutero (1483-1546). Lucien Febvre foi um dos autores que explorou a trajetória do reformador em "Martinho Lutero: Um Destino",[2] publicação que rompeu com a visão biográfica tradicional que exaltava os grandes feitos, ocultando as vergonhas dos biografados.

A história de Lutero, que se confunde com uma História da Reforma, parte de uma experiência intelectual e de devoção pessoal que tomou proporções inéditas. Segundo Febvre, por intermédio da leitura da epístola do apóstolo Paulo aos hebreus, o monge passou a indagar acerca das condutas da Igreja à sua época, sobretudo as penitências e as cartas de indulgência como meios para alcançar a salvação da alma. Em decorrência disso, em 31 de outubro de 1517, Lutero afixou 95 teses nas portas da igreja do castelo de Wittenberg - acendendo o pavio para a combustão de uma sucessão de transformações.

A elaboração das teses e a construção de críticas mais profundas e contundentes foram possíveis porque o personagem em questão era um dos mais proeminentes professores de teologia no Sacro Império. Longos anos de estudos como monge agostiniano, além do

[1] Cf. LE GOFF, Jacques. "O Maravilhoso no Ocidente Medieval"; "O deserto-floresta no Ocidente Medieval". In: *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval.* Lisboa: edições 70, 1985, p.19-58.
[2] FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero: um destino.* São Paulo: Três Estrelas, 2012.

conhecimento da estrutura da Igreja Católica Apostólica Romana, fizeram com que os apontamentos de Lutero fossem demasiadamente incisivos.

Entre as teses de número 83 e 86 ele diz:

> *83 Do mesmo modo: por que se mantêm as exéquias e os aniversários dos falecidos e por que ele não restitui ou permite que se recebam de volta as doações efetuadas em favor deles, visto que já não é justo orar pelos redimidos?*
>
> *84 Do mesmo modo: que nova piedade de Deus e do papa é essa: por causa do dinheiro, permitem ao ímpio e inimigo redimir uma alma piedosa e amiga de Deus, porém não a redimem por causa da necessidade da mesma alma piedosa e dileta, por amor gratuito?*
>
> *85 Do mesmo modo: por que os cânones penitenciais – de fato e por desuso já há muito revogados e mortos – ainda assim são redimidos com dinheiro, pela concessão de indulgências, como se ainda estivessem em pleno vigor?*
>
> *86 Do mesmo modo: por que o papa, cuja fortuna hoje é maior do que a dos mais ricos Crassos, não constrói com seu próprio dinheiro ao menos esta uma Basílica de São Pedro, ao invés de fazê-lo com o dinheiro dos pobres fiéis?.*[3]

O contexto da produção das Teses coincidiu com a construção da primorosa basílica de São Pedro, bem como com as práticas de indulgências e simonias. Lutero associou ambas as coisas com o uso da fé em uma lógica comercial e transbordou sua insatisfação por meio de uma escrita ousada que desafiou seus superiores, sobretudo o Pontífice, como se pode aferir nos trechos supracitados.

Na tese 84, Lutero questionou a cobrança dos serviços religiosos e atraiu, certamente, a simpatia do público, abrindo caminho entre os mais humildes. Nas teses 83 e 85, Lutero contestou as cerimônias realizadas em favor dos mortos, pois acreditava que não poderia haver remissão de pecados após a morte por intermédio destes feitos. Já na tese 86, questiona as ofertas arrecadadas para a construção da Basílica de São Pedro, acusando frontalmente o Papa a respeito da acumulação de riquezas.

À hostilidade da Igreja opôs-se a simpatia popular, o que permitiu a Lutero professar o posicionamento que posteriormente ganharia a alcunha de protestante. Martinho Lutero casou-se em 1525 com Katarina Von Bora (1499-1552), uma freira que havia abandonado os votos após o contato com panfletos que continham as ideias do reformador.[4] A união do

[3] Em 2017, a Fundação Biblioteca Nacional realizou uma exposição pelo advento dos 500 anos da Reforma Protestante. A exposição "Lutero: 500 anos da Reforma" conta também com um amplo acervo digital, onde estão disponíveis diversos documentos relativos ao tema, entre eles a tradução em português das 95 teses. Disponível em http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/exposicoes_site/lutero500anosreforma/lutero_95_teses.pdf.
[4] TREU, Martin. *Katherine Von Bora:* Luther's Wife. Lutherstadt Wittenberg: Drei Kastanien Verlag, 2017.

polêmico casal: um monge e uma freira, foi uma representação prática das grandes mudanças em curso na vida religiosa europeia.

Todavia, apesar do fenômeno indiscutivelmente notável, o clamor por mudanças e as críticas argutas não são objetos inéditos do século XVI. Vale ressaltar que antes mesmo de 1529, quando o termo "protestante" passou a ser relacionado aos dissidentes do catolicismo, na Dieta de Espira, a Igreja já atravessara vicissitudes que ora se acentuavam, ora se amainavam em um movimento inconstante. Na Baixa Idade Média, alguns personagens levantaram críticas que foram retomadas pelos reformadores quinhentistas.

No século XV, por ordem do Concílio de Constança (1414-1418), o inglês John Wycliff (1328-1384), professor e filósofo religioso, foi declarado herege devido à sua crítica ao papado e à defesa da acessibilidade popular das Escrituras. Ordenou-se também que seus restos mortais fossem exumados e queimados, assim como seus escritos. Do mesmo modo, inspirado por Wycliff, John Huss (1369-1415), considerado um dos precursores da Reforma Religiosa Moderna no Sacro Império Romano-Germânico, foi executado sob acusação de sublevação e heresia. O pensador de Baden-Württemberg apoiava-se na ideia do sacerdócio universal como fator essencial na vida dos cristãos.

Também no século XIV, Tomás de Kempis publica sua *Imitatio Christi,* obra que se tornou referência no que se viria a ser a *Devotio Moderna*, práticas espirituais que salientavam as experiências do cristianismo primitivo como forma de ascese. O desprendimento dos valores materiais e a busca por forjar a personalidade na figura do próprio Cristo são aspectos marcantes dessa forma de devoção. Já no século XV, o dominicano italiano Girolamo Savonarola, com forte apelo iconoclasta e radical, apelava por uma reforma interna na Igreja.

Percebe-se, então, que concepções críticas acerca da Igreja estavam sendo geradas ao longo dos séculos. Mas no contexto do século XVI essas ideias encontraram condições que favoreceram sua difusão. A agonia escatológica, as crises que deflagraram fome e, sobretudo, a sensação de instabilidade política impeliram o desejo por uma certeza que operasse como âncora das almas aflitas.[5] Dessa maneira, a atitude de Lutero não está inserida em um fato *in loco,* mas decorre de movimentos impulsionados ao longo do tempo e em diferentes lugares. O fato de ter sido bem-sucedida, na primeira metade do século XVI, se justifica mais pela conjuntura do que pelas ideias defendidas em si.

[5] DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989.

Mesmo assim, apesar da pluralidade dos personagens que se mostraram atuantes em uma perspectiva de longa duração das mudanças religiosas, a maior parte do reconhecimento pela ampla rachadura que se alastrou pela Europa a partir de 1517 permanece sobre Lutero. Muito disso pode ser devido ao esforço da historiografia alemã que, ao analisar seus processos históricos, buscou enfatizar personagens de sua região, haja vista que o termo "Reforma Protestante" começou a ser utilizado pela historiografia alemã do século XVIII. Cem anos depois, os olhos positivistas enxergavam o movimento religioso como uma etapa no processo de evolução da sociedade alemã.[6]

No entanto, é preciso observar que, ainda que as famosas 95 Teses tenham desencadeado todo um processo que abalou profundamente a hegemonia do catolicismo, a teologia luterana não foi a única a produzir novas linhas de pensamento à época. Esse é um aspecto importante a ser ressaltado pois, para melhor compreensão do que sucedeu durante as Reformas Religiosas quinhentistas, é necessário não somente analisar as oposições entre a Igreja de Roma e seus dissidentes, mas observar que o monólito, quando despedaçado, deu origem a pedaços com diferentes delineamentos. Ou seja, além de ser um processo gerado em longa duração, a Reforma, nas palavras de Francisca da Viração, é um fenômeno que contém a heterogeneidade em seu cerne.[7]

As divergências emergentes nos debates do contexto em questão nos oferecem matizes para apreender mais informações sobre esse fenômeno religioso, pois quanto maior a possibilidade de perspectivas, mais ricas se tornam as análises sobre o recorte em análise.

Diante disso, em adição ao prisma dos diferentes grupos religiosos que surgiram no ensejo das reformas, interessa incluir ainda mais ângulos. Para isso, é indispensável olhar também para os diferentes sujeitos, em diferentes esferas sociais, a fim de abranger como essas mudanças foram vividas e interpretadas. Ao ponderar sobre essa constatação, observa-se que alguns grupos têm sido mais contemplados que outros pela produção historiográfica das reformas religiosas, como as mulheres.

Muitas figuras femininas exerceram até mesmo o papel de liderança na implementação das reformas em alguns espaços, ainda que não seja algo evidenciado quando comparado aos líderes homens. É fato que por vezes o protagonismo feminino é um objeto difícil de ser

[6] RAMOS NETO, J. O. *O conceito de Reforma Protestante na historiografia.* História Revista, Goiânia, v. 24, n. 1, 2019.
[7] VIRAÇÃO, F. J. D. S. *Por que e como fazer História da Reforma Protestante no Brasil*. Revista Observatório, v. 4, n. 2, p.676-691, 2018.

identificado. Porém, como é colocado por Gosh[8], a agência feminina deve ser buscada para além dos espaços formais de manifestação de poder, tais como os espaços institucionais de política.

Essas vozes demandam uma busca em lugares poucos explorados: cartas esquecidas, publicações censuradas, textos de escritoras que tiveram autoria atribuída a homens e menções indiretas em documentações produzidas no determinado recorte cronológico. Ademais, na ausência de relatos em primeira pessoa, é válido pensar que é também possível fazer uma leitura acerca da não-agência dessas mulheres, pontuando as razões que levam a esse silenciamento. Afinal, qual teria sido a causa do silêncio?

Desde finais da década de 1960, observa-se a emergência de uma história preocupada em inovar o uso das fontes, de forma que as mulheres deixem de ser excluídas da história, tal como criticou Michelle Perrot.[9] Esse novo momento da historiografia dedicou-se a princípio em problematizar a respeito de como as personagens experimentaram situações diferentes ao longo do tempo. Todo o processo não se sucedeu sem maiores resistências, já que por vezes a inclusão de disciplinas nas grades dos cursos acadêmicos que tratavam de história das mulheres era enxergada como iniciativa pouco profissional. Julgava-se que ao fazê-lo, a militância poderia comprometer o rigor científico do que seria produzido.

Apesar dos entraves, o campo de estudos de história das mulheres cresceu exponencialmente, o que se refletiu em produções que permanecem fundamentais para muitos pesquisadores da área. No transcurso do debate, a questão do gênero como categoria analítica adentrou nesse âmbito, trazendo a ideia de que para melhor compreender as questões que atravessaram as mulheres ao longo dos tempos, é preciso observá-las em comparação aos homens, em todas as suas diferenças e semelhanças.[10]

Todavia, há ainda muitos hiatos que precisam ser investigados mais a fundo, a fim de trazer ao centro do debate agentes da história que foram por tempos relegados às margens. Na década de 1980, Natalie Zemon Davis mobiliza essa perspectiva ao narrar, em seu livro *Nas Margens - Três Mulheres do Século XVII* ,[11] as trajetórias de três mulheres de contextos

[8] GHOSH, Durba. *Sex and the Family in Colonial India:* The Making of Empire. New York: Cambridge University Press, 2006.

[9] PERROT, Michelle. *Os excluídos da história:* operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

[10] SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: u*ma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

[11] DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens:* três mulheres do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

completamente diferentes: Glikl bas Judah Leib, uma judia da cidade de Hamburgo, Marie de l'Incarnation, uma viúva que viveu experiências místicas e se tornou ursulina em Tours, e depois partiu em uma viagem missionária para o Canadá, e Maria Sibylla Merian, uma artista protestante de Frankfurt, que veio para a América do Sul a fim de exercer sua atividade. Todas essas vidas tratadas por Davis demonstram a riqueza de informações que se pode alcançar por meio dessas narrativas.

No entanto, o fato de estarem fora do "centro" relegou à omissão essas vivências que muito podem esclarecer sobre o contexto em que viveram. Bonnie G. Smith ressalta que a ideia de "centro" existiu, pois, "a atividade criativa e a superioridade eram automaticamente associadas aos homens ou por causa de códigos legais construídos pela centralidade masculina".[12] Desse modo, Davis entendeu que essas mulheres operavam às margens, pois estavam situadas fora dos centros de poder de seus dias, mas, ainda assim, as margens foram consideradas espaços de intensas atividades, de diferentes naturezas.

Dentro desta lógica, quando se aborda a questão da experiência feminina nas reformas religiosas, percebe-se que esta é uma discussão que ainda está entre as lacunas da historiografia, também relegada às margens. Muito foi escrito sobre as divergências entre os grupos religiosos, e sobre as lideranças masculinas de todos esses movimentos, mas a ausência de registros de mulheres leva a pensar se um evento de tamanha proporção não as envolveu ou se elas foram simplesmente esmaecidas nesses registros.

Na História das Reformas, as mulheres não estão circunscritas nos centros de poder, logo, suas experiências foram excluídas das narrativas por tempos. É também Natalie Davis que traz uma nova discussão sobre esse tópico. Em "Mulheres Urbanas e Reformas Religiosas", a autora tenta identificar os meios pelos quais esses movimentos operaram mudanças sobre as vidas das mulheres urbanas.[13] A conclusão de Davis reflete sua percepção de que, depois de tudo, não houve transformações significativas para as mulheres que testemunharam a ascensão do protestantismo e seu embate com o segmento católico. No entanto, é preciso ressaltar que a autora examinou mulheres em um recorte urbano na França e preocupou-se mais em entender o discurso sobre as mulheres do que o discurso pelas mulheres.

---

[12] SMITH, Bonnie G. *Women's Studies:* The Basics. Londres: Routledge, 2013, p. 37.
[13] DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo.* Sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Desde a publicação de Davis, documentos inéditos ou pouco explorados têm sido trazidos à análise, sobretudo com o avanço na digitalização de documentos antigos. Empreitada esta que vem sendo executada com bastante excelência, por bibliotecas ao redor de todo o mundo. Por conta disso, observa-se o despontar de novas possibilidades de discussões.

É necessário, então, voltar os olhos para o passado buscando alcançar as correlações entre gênero e religião. O debate que se projeta em uma crescente na atualidade não é contemporâneo, mas ressoa através dos séculos, iniciado por mulheres que se viam, muitas vezes, coagidas em suas falas. Elas, a despeito das intempéries, começaram o calçamento de um percurso que seria continuado por muitas mulheres depois delas. Hildegarda de Bingen, teóloga no Mosteiro de Rupertsberg, em Bingen am Rhein, e a teóloga italiana Catarina de Siena, ainda no medievo, tornaram-se nomes de grande relevância na teologia. Christine de Pizan, uma das precursoras das *querelles des femmes,* mobilizou com grande vigor o debate sobre a igualdade entre os gêneros nos meios de produção intelectual.

Registros que apontam para a interpretação de mulheres acerca do período de rupturas e embates nas Reformas fazem com que a ideia de transformações pouco significativas pareça relativamente simplista, além de não contemplar outros focos de observação. Em outras palavras, o olhar atento para o que as próprias mulheres que vivenciaram essa conjuntura têm a dizer aponta que as mudanças produziram significados relevantes para elas, ainda que mudanças estruturais mais profundas não tenham ocorrido.

Os novos entendimentos teológicos implicaram em modificações nas dinâmicas sociais, como as relações matrimoniais, o convívio eclesiástico e as práticas devocionais.[14] Interessa, então, saber como as mulheres, em comparação aos homens, passaram a interpretar a teologia. Observar essas interpretações, é ler as Reformas pelos olhos das mulheres que as vivenciaram.

Nessa perspectiva, Maria Zina Gonçalves de Abreu, professora da Universidade de Lisboa, publicou em português um estudo sobre a democratização política e dos sexos no processo de reforma da Igreja na Inglaterra. Do mesmo modo que Davis, a autora portuguesa buscou levar seu campo de análise para além da nobreza, tratando das mulheres do meio burguês e das classes mais baixas. Abreu parte da crítica de que "a educação feminina era

[14] GODINEAU, Dominique. *Les Femmes dans la France Moderne*. Paris: Armand Colin, 2015.

entendida como um meio de tornar as mulheres melhores companheiras para o homem, melhores mães e educadoras dos filhos e boas gestoras domésticas",[15] para discutir o que chama de democratização nos sexos, tendo a religião como base.

No entanto, distanciando-se um pouco de Davis, Maria Zina Abreu busca priorizar o que as mulheres puderam produzir, ainda que impelidas ao silêncio. Nota-se a preocupação em não somente apontar o tolhimento à autoria feminina, mas os meios de desvencilhamento disso. Por meio de cartas, diários e as raras obras publicadas, Abreu percorreu a ebulição religiosa na Inglaterra e também em algumas outras partes da Europa, sob a perspectiva das mulheres.

Voltando à Europa continental, Dominique Godineau se debruçou sobre os impactos exercidos por esses eventos na vida doméstica, na educação, na religiosidade no foro privado e em algumas manifestações públicas, para entender as *Femmes dans le France Moderne* por meio do prisma da religião. Sem desconsiderar as permanências dos meios de cerceamento da atuação feminina, a historiadora francesa atentou-se às brechas para investigar freiras, místicas, protestantes, leigas e letradas, considerando a história religiosa da França moderna como uma história mista. A grande contribuição de Godineau está sobre sua percepção de que os papéis desempenhados por essas mulheres dependeram, em grande parte, de sua imagem e status sociais, entendendo que para identificar essas atuações era preciso observar as dinâmicas de ação nas diferentes esferas sociais e as maneiras pelas quais os debates eram abordados em cada espaço.

Kirsi Stjerna,[16] professora na Universidade Luterana da Califórnia, também busca o resgate dessas vozes femininas, com ênfase nas mulheres do meio luterano. Já no Brasil, as professoras Claudete Beise Ulrich e Elizete da Silva[17] têm discutido acerca dos locais de sociabilidade e educação possíveis para essas personagens no seu tempo. Este é um grande desafio, pois o campo de estudos de mulheres e reformas religiosas no Brasil ainda é bastante delimitado. No entanto, há pesquisadores que têm buscado nas raízes das reformas explicações para a religiosidade feminina em solo brasileiro.

---

[15] ABREU, Maria Zina Gonçalves de. *A reforma da igreja em Inglaterra:* acção feminina, protestantismo e democratização política e dos sexos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p.374.

[16] Professora de História da Reforma Protestante e Estudos Luteranos na Universidade de Helsinki, autora da obra *Women and the Reformation*, publicada por Wiley Blackwell em 2008.

[17] Ver SILVA, Elizete da. *As mulheres protestantes*: educação e sociabilidades. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 7, n. 21, p. 161-190, 11. e ULRICH, C. B. *A atuação e a participação das Mulheres na Reforma Protestante do Século XVI*. Estudos de Religião, v. 30, 2016, p.71-94.

Além disso, é válido também apontar para algumas autoras que, embora escrevam no campo da teologia, têm contribuído para a discussão das mulheres no período das Reformas Religiosas. Nesse sentido, pode-se mencionar Rute Salviano de Almeida, autora de Uma Voz Feminina na Reforma, publicado em 2010. Rute Salviano é uma representação de uma nova época na teologia contemporânea, que tem se preocupado com as discussões acerca da mulher enquanto um sujeito histórico ativo na trajetória do cristianismo.

Toda essa produção tem contribuído para o entendimento de como as realidades locais, políticas e econômicas exerceram influência nas novas denominações e de como esses fatores interferiram no modo pelo qual a nova religião foi incorporada em uma perspectiva de gênero. Entende-se, diante disso, que um evento tão importante no debate da História não deve ser estudado de uma maneira unilateral, pois muito se deixará de saber sobre como essas querelas afetaram profundamente a sociedade.

Deste modo, pretende-se discutir no tocante de como as ideias durante as reformas foram apropriadas por diferentes mulheres. Pergunta-se: houve de fato reformas para as mulheres? Se sim, de que forma? Como as diferenças teológicas foram incorporadas pelos sujeitos, homens e mulheres, considerando outros fatores, como classe e a questão geográfica?

Para isso, pretende-se analisar as vivências de Marie Dentière, teóloga protestante da Reforma de Genebra, e de Jeanne de Jussie, uma freira que atuava como secretária no convento de Santa Clara de Genebra e que depois tornou-se abadessa no convento de Annecy, na França. As duas personagens se cruzaram no processo de confessionalização da cidade de Genebra, vivenciando, inclusive, um momento de embate. Essa situação abre uma brecha interessante para se pensar as perspectivas distintas em primeira pessoa sobre o contexto em questão. Os documentos analisados serão a *Epistre très Utile* (1539), produzida por Marie (1495-1561) Dentière e a *Petite Chronique* (1526-1535), produzida por Jeanne de Jussie (1503-1561). Nos últimos anos foram publicados diversos trabalhos pensando a religiosidade feminina e a condição social da mulher nas Reformas a partir das experiências dessas personagens.[18]

---

[18] Ver LAZARD, Madeleine. *Protestations et Revendications Féminines Dans La Littérature Française du XVIe Siècle*. *Revue d'Histoire Littéraire de La France*, vol. 91, no. 6, 1991, pp. 859–77. Disponível em *JSTOR*, http://www.jstor.org/stable/40530755. Acesso em 15 Abr. 2023.
WILSON, Katharina. *Women Writers of the Renaissance and Reformation.* Athens and London: University of Georgia Press, 1987.
BACKUS, Irena. *Marie Dentière : Un Cas de Féminisme Théologique à l'époque de La*

A princípio, pretende-se discorrer acerca de suas produções de maneira mais apartada e, posteriormente, mobilizando-as em diálogos que se contrapõem, mas que também indicam semelhanças, ainda que raras. Ambas as experiências apontavam para a produção de significados na religiosidade feminina a partir das Reformas.

Réforme? Bulletin de La Société de l'Histoire Du Protestantisme Français (1903-), vol. 137, 1991, pp. 177–95. Disponível em *JSTOR*, http://www.jstor.org/stable/24297580. Acesso em 15 Abr. 2023.

SKENAZI, Cynthia. *Marie Dentière et La Prédication Des Femmes*. Renaissance and Reformation / Renaissance et Réforme, vol. 21, no. 1, 1997, pp. 5–18. Disponível em *JSTOR*, http://www.jstor.org/stable/43465104. Acesso em 15 Abr. 2023.

CAPÍTULO I

A CONDIÇÃO DA MULHER NOS TEMPOS DA REFORMA

1.1 Uma leitura religiosa sobre o feminino na Europa do século XVI

Joan Kelly postulou a questão, "as mulheres tiveram um Renascimento?".[19] Embora a existência de artistas como Artemisia Gentileschi (1593-1656) e da poetisa Louise Labé (1524-1566)[20] aponte para a atividade das mulheres nesse fenômeno, a autora destacou as diferenças nas experiências de homens e mulheres no Renascimento. Do mesmo modo, em um primeiro momento, pode-se dizer que as mulheres vivenciaram as transformações das Reformas de maneiras diferentes, porque eram estigmatizadas por uma compreensão que se tinha do seu gênero. Por isso, é preciso percorrer os pontos em comum que atingiram as mulheres neste momento.

A visão do feminino no século XVI estava fundamentada em um passado bem mais distante, que remonta ao período da patrística. Foi o discurso da Igreja que prevaleceu durante séculos e que atribuiu pensamentos particulares aos homens e às mulheres. Mas foi também devido à grande importância dada à religião que, em um momento de cisões, algumas mulheres se muniram de textos bíblicos para refutar os paradigmas que por muito tempo subsistiram, assim como fez Marie Dentière (1495-1561) em sua *Èpistre très Utile:*

> [...] Embora todas as mulheres tenham estado em imperfeição, os homens não foram isentos disso. Por que é necessário criticar tanto as mulheres, vendo que nenhuma mulher jamais vendeu ou traiu Jesus, mas um homem chamado Judas?[21]

Seguindo o longo rastro da misoginia, no século VII, Isidoro de Sevilha defendeu a superioridade masculina, argumentando que "A força e a racionalidade forneciam aos homens uma justificação - na verdade, obrigação - para governar. Essas duas qualidades dotavam o homem de poder e, inversamente, o poder transformar-se em marca do homem".[22] O

[19] KELLY-GADOL, Joan. Did Women Have a Renaissance? In: BRIDENTHAL, Renate; KOONZ, Claudia & STUARD, Susan; *Becoming Visible*: women in European History, Boston, Houghton Mifflin, p. 137-164, 1977.
[20] No rico contexto de produção cultural na Renascença, observam-se figuras como Artemisia Gentileschi, uma grande pintora italiana barroca, e Louise Labé, poetisa francesa que polemizou e deu destaque ao feminino em seus versos.
[21] "Et combien que en toutes femmes y ayt eu d'imperfection, ce no obstant les hommes n'em ont pas este exëptz. Parquoy que fault il tant jarfer des femmes? Veu que jamais femme n'a vendu ne trahy Jesus, mais um homme nomée Judas". DENTIÈRE,Marie. Epistre très Utile faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyée à la Royne de Navarre seur du Roy de France. Contre les Turcz, Juifz, Infideles, Faulx chrestiens, Anabaptistes, et Lutheriens. Anvers [Genève]: Martin L'Empereur [Jean Girard], 1539.
[22] SALISBURY, Joyce E. *Pais da Igreja, Virgens independentes*. São Paulo: Scritta, 1995, p.41.

pensamento do bispo de Sevilha não era um fato isolado, visto que encontrou respaldo também nas visões de Tertuliano, Cipriano, Ambrósio e Jerônimo acerca das relações entre os sexos.

A linha em comum entre os citados Pais da Igreja repousa sobre a perspectiva dualística da sexualidade humana. Ao contrário do dualismo gnóstico, que entendia o mundo como uma dicotomia entre bem e mal, assim como a existência de um Deus bom e outro mau, esses homens atribuíram essa mesma oposição ao relacionamento humano depois da Queda. Ou seja, após a experiência com o pecado, homem e mulher teriam se inserido em uma lógica que contrapunha o espiritual e o carnal. Logo, se a força e a racionalidade, características positivas, eram atribuídas ao homem, restava às mulheres carregarem em si a mácula do pecado, já que fora Eva quem dera ouvidos à serpente no Jardim do Éden.

> Assim, as mulheres eram acusadas por ser o que eram, não pelo que fizessem. Por isso, pessoas como Tertuliano podiam caracterizar as mulheres como "o portão do Diabo", e sugerir que usassem roupas de luto todo o tempo como penitência pela "ignomínia" [...] do pecado original e a vergonha de ser a causa da Queda humana.[23]

Entendia-se que, como descendentes de Eva, as mulheres seriam, então, mais tendenciosas a subverter qualquer ordem pré-estabelecida. Essa constatação gerou e alimentou durante muito tempo sentimentos de medo e desconfiança com relação a elas. No entanto, apesar do perigo que supostamente ofereciam, as mulheres portavam também características que, segundo o entendimento de pensadores da patrística, lhes conferiam uma posição de passividade e subserviência. Sendo assim,

> A ordem natural da dominação e do poder masculinos se restabelecia em razão da natureza particular da sexualidade da mulher, que era vista como aberta e receptiva, fornecendo, assim, uma lógica metafórica para sua passividade e submissão. A metáfora de as mulheres sexuais serem "abertas" permeia todo o pensamento patrístico sobre a sexualidade, e essa abertura se estendia a ponto de incluir coisas como a tagarelice, ou seja, mulheres com bocas abertas. Tertuliano deu um exemplo gritante da força da associação entre mulheres com bocas abertas, ou tagarelas, com a lascívia, definida como abertura nas mulheres.[24]

É preciso entender a religião cristã como base na construção social no Ocidente, para observar que os padrões de masculinidade e feminilidade também seguiram uma lógica que foi balizada na narrativa religiosa. A hermenêutica aplicada, por vezes, olhou para as mulheres como sujeitos que deveriam ser reprimidos, e foi nesse viés que o discurso da Igreja prevaleceu durante séculos e que atribuiu pensamentos particulares aos homens e às mulheres. A imposição de arquétipos comportamentais baseados nesse sistema de crenças tornou-se

[23] SALISBURY, Joyce E. *Pais da Igreja, Virgens independentes*. São Paulo: Scritta, 1995, p.44.
[24] SALISBURY, Joyce E. *Pais da Igreja, Virgens independentes*. São Paulo: Scritta, 1995, p.45.

elemento determinante para a manutenção de uma ordem social que excluía aqueles que contestassem o padrão de qualquer maneira.

Diante disso, em uma sociedade com papéis definidos por sexos, as mulheres deveriam assumir uma postura contida, ao mesmo tempo em que deveriam ser fortemente policiadas, a julgar pela sua predisposição a corromper-se, bem como a todos aqueles ao seu redor. Os estudos de Jean Delumeau sobre a concepção do feminino entre os séculos XIV e XVIII apontam para a permanência desse tipo de pensamento em longa duração. Referindo-se às mulheres como um dos agentes de Satã,[25] o autor propôs a discussão de como esse grupo era considerado como algo que deveria ser temido e dominado, em uma conjuntura cujo medo era um método pedagógico para o controle social. Assim como nos primórdios da Igreja, nesse contexto, as mulheres também estavam cobertas por discursos que as demonizavam e criminalizavam.

Um dos exemplos da força da repressão contra as mulheres foi organizado e materializado no final do século XV. Em 1484 foi publicado, por Jacob Sprenger e Heinrich Kramer, o *Malleus Maleficarum*, um manual para identificação e combate às bruxas. A obra foi dividida em três partes: as duas primeiras explicam minuciosamente o perfil das bruxas e suas práticas, já a terceira parte foi dedicada às práticas de repressão contra os crimes de bruxaria. A hostilidade contra as mulheres é mais uma vez identificada na medida em que embora o Martelo das Feiticeiras se tratasse de um documento que se ocupava das práticas de bruxaria, como traz no próprio título, era-lhe também intrínseco um registro de como as mulheres eram entendidas como seres sujeitos à desconfiança de todos.

Segundo o texto, as bruxas eram mulheres eleitas pelo próprio Diabo para lhe servirem em vida, e estavam constantemente envolvidas em rituais macabros marcados por orgias e manifestações demoníacas. Mas por que essa prática acaba sendo majoritariamente associada ao feminino? Novamente a resposta remonta ao Gênesis e assemelha-se aos argumentos expostos no período da patrística. Os autores se escoram em leituras do Antigo Testamento para apontar que as mulheres herdaram a natureza corrompida de Eva e que essa fraqueza inata as tornava mais suscetíveis à incitação demoníaca e ao malefício. Kramer e Sprenger argumentam que

> A razão natural está em que a mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnais. E convém observar que houve

[25] DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

> uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é um animal imperfeito, sempre decepciona e mente. Pois diz Cato: "Quando uma mulher chora, está urdindo uma cilada." E prossegue: "Quando uma mulher chora, trabalha para enganar um homem". O que é demonstrado pelo caso da mulher de Sansão, que o persuadiu a lhe contar o segredo de sua força para depois apresentá-lo aos filisteus, assim enganando-o. E claro está que a primeira mulher tinha pouca fé; porque, quando a serpente lhe perguntou por que não comia de todas as frutas do Paraíso, ela respondeu: "Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas... para que não morrais." Demonstrando assim que duvidava e que pouca fé tinha na palavra de Deus. E tal é o que indica a etimologia da palavra que lhe designa o sexo, pois Femina vem de Fe e Minus, por ser a mulher sempre mais fraca em manter e em preservar a sua fé. E isso decorre de sua própria natureza.[26]

O *Malleus Maleficarum* foi escrito tempos antes de a Igreja se fragmentar em decorrência do protestantismo. Todavia, os protestantes, por sua vez, não devem ser considerados à parte de toda essa ação. Independente das discordâncias doutrinárias com a Santa Sé, eles muitas vezes se aproximavam de seus opositores no que tange à perseguição das mulheres acusadas de cometer práticas mágicas. Keith Thomas mostra como o declínio da magia foi tecido em uma sociedade já marcada pelas ideias reformadas nos séculos XVI e XVII, evidenciando que a suspeita contra as mulheres era um traço comum a ambos.[27]

Apesar das inúmeras razões para reprimi-las, criminalizá-las e demonizá-las, havia também outros padrões de comportamento que poderiam assegurar uma mulher como um indivíduo de boa índole, mas não menos misóginos. Os perfis considerados aceitáveis ilustravam outra face da misoginia característica aos discursos sobre gênero nessa época. Ora, se por um lado havia a violência na depreciação do feminino, a concepção de um tipo ideal de mulher também revelava um caráter de sufocamento da liberdade dessas pessoas, sendo uma forma de repressão com outros delineamentos. Sem sombra de dúvidas, um dos maiores exemplos propagados era o da Virgem Maria.

A mãe de Cristo foi considerada um farol para que as mulheres pudessem navegar em segurança no mar tenebroso em que consistia o ser mulher. Esperava-se que a Virgem fosse uma demonstração a ser seguida para a redenção do feminino, um meio para alçar graça e mostrar-se aceitável diante de Deus e da sociedade. É nesse sentido que a maternidade ganha também um papel fundamental, não pelo reconhecimento da fertilidade como uma dádiva em si, mas como um caminho para redimir-se de sua condição natural. Posto que, se o pecado

[26] KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*: Malleus Maleficarum. Tradução de Paulo Froés - 28.a ed. Rio de Janeiro: Record, 2017, p. 94 e 95.
[27] THOMAS, K. *A Religião e o Declínio da Magia.* São Paulo: Cia das Letras, 1991.

entrou no mundo por meio de uma mulher que deu ouvidos ao mal, a redenção da humanidade chegou à Terra por outra que deu ouvidos ao Criador e cumpriu seus preceitos.

O nascimento de Cristo é, portanto, narrado de uma maneira em que o ato de dar à luz é convertido em um método de expurgar os pecados, desde que, é importante frisar, a concepção estivesse de acordo com regras pré-estabelecidas pela Igreja, ou seja, dentro do casamento.

O matrimônio foi a via estabelecida para remediar a mácula que supostamente todas as mulheres traziam, pois dentro dos padrões sacramentados e logrando êxito na maternidade, seria possível encontrar a tão desejada remissão dos males. Na relação conjugal o papel da mulher se restringia a gerar filhos, fora isso, elas deveriam permanecer discretas, longe dos olhares públicos, cuidando dos afazeres que lhes foram incumbidos, sem mais. O ato sexual não podia ao menos visar ao prazer, apenas a reprodução. Desse modo, conseguir casar-se era uma espécie de segurança social e espiritual. Social, uma vez que era entendido que as mulheres deveriam ter uma tutela masculina. E espiritual, pois o matrimônio, considerado um sacramento desde o século XII, legitimava a maternidade que sacralizava de certa forma as mulheres.

Mary Del Priori adentra essa discussão e coloca que o casamento era uma forma de adestramento para a reprodução, tanto biológica quanto cultural, pois a sacralidade atrelada ao matrimônio cerceou as práticas sexuais e os comportamentos que ameaçavam subverter a ordem segundo a qual homens eram superiores e mulheres, inferiores. Encarar as relações sexuais de outra forma que não com o objetivo de garantir uma descendência poderia ser um risco à subversão dessa ordem.[28] O valor em gerar uma criança era tanto que aquelas que por algum infortúnio não pudessem fazê-lo eram vistas como amaldiçoadas por algum pecado cometido. A esterilidade era encarada como um castigo divino e muitas mulheres preferiram tirar a própria vida do que conviver com essa realidade.

É fato que muitas mulheres fugiam à regra, sobretudo mulheres pobres que trabalhavam no campo ou nos centros urbanos. Para essas, o recolhimento no ambiente doméstico não era algo viável, pois precisavam sustentar-se e ajudar a família. Mas, ainda

[28] DEL PRIORI, Mary. *Ao Sul do Corpo.* Condição feminina, maternidades e mentalidade no Brasil Colônia. Brasília, Rio de Janeiro: Ed UnB, José Olímpio, 1993.

assim, o trabalho não era fator justificável para mudarem seu *status quo*. Elas eram trabalhadoras, mas ainda eram mulheres, sujeitas aos mesmos filtros.

Além do casamento e da maternidade, existia outro caminho para uma vida de santidade: o convento. O cenóbio poderia ser um refúgio distante das tentações mundanas, um local de introspecção e proteção. Muitas meninas, ainda na infância, eram destinadas ao enclausuramento devido aos planos familiares, sobretudo aquelas que provinham de famílias nobres ou com boas condições. Havia também famílias que não podiam arcar com o dote e por isso casavam somente as filhas mais velhas, e ainda havia aquelas que enxergavam a inserção das filhas em uma vida religiosa como ascensão social, já que as filhas de famílias notáveis geralmente ocupavam altos cargos, como os de abadessa.[29]

A impossibilidade de arbitrar sobre a entrada nos conventos era uma verdade, contudo, muitas mulheres tomavam essa decisão espontaneamente, por entenderem que nenhum casamento terreno poderia se comparar a ter uma vida dedicada a Cristo. Esse perfil de mulheres esclarece que a vida religiosa não necessariamente era vista como um castigo.

Elas dedicavam dias a fio à oração, caridades e mortificação da carne, a fim de se aproximarem cada vez mais de uma plena condição espiritual. Pois, "sendo primordialmente carnais, elas tinham de renunciar a tudo que as definia como mulheres para tornarem-se espirituais",[30] por isso o princípio da clausura, correspondendo ao que os Pais estavam de fato defendendo, sugeria que, no caso das mulheres, "a santidade deveria ser encontrada no próprio interior, tanto no corpo, que deveria permanecer fechado sexualmente, como na casa, que deveria estar fechada ao mundo".[31]

As questões apresentadas sobre os perfis de mulheres foram sustentadas por um longo espaço de tempo. Mas no cerne das reformas religiosas que ocorreram no século XVI, os papéis desempenhados por elas passaram a ser repensados, levando a algumas mudanças em seu tratamento, ainda que não tenha ocorrido uma mudança estrutural.

As particularidades de cada grupo, católicos e protestantes, passaram a ser consideradas para se refletir acerca do papel social da mulher. Os reformadores, ao defenderem o exame das Escrituras para a prática da fé e a igualdade na salvação pela graça, viram-se diante da necessidade de pensar o papel das mulheres para além de um instrumento

[29] GODINEAU, Dominique. *Les Femmes dans la France Moderne*. Paris: Armand Colin, 2015, p. 124.
[30] SALISBURY, Joyce E. *Pais da Igreja, Virgens independentes*. São Paulo: Scritta,1995, p. 48.
[31] SALISBURY, Joyce E. *Pais da Igreja, Virgens independentes*. São Paulo: Scritta,1995, p. 132.

para a procriação. E dada à discordância com relação ao enclausuramento, tiveram também que refletir sobre os papéis designados para as partes em um casamento.

Do lado católico, foi preciso considerar um campo de ação mais amplo para o público feminino, visto que havia uma heresia a ser combatida pelo continente. A Santa Sé passou a ponderar acerca da função das mulheres no processo de enfrentamento do movimento reformado. Com isso, novas iniciativas foram postas em ação no intuito de incluir essas mulheres como agentes das mudanças. Em um contexto de tamanha instabilidade, onde postulados sólidos estavam sendo contestados, não cabia mais reproduzir na íntegra os pensamentos da patrística, tampouco omitir as mulheres das mudanças em curso. Novos tempos demandavam novas reflexões.

Como proposta da presente discussão destacam-se dois registros produzidos por mulheres, que remontam à Reforma de Genebra: a *Petite Chronique*, de Jeanne de Jussie (1503-1561), e a *Epistre très Utile*, de Marie Dentière (1495-1561). A documentação representa o que as mudanças engendradas poderiam representar para diversas mulheres.

Dentière e Jussie se cruzaram na situação da ocupação protestante em Genebra, encontro registrado explicitamente *na Petite Chronique.*[32] Já a *Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens*,[33] obra de Marie Dentière, dá indícios do mesmo encontro, mesmo que indiretamente. O primeiro documento é uma crônica que descreve os acontecimentos na cidade desde a década de 1520, até 1535, quando as freiras do convento de Santa Clara de Genebra, onde Jussie era uma das freiras, deixam Genebra em direção a Annecy, na França.

O segundo documento é uma ampla epístola que enfatiza questões de natureza teológica e política, tais como a contraposição entre as doutrinas protestantes calvinistas e os dogmas católicos, bem como entre outros grupos protestantes, como os luteranos. A epístola

---

[32] JUSSIE, Jeanne de. *The Short Chronicle*: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006. Ao contrário da epístola de Marie Dentière, o documento original de Jeanne de Jussie não está disponibilizado em plataformas digitais. Por isso, será trabalhada a tradução citada, que foi produzida a partir do documento original em francês. Outras publicações da crônica disponíveis online em francês não apresentam o texto integral.

[33] DENTIÈRE, Marie. Epistre très Utile faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyée à la Royne de Navarre seur du Roy de France. Contre les Turcz, Juifz, Infideles, Faulx chrestiens, Anabaptistes, et Lutheriens. Anvers [Genève]: Martin L'Empereur [Jean Girard], 1539. Disponível em: Musée historique de la Réformation, Genève / Epistre tres utile faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyée à la Royne de Navarre seur du Roy de France. Contre les Turcz, Juifz, [...] (e-rara.ch)

traz também uma reivindicação quanto ao papel dos governantes no caos instaurado pelos conflitos religiosos e dedica-se também a tratar da religiosidade feminina.

Ambos os documentos podem ser entendidos como registros de que as mulheres tiveram uma reforma, pois os eventos narrados geraram impactos específicos para elas. Freiras sofreram com as mudanças religiosas e as mulheres protestantes integraram um novo estilo de vida, pautado na leitura bíblica e na ênfase ao matrimônio. Independentemente de juízos sobre os benefícios e/ou malefícios dessas mudanças para as mulheres nelas inseridas, o fato é que houve mudanças. Para melhor compreendê-las é preciso, portanto, observar o contexto histórico de Genebra, palco dos acontecimentos que envolveram as duas personagens em questão.

1.2 - O contexto da Reforma em Genebra: as confessionalizações protestantes.

O contexto da Reforma em Genebra alinha mudanças políticas que culminaram, também, em mudanças religiosas. O rompimento com Roma e o embate com o imperador não significaram de maneira alguma que, com o advento das Reformas, religião e política se distanciaram. Essa noção é inexistente no recorte histórico em questão. Em Genebra, a política foi repensada com o viés dos protestantes, buscando entender como seriam as relações com as estruturas pré-existentes nos territórios abarcados pelas Reformas. De acordo com R. Luis Rodrigues, esse fenômeno confessional tornou-se abrangente para explicar a fé e também mesclou diferentes gêneros de poder.[34]

No intercurso dessas mudanças surgiram diversas Confissões de Fé, por parte dos grupos protestantes. Esses documentos eram declarações públicas de uma perspectiva de fé cada vez mais sistematizada. Desse modo, as noções declaradas passaram a atuar na confessionalidade das regiões que adotaram tais Confissões, ou seja, projetaram os princípios que norteavam os comportamentos e as relações entre os mais distintos grupos envolvidos. Os fatores, que associavam teorização e prática da fé, delinearam o que se chama de processos de confessionalização:

> Tais processos de confessionalização teriam a ver com os contextos, mecanismos e dinâmicas nas quais e pelos quais os grupos religiosos oriundos da cristandade

[34] RODRIGUES, Rui Luis. *Os processos de confessionalização e sua importância para a compreensão da história do Ocidente na primeira modernidade (1530-1650).* Revista Tempo, v. 23, 2017, p. 1-21.

> dividida se estruturaram dando expressão específica às suas identidades religiosas e ensejando mudanças significativas nas práticas sociais.[35]

A tese da confessionalização, desenvolvida na década de 1970 pelos alemães Heinz Schilling e Wolfgang, discute, entre outros aspectos, o impacto das Reformas no desenvolvimento dos Estados Modernos[36]. Não se pretende aqui fazer uma discussão acerca da construção dos Estados Modernos de confissão protestante, mas identificar a convergência da teologia com as práticas político-sociais que futuramente resultariam em novos mecanismos de controle e disciplinamento social.

Diante do que tem sido exposto, percebe-se que a partir da segunda década do século XVI a Europa tornou-se um espaço fértil para diferentes vieses doutrinários: "cada região era uma cristandade governada por sua própria compreensão particular do cristianismo".[37] Essas confissões foram refletidas pela pluralidade existente a partir da divisão da cristandade em diferentes denominações religiosas.

Assuntos como a transubstanciação dos elementos eucarísticos, pedobatismo e credobatismo,[38] mas também debates como o governo eclesiástico e a relação da igreja com o governo secular preencheram as pautas de homens e mulheres que se debruçaram sobre as transformações em curso. E foram as conclusões acerca desses temas que moldaram, pouco a pouco, novas dinâmicas sociais por toda a cristandade fragmentada.

Portanto, se a diversidade teológica se faz um ponto primeiro para se discutir e compreender a heterogeneidade desses fenômenos, a compreensão das relações políticas que lhes eram inerentes aponta para a pluralidade em outro prisma: como essas teologias abraçaram ou modificaram as estruturas políticas e sociais em suas respectivas regiões? Haja vista que as confissões passaram a agir como uma bússola na religiosidade e também atuaram como indicadores de pertencimento.

A teologia isolada não é elemento suficiente para compreender as variantes desses movimentos, tampouco uma análise centrada somente nos aparelhos de governo dá conta de

---

[35] Idem, p. 14.

[36] LIEBEL, Silvia. *Abrir janelas nas almas dos homens*: notas historiográficas nos 500 anos da Reforma Protestante. História Unisinos 24(3):418-431, Setembro/Dezembro 2020.

[37] "Each region was a Christendown governed by its own particular understanding of Christianity". (MCGRATH, Alister. *Christianity Dangerous Idea*: The Protestant Revolution. A History from the Sixteenth Century to the Twenty-First. New York: HarperOne, 2007, p. 102).

[38] As discussões sobre transubstanciação envolvem as ideias contrárias se Cristo estava presente materialmente no momento da eucaristia. Enquanto que pedobatistas e credobatistas discordam acerca do momento em que um indivíduo deveria ser batizado: se ainda criança, ou em uma idade onde tivesse ciência do significado deste ato.

explicar como tantos sujeitos puderam ser incorporados nessas transformações. É necessário ler a política pelos olhos da teologia e vice-versa, sem jamais desconsiderar essa simbiose.

A profissão de uma determinada confissão implicava no abraçamento de uma determinada teologia, mas também na inserção de indivíduos em uma teia de diferenciação, produzida a partir do entendimento doutrinário de cada grupo, característica fulcral nos processos de confessionalização na Europa Moderna. No processo de estruturação e consolidação dessas novas vertentes, muitas divergências se evidenciaram no debate político-religioso, como as existentes entre os reformadores magistrais e radicais:

> Percebemos que esses movimentos, que passaram a ser chamados de protestantes, quando analisados numa perspectiva posterior, se dividiram em duas grandes correntes: A denominada reforma magisterial e a denominada reforma radical, que, por sua vez, se subdividiram em três grupos. Do lado magisterial: Os luteranos - que são os seguidores de Martinho Lutero (1483-1546) e Phillipe Melanchton (1497-1560); os reformados - que são os seguidores de Zwínglio (1484-1531), Calvino (1509-1564) e Knox (1514-1572); e os anglicanos – quando o rei Henrique VIII (1491-1547) formou a Igreja nacional na Inglaterra com apoio de teólogos como Tomás Cranmer (1489-1556) e William Tyndale (1484-1536). Do lado radical: Os racionalistas, seguidores de Karstaldt (1486-1541); os espiritualistas, seguidores de Thomas Müntzer (1489-1525); e os anabatistas, seguidores de Conrad Grebel (1498-1526) e Félix Manz (1498-1527).[39]

Em síntese: "As reformas magisteriais (luteranos e reformados) tinham como característica uma aproximação com os magistrados, que poderiam operar em favor da igreja de modo a suprimir heresias e manter a ordem".[40]

Já os reformadores conhecidos como radicais tinham um apelo mais combativo no que tange aos assuntos políticos, como observa o estudo de Engels sobre Thomas Müntzer (1489-1525), teólogo da região da Baviera que ficou conhecido por atuar como líder dos camponeses rebeldes. O escritor realiza uma análise do reformador, enxergando-o como um incentivador da luta de classes. Engels trata a Reforma alemã como um dínamo para a eclosão de movimentos sociais e chama Lutero de traidor do campesinato.[41] A Guerra dos Camponeses é tratada como um evento motivado por conflitos sociopolíticos, potencializados pela Reforma. Nesse contexto, Müntzer teria impresso o caráter revolucionário do movimento e Lutero, por sua vez, teria subtraído esse caráter diante do seu discurso posicionado contra a resistência armada para com os magistrados

[39] RAMOS NETO, J. O. *O conceito de Reforma Protestante na historiografia.* História Revista, Goiânia, v. 24, n. 1, 2019.
[40] MCGRATH, Alister E. *O Pensamento da Reforma*: Ideias que influenciaram o mundo e continuam a moldar a sociedade. Editora Cultura Cristã: São Paulo, 2014, p. 25.
[41] ENGELS, Federico. *La guerra campesina en Alemania*. Moscú: Editorial Progreso, 1981.

De outro modo, essa postura radical poderia ser representada também com o não envolvimento de cristãos com os cargos de magistrados, perspectiva defendida pelos anabatistas. Como está claro no próprio documento confessional desse grupo, os "verdadeiros cristãos" não deveriam se envolver com as questões da espada, por isso, não deveriam incorporar questões cabíveis ao governo somente.

Dependendo do local de que se fala, as mudanças políticas acarretadas pelas Reformas implicaram em levantes, rebeliões e até mesmo imprimiram certo caráter revolucionário nos movimentos religiosos, tanto no que diz respeito à oposição catolicismo x protestantismo, quanto entre as facções protestantes. Em alguns lugares, como a Dinamarca e a Suécia, essas mudanças ocorreram por vias mais pacíficas. Já no caso da Escócia, França e Genebra, objeto de maior atenção aqui, verteram-se em ritos de violência, alternando entre predomínios católicos e protestantes.[42]

O cientista político Quentin Skinner ocupou-se, além de outras questões, em avaliar as vias pelas quais tais transformações religiosas engendraram modificações nas estruturas sociais e políticas na Europa Ocidental na primeira metade do século XVI. Percebe-se com a contribuição do autor que as estratégias a fim de se alcançar legitimidade para a profissão de fé e as ações de resistência diante da criminalização da religião foram, em grande medida, marcadas pela confessionalização em um processo longo e complexo.

Em 1529, na dieta de Speyer, o imperador Carlos V persistiu em sua intenção de realizar um retorno forçado dos luteranos ao seio da Igreja Católica. À vista disso, os príncipes das cidades alemãs que haviam aderido ao luteranismo viram a urgência de buscar meios viáveis para resistir a tamanha imposição. Não obstante a gravidade da situação, não houve uma reação rápida e comum a todos os luteranos:

> Assim, em fins de 1530, Lutero e os outros líderes da Reforma alemã viram-se em face de duas teorias distintas que alegavam a legitimidade da oposição ao imperador - a teoria constitucionalista formulada pelos hessianos e a teoria do direito privado utilizada pelos juristas da Saxônia. Além disso, viram-se pressionados de todos os lados para que reconsiderassem seus escrúpulos a respeito da ideia da resistência pela força.[43]

[42] DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo.* Sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
[43] SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 474.

Lutero se mostrava antagônico no que dizia respeito à resistência armada para com as forças imperiais. Era sua convicção que todas as autoridades foram estabelecidas por Deus e, desta forma, a reação seria uma falha contra o próprio Deus:

> Não é de modo algum apropriado a quem quer que pretenda ser cristão opor-se à autoridade de seu governo, não importando se o governo age certo ou errado, pois mesmo que Sua Majestade Imperial aja injustamente e de modo contrário ao seu dever e a seu juramento, esse fato não abole a autoridade do governo imperial, e tampouco suprime a necessidade da obediência.[44]

Mas apesar da insistência do reformador no que tange ao posicionamento passivo diante das investidas de Carlos V, no decorrer da década de 1530 as pressões por parte dos príncipes protestantes tornaram-se insuperáveis pelos seus argumentos. O imperador do Sacro Império avançava no seu projeto de restabelecimento do catolicismo, vencendo os turcos e criando alianças com o rei da França. Logo, o empenho de juristas e teólogos protestantes de viés luterano resultou em interpretações da lei que validaram a resistência armada, ganhando apoio, ainda que contrafeito, do próprio Martinho Lutero:

> Como resultado desse debate, realizado no Palácio de Torgau entre 25 e 28 de outubro de 1530, Lutero redigiu de próprio punho uma capitulação formal, assinada também por Jonas e Spalatin. Aceitam que a questão da resistência legítima "tinha sido resolvida por esses doutores da lei" e que "seguramente estamos naquelas situações em que [...] se "até agora tenhamos ensinado a não resistir em absoluto à autoridade do governo", alegando que "não sabíamos que a própria lei da autoridade dirigente admite o direito da resistência armada". Assim, concluem que, como "sempre pregamos diligentemente que essa lei tem de ser obedecida", então "nesse caso é necessário lutar, mesmo se o próprio imperador nos atacar".[45]

Os conflitos entre as forças luteranas e imperiais, a despeito dos esforços legais para legitimar a resistência, só foram apaziguados na década de 1550, na Paz de Augsburgo. Carlos V, como rei de uma monarquia eletiva, o Sacro-Império, decidiu decretar que a religião local seria a religião do príncipe - *cuius régio, eius religio* - ante os perigos de uma fragmentação. Com esta feita, os príncipes luteranos eram livres para alinharem sua confissão aos territórios sob o seu poder e forjarem novos meios de organização social com base nos pressupostos doutrinários por eles defendidos. Assim, as igrejas luteranas na Primeira Modernidade seguiram em permanente diálogo com a política local.

No que diz respeito às regiões reformadas, de maneira análoga, não houve um consenso. As falas do próprio Calvino abrem margens para diferentes significações, influenciando, ainda que indiretamente, os comportamentos dos adeptos de sua teologia em

[44] SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 472.
[45] SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 475.

diferentes regiões. O jurista francês François Hotman recorreu à Lei Natural para afirmar que "os magistrados e representantes do povo têm o direito moral de resistir pela força a um governo tirânico, e esse direito fundamenta-se num direito prévio e natural do povo soberano [...]".[46]

Dentre a linha reformada, o calvinismo foi uma das tradições que mais se fortaleceu ao longo dos anos, alcançando tanto quanto ou até mais expressão do que o luteranismo. Uma das questões colocadas estava no fato de que os teólogos calvinistas ambicionavam expandir suas bases de apoio por todo o continente e criticavam o conformismo alemão em se limitar territorialmente com o império[47]. Além disso, divergiam também teologicamente, sobretudo no entendimento de Calvino sobre a predestinação e a Eucaristia, já que Calvino se aproximava do entendimento de Zwínglio,[48] o grande precursor da teologia reformada. O engendramento do que viria a ser o calvinismo remonta à década de 1530, uma vez que em 1536, o jovem humanista João Calvino foi convidado por Guillaume Farel, um dos nomes mais ativos na crítica contra o catolicismo, a ajudá-lo a organizar oficialmente a Igreja Reformada em Genebra.

A nova instituição foi fundamental no processo de consolidação do protestantismo na cidade e, assim como Calvino, Farel tinha forte influência zwingliana em sua teologia. O reformador de Berna, que morrera na guerra em 1531, tinha como um traço importante o entendimento de que a teologia deveria ser uma ferramenta para transformação política e social. Diferente dos reformadores radicais, os reformados criam na mobilização de lideranças políticas para implementação de reformas religiosas. Esse fator foi determinante para o êxito do movimento reformado em Genebra.

Até o começo da década de 1520, Genebra era um bispado fortemente vinculado ao ducado de Savoia. A política regional era uma questão familiar: o irmão mais novo, voltado à vida eclesiástica, ocupava o cargo de governante e recebia proteção militar e apoio comercial, enquanto devolvia em favores para o duque, seu irmão mais velho. Dentro de Genebra, o poder episcopal era representado também por um conselho que por vezes se via desfalcado, já

---

[46] SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 606.

[47] CAMERON, Evan. One Reformation or many? Protestant identities in the later Reformation in Germany. In GRELL, Ole Peter; SCRIBNER, Bob. *Tolerance and Intolerance in the European Reformation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

[48] Para Calvino, a salvação da alma não ocorria por meios meritocráticos. Na perspectiva do reformador, somente Deus poderia concedê-la segundo seus desígnios.

que o bispo era chamado para prestar serviços em Roma, na França ou até mesmo para tratar de assuntos do duque.[49] Os nobres de Savoia ganhavam admiração de boa parte da população local, a julgar pelos investimentos nas reformas do prédio da igreja e na construção do convento, que se destacava entre as construções da cidade.

No entanto, a admiração pelos duques não foi suficiente para manter os genebrinos em subordinação, pelo menos não todos. A constante ausência do bispo criou uma lacuna de referência política. Esse vácuo somou-se ao atrito do conselho municipal com os cidadãos, sobretudo alguns comerciantes que se viam constantemente em desvantagem em seus negócios, dadas as regras para o comércio que favoreciam aos aliados do duque de Savoia. O fato é que essas teias de relações comerciais fizeram crescer, pouco a pouco, a insatisfação daqueles que visavam estabelecer negociações formais, atendendo seus próprios interesses, sem tutelas.

Um novo desdobramento para esse impasse veio do Norte: duas cidades-estados de grande influência na confederação suíça, Berna e Friburgo, ofereciam boas possibilidades de negócios, além de uma vantajosa aliança militar, sobretudo Berna, que passou a oferecer mercenários para outras regiões da Europa.

As circunstâncias levaram, então, ao surgimento de partidários com aspirações acentuadamente opostas, um lado aliado à nobreza local, os *Savoyards, e* outro inclinado à confederação suíça.

Foi entendido, então, que o único caminho para romper com a hegemonia de Savoia era estabelecendo alianças externas. Ao formar essas alianças, uma porta subjacente foi aberta para a reforma religiosa adentrar a cidade. Nesse momento, sob liderança de Ulrich Zwínglio, Berna já havia adotado o protestantismo e se consolidado como uma cidade independente, do mesmo modo que Friburgo. Esses processos, entendidos como processos de confessionalização, marcaram a época moderna e configuram as transformações que sucederam nas cidades suíças, tendo Genebra como um de seus grandes exemplos.

Os opositores da família de Savoia entenderam, então, que o alcance da autonomia viria pelo rompimento com o governo local, ou seja, o bispo. No entanto, essa ruptura trouxe, ao mesmo tempo, uma renúncia ao catolicismo, de modo que renunciar ao governo local era sinônimo de vincular-se a outra fé. Ou seja, fortemente influenciados e apoiados pelas cidades

[49] KINGDON, Robert M. Was the Protestant Reformation a Revolution? The Case of Geneva. In *Transition and Revolution:* problems and issues of European Renaissance and Reformation History. Mineeapolis: Burgess Publishing, 1974.

protestantes, esses grupos começaram a se insurgir contra as manifestações do poder local, de modo que a aproximação com o protestantismo também significou uma forma de resistência política. Jeanne de Jussie narra:

> O ano da encarnação de nosso Senhor 1526, em março, veio à Genebra as Embaixadas de Berna e Friburgo para renovar a longa aliança com a Cidade de Genebra, que maldosamente se rebelou contra o ilustre Príncipe de Savoia, menosprezando total poder e senhoria.[50]

No que sucedeu, Genebra inseriu-se em um processo conflituoso que culminou com a adoção formal do protestantismo em 1536, afastando-se completamente da família de Savoia e também dos laços com a Santa Sé. Nesse intervalo de dez anos, muitos episódios intensos marcaram as transformações na cidade:

> Na quarta, quinta e sexta-feira [Outubro 5-7] os dois cantões de Berna e Friburgo chegaram em Morges, e causaram grande mal, pois de seu país, entraram na terra de monsenhor, e começaram a saquear e roubar coisas das pessoas pobres, e não deixaram trigo, vinho, carne, nem móveis pelas casas e castelos de nobres, e depois queimaram, o que não foi uma pequena perda.[51]

Jeanne de Jussie, a narradora desses eventos, era a filha mais nova da família de Jussie. Como muitas das filhas mais novas da baixa nobreza, tornou-se freira aos seus 18 anos e dedicou-se, desde então, com bastante veemência às atividades religiosas. O convento de Santa Clara, onde vivia, abrigava um pouco mais de 20 freiras e a rotina das irmãs era bastante silenciosa e voltada para meditação, orações e afazeres domésticos necessários à manutenção do espaço. Contudo, quando os movimentos de reforma começaram, essas mulheres vivenciaram, ainda que dentro dos muros do convento, um choque por discursos que vão de encontro a tudo aquilo que elas acreditavam.

Em sua narrativa, Jussie revela as visitas que ela e outras irmãs passaram a receber de mulheres adeptas ao protestantismo, que tentavam convencê-las a também aderir às novas doutrinas. Por vezes essas visitas eram feitas por familiares que queriam convencê-las a deixar o claustro e seguir outra forma de vida, que geralmente consistia em casar e ter filhos. Em contrapartida, as mensagens de apoio de amigos e parentes católicos também chegavam a

---

[50] In the year of the incarnation of Our Lord 1526, in the month of March, ambassadors from Bern and Fribourg renewed long standing alliances with the town of Geneva, which was wickedly rebelling against the illustrious Prince of Savoy, completely rejecting his power and lordship. JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p. 22.

[51] On Wednesday, Thursday, and Friday [October 5–7], the two cantons of Bern and Fribourg arrived in Morges and did much damage. For when they left their lands and entered Monseigneur's, they began to pillage, rob, and plunder the poor people, and they did not leave any wheat, wine, food, or furnishings in the houses, which was a very piteous thing. They pillaged and then burned the houses and castles of nobles everywhere, which was no small loss. Op Cit, p. 33.

essas mulheres. Beatriz de Portugal, a duquesa de Savoia, foi uma das maiores apoiadoras da manutenção do catolicismo em Genebra no auge dos conflitos com os protestantes. Assim como ela, outras mulheres católicas da cidade preocuparam-se em dar suporte às religiosas católicas diante da reforma que estava sendo implementada.

A escrita conventual produzida por Jussie visava registrar suas memórias, a fim de que no futuro outras pessoas pudessem ler e reconhecer que, apesar das investidas protestantes, ela e as outras freiras não abjuraram de sua fé. Até 1535 as irmãs do convento de Santa Clara de Genebra mantiveram suas rotinas no claustro, a despeito dos embates que aconteciam na cidade. Mas, chegando esta data, a pressão protestante e a obstinação das freiras em não ceder fizeram com que essas religiosas deixassem Genebra, rumo a Annecy, cidade francesa que se tornou a nova sede do bispo de Savoia. Lá ficaram estabelecidas no Monastério da Santa Cruz.

O destino das freiras aponta para o fato de que, à medida que os protestantes consolidaram seu domínio sobre a cidade, os vestígios do catolicismo foram sendo expurgados. No ano de 1535 as missas estavam oficialmente proibidas, os clérigos católicos remanescentes foram exilados e o conselho municipal subverteu completamente a autoridade do bispo, fazendo dessa organização a máxima autoridade política municipal.

Em 1536, quando João Calvino fora convidado por Guillaume Farel a ajudá-lo na organização da Igreja Reformada na cidade, foi possível ver de maneira clara que o catolicismo havia sido intencionalmente extinto daquela região A partir dessa nova instituição, novas dinâmicas de disciplinamentos foram constituídas e uma nova identidade foi forjada.

O novo consistório, com representantes eleitos anualmente, deveria zelar pela boa condução da cidade de acordo com o "verdadeiro evangelho". Dentre as ações de políticas públicas estavam a supervisão da conduta moral dos indivíduos, de modo que os prostíbulos foram fechados, e o matrimônio consensual foi incentivado, para evitar adultérios por parte dos cônjuges. Com a supervalorização do matrimônio, as freiras se viram ainda mais encurraladas a respeito do seu modo de vida na cidade. Não havia mais espaço para as mulheres que decidiam viver a vida religiosa apartada da cidade. A repressão ao catolicismo continuou também por meio de atos iconoclastas e repressão das manifestações da antiga religião oficial.

Nessa conjuntura, a família era entendida como o núcleo principal para o bom funcionamento da sociedade. Pais bem instruídos na doutrina ensinariam seus filhos, e estes seriam bons cidadãos. Por esta razão, os reformadores de Genebra viram-se diante da necessidade de repensar o papel das mulheres, e dada a discordância com relação ao enclausuramento, o casamento foi tomado como um assunto de enorme cuidado. Os homens que maltratavam suas esposas passaram a ser fortemente repreendidos, e até presos, pois esse tipo de atitude era visto como desonra ao nome de Deus.

Além da discussão acerca das famílias, outro ponto que ganhou atenção foi a instrução. Um dos pilares do protestantismo era a acessibilidade às Escrituras, para a compreensão da fé e obediência. Nesse momento é entendido ser necessário inserir cada vez mais pessoas, tanto homens quanto mulheres, no quadro de pessoas com mínimo letramento para a leitura da Bíblia e a educação cristã reformada dos filhos.

A reestruturação da cidade sob os ideais reformados abriu uma porta para que os indivíduos tivessem maior possibilidade de refletir individualmente com base nas leituras. Isso não quer dizer que lhes tiraram todos os entraves e que houve liberdade para debater o que quisessem, no entanto, é preciso entender, como pondera Roger Chartier, que os indivíduos dão significações diferentes a um mundo que é seu.[52] Essa constatação se aplicou, sobretudo, a mulheres que, embora fossem educadas para reforçar uma relação de dominação, tiveram a chance de desenhar novos significados para o seu papel social.

Ainda que na prática essas mulheres tenham encontrado inúmeros obstáculos, as mudanças em curso abriram precedentes para que elas pudessem ambicionar algo mais. A partir do momento que se defende uma liberdade de consciência, algumas mulheres entenderam que poderiam falar por si e defender seus pontos de vista.

Mas a cidade que pautou sua independência na resistência contra o governo católico teria agora que lidar com as diferenças entre os sujeitos que abraçaram a Reforma, o que não aconteceu sem reveses.

O panorama histórico nos permite ver que os processos de confessionalização redesenharam as relações políticas e religiosas na Europa Moderna. Esses processos tiveram impactos nos níveis institucionais, como as formas de governo e as configurações de liderança

[52] CHARTIER, Roger. Introdução. *História da vida privada, 3:* da Renascença ao Século das Luzes. Org. Roger Chartier; tradução Hildegard Feist. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 18.

religiosa. Mas, principalmente, afetaram o modo de vida das pessoas que se viram imersas em uma nova dinâmica social. Posto isso, deve-se apontar que as transformações religiosas trouxeram à tona novas questões, tais como: quando a intrepidez de mulheres no âmbito religioso era aceitável e quando era considerada uma ousadia? Com tantas mudanças, quais espaços de ação eram, então, viáveis para essas personagens?

1.3- Abordagens sobre a atuação feminina nos tempos das reformas.

Marie Dentière buscou pontuar na sua escrita a relevância da defesa da instrução das mulheres. A questão da instrução feminina mostrou-se um aspecto considerável quando líderes religiosos passaram a ponderar sobre as possibilidades de atuação feminina em um novo panorama. Mas a pauta em questão estava circunscrita em motivações que reforçaram o que se esperava das mulheres enquanto parte do corpo social: "a educação feminina era entendida como um meio de tornar as mulheres melhores companheiras para o homem, melhores mães e educadoras dos filhos e boas gestoras domésticas".[53]

De fato, a distinção nos processos de formação repousava sobre a clivagem do gênero, mas esse campo acabou por ser entendido como uma frente de ação para disseminação de ideias e sua defesa. Em outras palavras: as rupturas no campo religioso resultaram em uma reavaliação de como a educação deveria ser mobilizada para homens e para mulheres. Nesse momento, associar educação e religião é imprescindível, uma vez que o acesso à leitura, por exemplo, foi uma das pautas que norteou o debate entre católicos e protestantes em dada conjuntura.

"Educação da Mulher Cristã", produzido por Juan Vives, em 1523, é um dos maiores compêndios sobre educação da mulher no século XVI. A obra do humanista espanhol é direcionada à educação de Maria I da Inglaterra e avança contra o pensamento de inferioridade feminina, uma vez que defende que homens e mulheres não possuem capacidade intelectual diferenciada.

No entanto, os discursos acerca da castidade, da discrição e da não oposição à autoridade masculina são mais uma vez reforçados, já que o autor demonstra entender que o papel a ser desempenhado pelas mulheres está, sobretudo, na sua atuação dentro do lar como esposas e mães. Desse modo, Vives entendia que as mulheres instruídas não dariam vazão a

[53] ABREU, Maria Zina Gonçalves de. *A reforma da igreja em Inglaterra:* acção feminina, protestantismo e democratização política e dos sexos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 374.

ideias tidas como tolas, mas que esse processo deveria acontecer sob a tutela de um homem, e que mulheres instruídas não deveriam almejar a produção de conhecimento no espaço público.

Considerando que as duas partes devem buscar o conhecimento a fim de se verem livres da escravidão, ou seja, do pecado, o ambiente reformado traz uma particularidade interessante, pois ao mesmo tempo que há um estímulo para que as mulheres busquem conhecimento, observa-se também a demarcação de até onde essa educação pode ir. Segundo Marine Sonnet,

> Reclamando-se da autoridade das Escrituras para fundamentar a sua doutrina, Lutero, logicamente, aspira a que todos, homens e mulheres, recorram a elas, e, portanto, saibam ler. Neste sentido, a Reforma é a portadora de alfabetização. Mas, ao mesmo tempo que faz apologia da multiplicação de escolas elementares para raparigas e rapazes, Lutero fecha duplamente o espaço de saber tolerado às mulheres.[54]

A conclusão da autora se pauta no fato de que, assim como Juan de Vives, o reformador alemão concorda que a educação feminina seja voltada para o lar.

Enquanto isso, no ambiente católico, observa-se que as contendas entre os reformadores e o clero da Igreja de Roma refletiram em novas iniciativas para organizar uma reação contra os ataques no campo do discurso. Sobre isso Sonnet aponta que

> As decisões tomadas no Concílio de Trento (1545-1563) situam a reacção católica no próprio terreno do adversário protestante: a instrução dos fieis na doutrina correcta, desde a mais tenra idade. [...] Os reformadores católicos compreendem então o papel chave que a rapariga pode desempenhar num processo de reconquista religiosa e moral da sociedade no seu conjunto. Em cada uma está adormecida uma futura mãe, um potencial educador. Ela é a peça mais importante do dispositivo, visto que é chamada a transmitir a boa nova hoje ensinada. Esta tomada de consciência dá um impulso decisivo à generalização de uma instrução feminina que compreende pelo menos a leitura e o catecismo.[55]

À primeira vista não parece que existe uma diferença considerável entre o que protestantes e católicos pensam sobre como e para que uma mulher deve ser educada. Ambos demonstram envolver esses processos em uma dinâmica apologética. Sob esse aspecto, de fato a instrução de mulheres seria apenas mais uma peça em uma imensa engrenagem que movimentou por tempos as disputas religiosas.

---

[54] SONNET, Marine. "Uma filha para educar." In FARGE, Arlette & DAVIS, Natalie Zemon.(org.) *História das Mulheres – do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1994, p. 143.
[55] SONNET, Marine. "Uma filha para educar." In FARGE, Arlette & DAVIS, Natalie Zemon.(org.) *História das Mulheres – do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1994, p. 144.

É de imensa importância entender como as estruturas de poder moviam essas peças para cumprir seus interesses. Muni-las de instrumentos para a educação era algo que poderia dar margem a problemas futuros, sempre associados à subversão e má manipulação desses recursos a fim de influenciar negativamente aqueles que faziam parte do seu círculo.

Mas ao olhar por um ângulo onde essas peças são na verdade sujeitos ativos em um processo, ou seja, ao entender que as mulheres não ocupavam uma posição passiva, é possível abrir uma janela para algumas novas possibilidades.

O irrompimento das reformas retirou a legitimidade de instruir das mãos da Igreja Católica; com isso é possível reparar uma nuance entre os dois projetos. Embora o objetivo de educar mulheres tenha muitas semelhanças entre os grupos em questão, a iniciativa precursora dos protestantes de vulgarizar o acesso ao ensino põe em andamento um processo que é irreversível. "A fé protestante e a doutrina do direito à liberdade de consciência religiosa foram, no entanto, argumentos suficientes para justificar o direito de as mulheres escreverem e publicarem as suas experiências religiosas, opiniões e exortações".[56]

Mesmo que na prática essas mulheres tenham encontrado inúmeros obstáculos, o protestantismo abre precedentes para que elas almejassem algo a mais, e é nesse crivo que está o seu diferencial. A partir do momento em que se defende uma liberdade de consciência, elas entendem que podem e devem falar por si, defendendo seus pontos de vista e refutando verdades pré-estabelecidas a seu respeito.

Por isso é que as ouvir em primeira pessoa compõe parte fundamental na averiguação desse processo histórico. Jeanne de Jussie se mobilizara dentro do convento, Marie Dentière se deslocava constantemente e fazia uso do fundamento da liberdade de consciência. Ambas estavam no cerne do debate e suas trajetórias refletem traços sociais, políticos e religiosos do tempo em que estavam inseridas.

A posição social se mostrou também um fator viabilizador para atuações femininas. Muitas nobres, envolvidas pela atmosfera humanista e de reformas, se inclinaram ao debate de ideias, agindo ora como mecenas, ora como autoras, ou até mesmo dando proteção a indivíduos ou grupos pressionados por motivações religiosas. O fio condutor que leva à noção

[56] ABREU, Maria Zina Gonçalves de. *A reforma da igreja em Inglaterra:* acção feminina, protestantismo e democratização política e dos sexos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 141.

de como as mulheres da nobreza atuaram nesta conjuntura passa pela teia de influências e contatos que permeava as cortes europeias na Idade Moderna.

Daí observa-se que Margarida de Navarra (1492-1549), que refugiou João Calvino e trocou inúmeras cartas com o reformador, procurou interferir nas atitudes régias com relação aos grupos protestantes. A boa relação com seu irmão, Francisco I (1494-1547), foi por vezes uma ferramenta para atuar em favor de seus protegidos. Aos olhos dos reformadores, a rainha não era importante somente por seu apoio dado aos protestantes, mas pela possibilidade de ser um canal de comunicação com sua rede de relações políticas. A Epístola de Marie Dentière deixa claro que o fato de a monarca ser irmã do rei Francisco I da França era um recurso a ajudar, dada a influência política que poderia ser exercida:

> E, portanto, minha mui honrada Senhora, escrevo não para ensiná-la: mas a fim de que possa levar o problema ao Rei, vosso irmão, para obstruir a todas essas divisões, que são lugares reinantes, lugares e povos, sobre os quais Deus se comprometeu a reger e governar.[57]

Pierre Bauduin aponta que a rainha é uma representação diplomática muito complexa e de grande importância, e aqui é possível notar a pretensão de Dentière de manipular esse recurso. No entanto, apesar dos poderes inerentes à sua posição, o campo de atuação de uma mulher nobre, tal como Margarida de Navarra, tinha suas singularidades. Ela não podia simplesmente assumir uma posição pública em prol de determinado grupo ou efetuar uma ordem. Sua nobreza não dissolvia as restrições impostas ao seu gênero. Sobre isso, Bauduin também aponta que, embora ativos, esses indivíduos agiam sob tutela de seus maridos, pais ou irmãos.[58]

Além disso, os contornos políticos em Genebra dificultavam ainda mais as possibilidades de ação. Sobre isso Davis diz:

> As unidades políticas organizadas sob a forma de repúblicas, como Florença no início do Renascimento e Veneza, os cantões suíços e as cidades imperiais da Alemanha, eram os que proporcionavam menos lugares onde as mulheres pudessem exercer publicamente o poder político. Aqui, a influência política das mulheres

[57] Et pourtant, ma très honorée Dame, vous ay bien voulu ecrire nõ pas vous enseigner: mais affin que puissies predre peine envers le Roy, votre frere, pour obuier à toutes ces divisions, qui sont reignantes és lieux, places e peuples, sur lequelz Dieu l'à commis pour regir e gouverner. DENTIÈRE, Marie. L'Epsitre très Utile faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyée à la Royne de Navarre seur du Roy de France. Contre les Turcz, Juifz, Infideles, Faulx chrestiens, Anabaptistes, et Lutheriens. Anvers [Genève]: Martin L'Empereur [Jean Girard], 1539. Disponível em Musée historique de la Réformation, Genève / Epistre tres utile faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyée à la Royne de Navarre seur du Roy de France. Contre les Turcz, Juifz, [...] (e-rara.ch). Último acesso em 13/07/2021, p. 5.

[58] BAUDUIN, Pierre. Femmes, pouvoir et société au Moyen Âge: Régine Le Jan, Femmes, pouvoir et société dans le haut Moyen Âge. In: Annales de Normandie, n°3, 2003. pp. 261-264.

> apenas podia ser gerida de maneira informal, como, por exemplo, através da família e das redes de parentesco.[59]

No campo da escrita, a rainha de Navarra teve como uma de suas obras mais famosas *Le Mirroir de Alme Pecheresse*, onde a nobre ironiza os comportamentos da corte francesa a fim de apontar as hipocrisias que, em sua perspectiva, estavam presentes na religiosidade dos nobres ali.

Assim como os protestantes contavam com benfeitorias entre a aristocracia, algumas nobres católicas também intercederam em favor de seus correligionários. O investimento na construção e manutenção de conventos e a fundação de novas ordens são mais uma pista que leva ao campo de ação dessas mulheres. Jeanne de Jussie faz em seu prólogo uma reverência a Beatriz de Savoia, apoiadora do Convento de Santa Clara de Genebra:

> O que se segue é uma pequena crônica que contém uma pequena parte do que foi feito em Genebra por causa da *Eidguenotria* e hereges e da seita luterana, a partir de 1526, quando o Santo Padre Papa Clemente VII estava na Santa Sé Apostólica, e o mais ilustre, altíssimo, poderoso, e formidável Senhor Carlos III, e a mais ilustre e excelente Senhora Madame Beatriz de Portugal, sua mais nobre esposa.[60]

A influência familiar, o investimento material nas causas e o diálogo bem próximo com a produção intelectual são, sem sombra de dúvidas, recortes possíveis para vislumbrar a atuação das mulheres nobres durante as reformas. Mas como chegar nas vozes contemporâneas dessas mulheres que estavam inseridas em meios pouco privilegiados? Alguns "pontos fora da curva" permitem tal feito. Há o exemplo dos sermões de Katharina Schutz Zell, que transformou seu lar em um abrigo para reformadores em Estrasburgo, bem como em um espaço para cultos e debates. Marie Dentière, que teve sua epístola reconhecida, uma vez que a destinatária era Margarida de Navarra. E a própria Jeanne de Jussie, embora sua crônica só tenha sido publicada anos após sua morte.

Mas, ainda assim, as personagens citadas estão dentro da pequena porcentagem de mulheres letradas na primeira metade do século XVI. A maioria das mulheres, no entanto, só podem ser ouvidas por mediadores, e essa ausência de registros em primeira pessoa ecoa a

---

[59]DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo.* Sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

[60] The following is a short chronicle containing a small part of what was done in Geneva because of *Eidguenotry* and heretics and the Lutheran sect, beginning in 1526, when the Holy Father Pope Clement VII was in the Holy Apostolic See, and the most illustrious, most high, powerful, and formidable Lord Charles III, and the most illustrious, excellent Lady Madame Beatrice of Portugal, his most noble wife JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p. 37.

dificuldade de acesso à instrução, mas também a circunscrição de uma experiência religiosa ao foro íntimo, já que o público era um espaço masculino.[61]

Mesmo entre os protestantes, onde mulheres e homens passaram a poder participar juntos dos cultos, a participação feminina era delimitada. Por esta razão, é preciso um cuidado para filtrar as vozes a partir de narrativas na terceira pessoa, considerando a mentalidade da época e o posicionamento de quem fala, como os relatos de Jean Crespin (1520-1572), que apontam para 250 mulheres das camadas urbanas e camponesas que foram mortas em decorrência da sua conversão ao protestantismo e militância no movimento.[62]

Somado à questão de classes, há ainda mais um matiz a ser acrescentado ao prisma que se tem discutido: os fatores que despontam em contextos regionais. Como já abordado, as discrepâncias ensejadas pela teologia e pela política local repercutiram em práticas sociais e culturais bastante distintas. Nessas circunstâncias, as mulheres, por sua vez, também produziram uma significação dos eventos contornada, não somente pela questão do gênero, mas pelo espaço territorial onde se encontravam.

Observa-se, então, Argula Von Grumbach (1492-1568), que contestou, por meio de cartas, a proibição dos textos luteranos na Baviera. Seus confrontos com o reitor da Universidade de Ingolstadt viralizaram depois que foram impressos em milhares de cópias em forma de panfletos.[63] O território que hoje compreende a Alemanha vivenciou a divisão de suas cidades em ressonância à confissão de fé de seu governante, resultando em situação como a de Argula, que foi acusada por partidários católicos de estar na ausência de suas faculdades mentais, porque tal postura não era condizente para uma mulher. A despeito disso, Argula conseguiu alcançar o feito da publicação, já que estava em um contexto mais aberto a essa possibilidade.

O mesmo seria pouco viável para uma mulher em Genebra, por exemplo, pois os estatutos da cidade, orientados pelo consistório, não o permitiam, haja vista a censura da epístola publicada por Marie Dentière. Esse contraste ressalta que as possibilidades de atuação entre mulheres luteranas e calvinistas também são um tema que merece ser explorado mais a fundo.

---

[61] GODINEAU, Dominique. *Les Femmes dans la France Moderne*. Paris: Armand Colin, 2015, p.159.

[62] CRESPIN, Jean. Histoire des martyrs, persecutez et mis a mort pour la verité de l'Evangile, depuis le temps des apostres jusques à present, 1602. Disponível em Histoire des martyrs, persecutez et mis a mort pour la verité de l'Evangile, depuis le temps des apostres jusques à present. Comprinse en douze livres, contenant les actes Memorables du Seigneur en l'infirmité des siens... Nouvelle & dernière edition, reveuë & augmentee de grand nombre d'histoires omises es precedentes. Avec trois indices... | Gallica (bnf.fr)

[63] STJERNA, Kirsi. *Women and the Reformation*. New Jersey: Wiley Blackwell, 2008, p. 71.

Já nos Países Baixos, Anna Bijins (1493-1575) tornou-se a primeira autora na literatura de língua holandesa. Ainda no medievo, essa região era composta por cidades autônomas e independentes, sob o regimento do Sacro-Império. Depois do século XV, esses territórios foram submetidos ao domínio Habsburgo até que em 1550 as guerras implicaram em uma divisão, onde o sul permaneceu sob influência protestante e o norte, em 1579, se proclamou República das Sete Províncias Unidas da Holanda. O posicionamento católico de Anna Bijins era explícito nos poemas onde criticava o que chamava de heresia protestante.[64] Ela pôde atuar como educadora e administradora de uma escola primária.

Tratar de um fenômeno tal como foram as reformas religiosas na época moderna demanda bastante ampliação de perspectiva e um olhar crítico para identificar o quão multiformes foram esses eventos. Afinal, como essas mulheres, envolvidas por diferentes confissões, inseridas em diferentes classes sociais e radicadas em diferentes territórios, assimilaram e interpretaram todas as mudanças e os reveses?

Dentro de suas realidades, como elas agiram ou por que não agiram? As mudanças sociais, o insistente uso do discurso religioso, não para elevar a compreensão de fé de mulheres, mas para lhes impor tutela, demandam o resgate de discurso por elas, e não somente a reprodução de discursos sobre elas. A partir de agora será dada ênfase nas produções femininas em primeira pessoa, a fim de entender suas interpretações sobre as reformas. Para isso, os escritos de Jussie e Dentière serão retomados de maneira mais aprofundada.

[64] AERCKE, KRISTIAAN. Word as a Weapon in a Holy Mission: Anna Bejins. In VAN GEMERT, Lia; JOLDERSMA, Hermina; VAN MARION, Olga; VAN DER POEL, Dieuwke; VAN DER DUSSEN, Riet Schenkeveld. Women's Writing from the Low Countries 1200-1875: A Bilingual Anthology. Amsterdam University Press, 2010.

CAPÍTULO II
OS REGISTROS INSUBORDINADOS DE MARIE DENTIÈRE E JEANNE DE JUSSIE

2.1 - A Epístola Útil: um tratado de apologética pelas mulheres

Originalmente publicada em 1539, a *Epistre très Utile* hoje faz parte do acervo de impressos suíços do século XVI do Museu Histórico da Reforma em Genebra, integrado à Universidade de Genebra. O documento foi digitalizado e encontra-se disponível *online* desde 2012. Algumas anotações feitas manualmente na contracapa indicam Ernest Chavannes como um possível proprietário em 1870. Chavannes, de acordo com o Dicionário Histórico da Suíça, foi um ex-pastor que trabalhou na *Société évangélique de France* e que também foi membro da *Société d'histoire de la Suisse romande* desde 1858, onde publicou alguns estudos. Seu envolvimento com o meio de estudos protestante pode justificar o contato com o impresso de Marie Dentière, bem como sua doação para o acervo do Museu em 1883, pois a própria *Bibliothèque de Genève* (BGE), instituição fundada em 1559, o identifica como contribuinte.

Algumas anotações a lápis, também presentes na contracapa, indicam a identificação numérica atual da obra, bem como o nome da autora – Marie Dentière –, além da informação de que há uma cópia disponível em microfilme: *Existe en microfilm à la BPU.* Observa-se que BPU é a sigla para *Bibliothèque publique et universitaire*, como era conhecida a Biblioteca em questão entre 1907 e 2006.

Em 2004 a Epistre três Utile foi traduzida para o inglês como *Epistle to Marguerite de Navarre and Preface to a Sermon by John Calvin,* por Mary B. McKinley. Essa tradução compõe o projeto da Universidade de Chicago denominado *The Other Voice in Early Modern Europe*, que se ocupa em expandir as produções das personagens femininas na Era Moderna.

Marie Dentière nasceu em Tournai, região próxima à atual Bélgica. Embora pouco se saiba de sua família, os vestígios de sua trajetória apontam que ainda jovem ingressou no convento - assim como outras filhas “excedentes” -, onde foi instruída na leitura e na escrita. Enquanto estava no claustro, teve seu primeiro contato com panfletos da propaganda protestante, que se alastrava cada vez mais em uma velocidade arrojada pela imprensa. Os escritos de Lutero (embora tenha sido ao lado dos calvinistas que Marie se colocaria futuramente) lhes despertaram inquietações a ponto de abandonar os votos e a proteção da ordem.

Local de devoção e religiosidade, o convento também significava segurança e proteção em um mundo hostil, sobretudo com as mulheres.[65] Desse modo, o abandono dos votos significava abraçar uma vulnerabilidade de mão dupla: a exposição aos perigos mundanos, bem como o risco de ser categorizada como herege.

Temendo a represália, Marie buscou refúgio em Estrasburgo, cidade conhecida por seu status de liberdade religiosa. Casou-se pela primeira vez com Simon Robert, um jovem pregador com quem teve cinco filhos. Após a morte precoce de Robert, casou-se pela segunda vez. O novo cônjuge era Antoine Froment, um comerciante e aspirante a pastor que ficou conhecido por seu papel no processo de introdução e consolidação da Igreja Reformada de Genebra ao lado de Guillaume Farel e João Calvino. O casal mudou-se para Genebra no começo da década de 1520, e assim como seu marido, Dentière atuou intensamente nos movimentos da Reforma.

O novo consistório, com representantes eleitos anualmente, deveria zelar pela boa condução da cidade de acordo com a nova doutrina. Como já frisado, a implantação do protestantismo nesse contexto empreendeu uma série de reformas sociais, implicando em novas políticas públicas. Mas o cenário que parecia favorável à consolidação de uma Igreja Reformada não tornou fácil a missão de Calvino. Robert McKingdom menciona que o reformador havia se frustrado, pois achava que as pessoas ali tinham entendido que o evangelho consistia em quebrar estátuas e fazer ameaças.

Para Calvino, havia sido mais fácil fazer as pessoas crerem em algo diferente do que mudar seu comportamento[66]. O rigor que passou a ser exigido pela nova instituição resultou na expulsão de Farel e Calvino pelos próprios citadinos não conformados com o disciplinamento. Mas o receio de um possível retorno do controle católico sobre a cidade fez com que ambos fossem convidados a retornar em 1541 para dar prosseguimento ao que haviam começado.

Embora seja algo pouco difundido, Marie Dentière se projetou em meio a essas querelas como uma voz a favor dos reformadores que haviam sido expulsos. Foi antes do retorno de ambos, em 1539, que a protestante redigiu sua "Epístola Útil", documento que endereçou à rainha Margarida D'Angoulême, ou Margarida de Navarra (1492-1549). Um de

[65] GODINEAU, Dominique. *Les Femmes dans la France Moderne*. Paris: Armand Colin, 2015.
[66] KINGDON, Robert M. Was the Protestant Reformation a Revolution? The Case of Geneva. In *Transition and Revolution:* problems and issues of European Renaissance and Reformation History. Mineeapolis: Burgess Publishing, 1974, p. 69.

seus objetivos era interceder por alguma intervenção no caos ao qual a cidade estava mergulhada.

Margarida de Navarra (1492-1549) era frequentemente conhecida por investir em humanistas e dialogar com os reformadores. Simon Dubois, seu impressor, era conhecido por multiplicar muitas obras de propaganda reformada.[67] A boa relação com seu irmão, Francisco I (1494-1547), como observou Marie Dentière, foi por vezes uma ferramenta para atuar em favor de seus protegidos. Foi motivada por esse status de apoiadora da Reforma que a missiva lhe foi endereçada, considerando a urgência diante do cenário de hostilidade.

A obra de Marie Dentière foi editada e disponibilizada em formato impresso. Para João Luís Lisboa, "Seguir a história de um texto é, com frequência, constatar o modo como, pelos mais variados motivos, de manuscritos se fazem impressos e de impressos se fazem manuscritos".[68] A materialidade manuscrita ou impressa aponta para as intenções que envolviam a obra. Considerando que cada formato poderia atender melhor uma determinada finalidade, ao olhar para a tipologia do texto é possível entender a preferência por um tipo ao outro.

No percurso da concepção de uma obra até sua publicação impressa há uma malha de personagens envolvidos. Donald McKenzie refere-se à "recuperação da experiência humana" como a finalidade da análise dos textos,[69] pois em cada objeto escrito subjaz uma variedade de relações humanas, seus conflitos e crenças. Já na capa da epístola destacam-se o título da obra, ano, nome do editor, indicação de autoria, além da epígrafe "Lisez puis Julgez"; cada um desses elementos merece especial atenção.

O título *Epistre tres utile faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyée à la Royne de Navarre seur du Roy de France. Contre les Turcz, Juifz, Infideles, Faulx chrestiens, Anabaptistes, et Lutheriens*, além de indicar remetente e destinatária, faz alusão ao objeto central do exercício de apologética que é feito ao longo do texto. Observa-se que a obra é apontada pela própria autora como um material muito útil na argumentação contra todos os grupos que ela julgava coniventes com heresias ou, em sua perspectiva, descrentes.

---

[67] FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Ed. Usp, 2019, p 405.
[68] LISBOA, João Luís. Tanta virtude em papéis correndo. (Persistência e poder do manuscrito no Antigo Regime). In: ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura letrada no Brasil:* objetos e práticas. Campinas: Mercado de Letras, 2005, p. 278.
[69] MCKENZIE, Donald F. Bibliografia e a Sociologia dos Textos. São Paulo: Ed. Usp, 2018, p.15.

Sua intenção torna-se cada vez mais evidente na medida em que diversos textos bíblicos são citados para fundamentar sua crítica contra aspectos da religiosidade de determinados grupos: ao tratar da morte sacrificial de Cristo, por exemplo, são mencionados os quatro evangelhos bem como uma epístola do apóstolo Paulo aos Coríntios. Nesse momento a intenção se volta para deslegitimar as práticas de indulgências, tão frequentes à época, e que capitanearam muitas vezes os embates entre católicos e protestantes. A difusão de um material redigido por uma mulher e com temas tão sensíveis só foi possível graças à aquiescência do tipógrafo responsável, que tornou a teologia de Dentière um debate aberto ao meio público.

A edição da epístola foi atribuída a Martin L'Empereur, ou, Merten de Keyser, um tipógrafo que atuou em Paris e mudou-se para Antuérpia por volta de 1525. De acordo com informações disponibilizadas pelo British Museum,[70] foi L'Empereur quem publicou as primeiras traduções bíblicas francesas e flamengas. No caso francês, a tradução foi realizada pelo polêmico Lefèvre d'Étaples (1455-1536), líder da Reforma na França.

Muitos reformadores buscavam publicar seus escritos em zonas consideradas seguras, ou seja, onde havia ausência de censura nas tipografias e com editores que, em sua maioria, eram abertamente apoiadores da causa ou que aceitavam os perigos de reproduzir cópias de textos proibidos. Por outro lado, há de se frisar também que com a ampliação do comércio literário, quanto mais polêmica a obra, mais vasto o lucro – mas também os riscos. Martin L'Empereur se adequava a esse perfil: em 1534 imprimiu a obra *Livre de vraie et parfaite oraison,* que continha parte dos escritos de Lutero e já havia sido proibida pela Sorbonne. [71] Entre as situações de riscos e os ganhos, o editor compunha um grupo que crescia cada vez mais mediante os avanços do movimento reformado:

> Na mesma época, um grupo de impressores se especializa, na Antuérpia, na publicação de pequenos escritos de combate, em francês dessa vez. Vorstemann e sobretudo Martin de Keyseren (também chamado Martin L'Empereur) são os mais ativos nesse domínio. Este último, em 1528 e em 1530, encarrega-se de editar as traduções da Escritura que Lefèvre não podia fazer publicar na França; é ele que publica igualmente a tradução do Enchiridion de Erasmo, que se pensa ser a de Berquin. É ele sobretudo que faz, com Simon Dubois, figura especialista da edição dos pequenos manuais de edificação que se veem circular na França, antes de 1530, e que são talvez os melhores veículos do pensamento luterano.[72]

[70] Ver https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG183230.
[71] FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Ed. Usp, 2019, p. 416.
[72] FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Ed. Usp, 2019, p. 406.

O perfil de Martin L'Empereur pode justificar ter sido ele o impressor da obra de Marie Dentière. O documento corresponde exatamente ao que costumava sair de suas prensas: polêmico, combativo e censurado. E é esse último adjetivo que levanta outra questão importante, pois ainda na capa há uma informação valiosa - *Nouvellement imprimée à Anvers* - ou seja, é possível que a edição publicada na Antuérpia não tenha sido a primeira, o que diz muito sobre a conjuntura em que foi escrita.

Fazer-se ouvida (ou lida) era ir na contramão do que os líderes de Genebra consideravam adequado para suas cidadãs. Ao ter suas opiniões publicadas em formato impresso, a personagem em questão forçou sua entrada em um espaço de sociabilidade que lhe era restrito. Em determinados trechos, Dentière explicita a oposição de seus coligados protestantes:

> Não apenas alguns caluniadores e adversários da verdade quiseram nos acusar de grande audácia e temeridade: mas também alguns fieis dizem que as mulheres são muito ousadas em escreverem umas às outras sobre a Santa Escritura.[73]

De acordo com dados disponibilizados pela e-rara,[74] Jean Girard é outro nome indicado como impressor da *Espistre três Utile.* O tipógrafo teve grande visibilidade na cidade de Genebra, sendo um dos principais responsáveis por publicar os trabalhos de Calvino:

> Quando Farel e Calvino voltam a Genebra, a cidade conta apenas com algumas impressoras. Algumas oficinas modestas, equipadas com caracteres góticos como a de Wiegand Koehln, limitavam-se a imprimir livros de uso, peças soltas, almanaques. Farel ia logo reparar esse fato. Foi sem dúvida instigado por ele que Jean Girard, originário de Suse, instalava em 1536, na cidade, uma oficina tipográfica; já nesse mesmo ano, publicava o Novo Testamento em francês, depois os Salmos de David e a Instruction des enfants, aos quais se sucedeu uma quantidade de pequenos libretos de propaganda; a partir de 1540 e, sobretudo, em 1545, a atividade de Girard se tornava ainda mais importante. Sua produção comportava muitas obras de Viret e, sobretudo Calvino, do qual era editor nomeado.[75]

A visibilidade de Girard era notável até meados da década de 1540, quando a população local cresceu exponencialmente devido à chegada de imigrantes motivados pelas perseguições religiosas, sobretudo na França e na Inglaterra.[76] Neste grupo havia inúmeros

---

[73] "Non seulemant aucuns calumniateurs et adversaires de verité nous vouldrôt taxer de trop grande audace et temerité: mais aussi aucuns des fideles, dessas que les femmes sont trop hardies d'ecrire les une aux aultres de la Saincte Ecripture". DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539, p. 7.

[74] Ver Musée historique de la Réformation, Genève / Epistre tres utile faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyée à la Royne de Navarre seur du Roy de France. Contre les Turcz, Juifz, [...] (e-rara.ch)

[75] FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Ed. Usp, 2019, p 422.

[76] GRANDJEAN, Michel. Geneva: Jean Calvin and Théodore de Beze. In BEINTKER, M; LANGE, A. WELKER, M. *Europa Reformata*. Leipzig: Evangelische Verlagssanstalt, 2017, p. 173.

tipógrafos que passaram a instalar na cidade novas oficinas, fortalecendo ainda mais o status da cidade quanto fomentadora da literatura protestante – "[...] mas é sobretudo a partir de 1540-1550 que se estabelecem, a partir de Genebra, redes clandestinas encarregadas de difundir os livros impressos na cidade de Calvino".[77]

Há a perspectiva, então, de que o provável primeiro editor da Epístola de Marie Dentière tenha sido também o editor oficial do próprio João Calvino. Acostumado com os materiais de cunho teológico que publicava, os escritos da teóloga não lhe pareciam alheios: bem articulado, com citações precisas das Escrituras Sagradas e da doutrina reformada. Mas, diferente de todas as outras publicações, a autoria desta não era remetida a um homem. Existem ainda linhas muitos turvas que carecem de leitura sobre essa ocorrência. Não se sabe com precisão o porquê de o nome de Jean Girard ter sido substituído ou o que levou à busca por um novo impressor para uma nova publicação.

Contudo, os prováveis entraves com os quais a autora teve de lidar e que denunciou apontam para a seguinte percepção: o impresso se inclina em direção ao público e, nesse caso, era consenso que esse tipo de escrita não era tida como apropriada às mulheres. Era, de certa maneira, um exercício de poder, poder de protesto e intervenção. A ambição de uma mulher alçar voz era inaceitável para os líderes da cidade:

> O impacto social da Reforma, como eles o viam, era o de derrubar a classe clerical hierárquica e colocar na administração da Igreja, no lugar dela, pastores bem treinados e sólidos integrantes masculinos dos Consistórios. Isto era uma confusão demasiada para eles. E, do mesmo modo como os críticos católicos tinham citado a frase de Paulo, da Epístola aos Coríntios I, segundo a qual "as mulheres deviam manter silêncio nas igrejas" contra as mulheres protestantes que estavam lendo e falando sobre a Bíblia, agora os pastores reformados a citavam contra as mulheres protestantes que queriam pregar em público ou ter alguma posição específica na Igreja.[78]

As ambições de Dentière não miravam uma posição eclesiástica, para ela bastava o direito de escrever e instruir outras mulheres, o que fez questão de deixar claro:

> Se Deus concedeu a algumas pobres mulheres a graça de revelar a elas, por meio de Suas Sagradas Escrituras, alguma coisa boa e sagrada, não deveriam elas ousar escrever sobre isto, falar sobre isso e contar isto umas às outras? [...] Não é tolice esconder o talento que Deus nos deu?[79]

---

[77] GRANDJEAN, Michel. Geneva: Jean Calvin and Théodore de Beze. In BEINTKER, M; LANGE, A. WELKER, M. *Europa Reformata*. Leipzig: Evangelische Verlagssanstalt, 2017, p. 407.

[78] DAVIS, Natalie Z. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, p. 76.

[79] "Si Dieu dõcqs a faict graces à alcunes bõnes femmes, leur revelãnt par ses saictes escriptures, quelque chose saincte et bõne: ne l'oferõnt eles escrire, dire ou declairer les unes aux aultres? [...] et à nous faict trop follement

O livre debate para as mulheres sobre as Escrituras era o ponto central dos anseios da autora. E, ao olhar novamente para os elementos presentes na capa, nota-se que o recurso à imprensa não foi a única estratégia utilizada a fim de obter um amplo alcance na divulgação do conteúdo de sua obra. Sobre isso, a destinatária é quem endossa a discussão: *"Envoyé à la Royne de Navarre, soeur du Roy de France"*. A interlocução com uma nobre, conhecida pelo suporte que dava aos protestantes, foi outra tática da qual se valeu Marie Dentière e, à vista disso, há de se dedicar especial atenção sobre os elementos antroponímicos identificados no uso público da missiva.

O modo pelo qual as mulheres eram designadas informava muito sobre a sua posição social. De acordo com Iria Gonçalves, mulheres mais ativas e conhecidas no meio urbano eram, em sua maioria, tratadas pelo apodo, ou seja, pelo nome dado pela comunidade. Já as que eram pertencentes a famílias mais ricas e/ou nobres tinham outros apoios para a sua identificação e eram mais resguardadas e tuteladas.[80] Para mencionar a si própria, Dentière utiliza a identificação "mulher de Tournai", ou seja, refere-se a sua cidade Natal, algo típico também na identificação de mulheres menos abastadas.[81]

No que tange às mulheres mais abastadas, observa-se a presença de alguns componentes: o nome de batismo, geralmente sacralizado, e o patronímico, que legitimava a integração do indivíduo ao grupo familiar. O patronímico poderia ser também associado ao marido e, em alguns casos, ao irmão. No que diz respeito a Margarida de Navarra, foi sua relação com o irmão, rei da França, que ganhou destaque no espaço reservado ao destinatário. Para Marie, a irmã do rei poderia ser uma viabilizadora da escrita feminina, bem como da liberdade para o acesso mais amplo e democrático entre os gêneros aos estudos bíblicos.

O anseio pela legitimidade no campo da escrita é mais uma vez justificado pela epígrafe presente como mais um dos elementos componentes da capa – *Lisez puis jugez*. O termo "Leia e depois julgue" faz referência a um princípio seguido pelos reformadores no século XVI, de acordo com o qual as pessoas deviam ser aproximadas da leitura a fim de

---

de cacher le talet q dieu nous a dõné?" DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539, p. 12.

[80] GONÇALVES, Iria. Notas sobre a Identificação Social Feminina nos finais da Idade Média. Medievalista, ano 4, nº 5, dez/2008, p. 12.

[81] GONÇALVES, Iria. Notas sobre a Identificação Social Feminina nos finais da Idade Média. Medievalista, ano 4, nº 5, dez/2008, p.14

realizarem interpretações mais autônomas, diferente das leituras medidas, tão características no catolicismo.[82]

No caso de Dentière, é possível depreender que, para além disso, evoca-se uma leitura sem julgamentos pautados no gênero. Essa ideia justifica-se ao longo do texto, uma vez que a autora se mune de outros recursos para validar a autoria feminina. Mas, abordados os elementos pré-textuais da obra, é preciso voltar-se de igual modo para sua extensão: gênero textual, tamanho, fontes e disposição do texto, aspectos que matizam ainda mais o objeto sob análise.

Há motivações razoáveis para que o estilo epistolar e não outro gênero textual tenha sido escolhido pela autora. Os estudos epistolares no campo da historiografia têm recebido inúmeras contribuições acerca desta prática no século XVI; a ampla gama de trabalhos produzidos aponta para a riqueza particular desse tipo documental.[83] Mas ao que cabe aqui, alguns poucos aspectos parecem suficientes para justificar a referida preferência: a epístola pública era uma difusora de informação, ao mesmo tempo que cumpria uma função pragmática comunicativa. Além disso, sua versão impressa era mais facilmente replicada, uma vez que as prensas eram mais rápidas do que as cópias manuscritas.

A carta na primeira Modernidade, sob forte influência humanista, opera como uma "recuperação dos tratados retóricos de maneira clássica".[84] Sem deixar os traços de continuidade da *ars dictaminis,* as epístolas se tornaram um eficiente veículo para transmissão dessas reflexões. Por fim, a escrita de cartas era, basicamente, o campo disponível para as penas das mulheres, "o único meio – o menos interdito – de aceder a espaços ou a actividades a que não tinham acesso, pois lhes estavam vedadas".[85]

O documento está dividido em três seções: uma introdução, com uma saudação à rainha e a justificativa do texto; a segunda seção, denominada *Defense des Femmes,* que discorre, sobretudo, acerca do direito das mulheres nas discussões de cunho teológico, e a última*,* onde a autora disserta sobre sua perspectiva da fé cristã e reformada; a estrutura se

[82] KEMP, William. "L'épigraphe 'Lisez et puis jugez': Le 'libre examen' dans la Réforme française avant 1540." Forthcoming in the proceedings of the Sherbrooke Conference, June 2000.
[83] Ver MARTÍN BAÑOS, Pedro. La carta en el Renacimiento y el barroco. Guía bibliográfica. Cuadernos de História Moderna, p. 187 - 201, 13 feb. 2006.

[84]Idem. BANÕS, Pedro Martín. Familiar, retórica, cortesana: disfraces de la carta en los tratados epistolares renacentistas. Cuadernos de História Moderna, p. 7 - 7, 13 feb. 2006, p.18.
[85] SEARA, Isabel Roboredo. Da epístola à mensagem electrónica: metamorfoses das rotinas verbais. Tese de Doutoramento em Linguística: Universidade Aberta Lisboa, 2016, p. 47.

assemelha bastante à tradição medieval com os elementos que a compõem.[86] Aqui, será dada maior ênfase à seção *Defense des Femmes*, tópico que será abordado de maneira mais enfática adiante.

Todo o texto foi tipografado em moldes muito semelhantes à *littera antiqua*, que segundo Henri-Jean Martin e Lucien Febvre, tornou-se a escrita normal dos textos impressos em grande parte da Europa Ocidental. O espírito humanista torna-se também perceptível na Epístola, dada a frequência com que aparecem determinados elementos intertextuais: as margens são preenchidas por referências aos textos bíblicos para todo o argumento construído. Marie Dentière lia grego e hebraico e acreditava na relevância de recorrer a textos originais.

Dentière defendia também que os textos bíblicos deveriam ser usados como o primeiro e único respaldo para os debates teológicos, bem como seu acesso direto, a fim de refutar as intermediações efetuadas por clérigos católicos.

Além dos textos bíblicos, outro elemento intertextual é apontado na segunda seção: há uma crítica direta à obra de Publio Fausto Andrelini, um humanista italiano. Marie acusa-o de misoginia ao apontar que em seu trabalho, *Bucolica*, é feita uma generalização pejorativa das mulheres.[87]

Diante disso, entende-se que a teóloga não estava alheia aos debates de seu tempo, profundamente marcados pelas publicações de autores humanistas de diferentes localidades.

Ainda nessa perspectiva é preciso atentar para características como formato e tamanho: a Epístola foi editada in-8º, assim como muitos materiais que eram disponibilizados sob a intenção de rápida propagação e fácil manejo. A publicação epistolar em forma de livro é congruente com as intenções de expandir mais facilmente determinado tipo de pensamento:

> Se os antigos romances de cavalaria continuam a ser publicados em edições in-fólio ou in-4º, as poesias latinas dos humanistas, as obras de Marot ou de Rabelais, as de

[86] "Em detrimento de uma inegável diversidade, o discurso epistolar apresenta um número de constantes composicionais que integram a sua macroestrutura. (Bastará lembrar as cinco partes que constituíam a tradição medieval da carta*: salutatio, captatio, benevolentiae, narratio e petitio*)". SEARA, Isabel Roboredo. Da epístola à mensagem electrónica: metamorfoses das rotinas verbais. Tese de Doutoramento em Linguística: Universidade Aberta Lisboa, 2016, p. 32.

[87]DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539, p. 12.

> Margarida de Navarra e em seguida as dos poetas da Plêiade são publicadas em volumes de pequeno formato. É sob essa forma que os Adágios de Erasmo são propagados em toda a Europa, assim como os múltiplos panfletos que Lutero e os reformadores mandam imprimir para difundir suas ideias.[88]

Embora não tenha recebido o mesmo reconhecimento que os demais teólogos de sua época, Marie Dentière produziu e publicou conteúdos que integravam o debate religioso que contrapunha católicos e diversas facções protestantes. Em sua estratégia, valeu-se de ferramentas técnicas, além da correspondência com uma nobre influente com o intuito de validar e difundir sua fala, como foi possível apreender por meio da observação da natureza material do documento.

A *Epistre très Utile* é um documento intrigante, pois seu conteúdo e materialidade indicam também alguns pontos de contradição no contexto em que foi publicada. Marie Dentière apresenta uma notável preocupação em defender a confissão de fé reformada, que foi abraçada na cidade de Genebra:

> Alguns podem ficar chateados por isto ser dito por uma mulher, crendo que isto não é apropriado para ela, já que a mulher foi feita para agradar. Mas eu rogo a vocês que não se ofendam, vocês não devem pensar que eu faço isso por ódio ou por rancor. Eu faço isso somente para edificar meu próximo, vendo-o em tão grande e horrível escuridão, mais palpável que a escuridão do Egito.[89]

No entanto, seus coligados, que defendiam a democratização das Escrituras, não levaram em conta a aplicabilidade desse princípio no caso das mulheres. Logo, é paradoxal o fato de que os textos impressos tenham configurado a maior parte da literatura protestante quinhentista, mas que a impressão do trabalho de Dentière não tenha tido boa recepção em seu próprio meio.

Diante disso, Marie tenta partir da autoridade das Escrituras para legitimar sua própria escrita. O *Sola Scriptura* era um dos pilares da doutrina reformada; desse modo, se a infalibilidade da Bíblia constituía os pressupostos defendidos pelos reformadores, seria problemático tentar refutar aquilo que se considera infalível. Partindo das personagens bíblicas, ela diz: "[...] embora todas as mulheres tenham estado em imperfeição, os homens

---

[88] FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Ed. Usp, 2019, p. 159.

[89] Acuns pourront estre marris de ce qui est dict par une Femme, cõme n'appartenãt à icelle, disans estre faicte à plaisir. Mais je vous prie n'estre em rien offensez: car ne fault penser qu'il soit faict par hayne ne rancune: mais seulemant pour edifier mon prochã, le vouyãt em si grandes et horribles tenebres, palpables plus celles d'Egypte. DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539, p. 47.

não foram isentos disso. Por que é necessário criticar tanto as mulheres, vendo que nenhuma mulher jamais vendeu ou traiu Jesus, mas um homem chamado Judas?"[90]

Inerente à menção a Judas, o traidor de Cristo, está um ataque frontal ao maniqueísmo entre masculino e feminino, que traçava caminhos pelas mentalidades. Mesmo assim, exemplos mais específicos foram evocados – a apologética das mulheres foi tecida por diversas citações a personagens bíblicas, enfatizando a validade dessas atuações:

> "[...] Visto que várias mulheres são nomeadas e louvadas nas escrituras sagradas, tanto por sua boa conduta, ações, comportamento e exemplo quanto por sua fé e ensino. Como Sarah e Rebeca, por exemplo, e primeira entre todas as outras no Antigo Testamento; a mãe de Moisés, que, apesar do decreto do rei, ousou livrar seu filho da morte e viu que ele era cuidado na casa do faraó, como é amplamente declarado em Êxodo 2; e Deborah, que julgou o povo de Israel na época dos juízes, não deve ser desprezada. Juízes 4. Devemos condenar Rute, que, mesmo sendo do sexo feminino, teve sua história contada no livro que leva seu nome? Acho que não, vendo que ela está numerada entre a genealogia de Jesus Cristo. Que sabedoria tinha a Rainha de Sabá, que não só é nomeada no Antigo Testamento, mas a quem Jesus ousa nomear entre os outros sábios! Se estamos falando das graças que foram dadas às mulheres, que maior graça chegou a qualquer criatura na terra do que a virgem Maria, mãe de Jesus, ter carregado o filho de Deus? Não foi uma pequena graça que permitiu que Isabel, mãe de João Batista, tivesse um filho milagrosamente depois de ter sido estéril. Que mulher era maior pregadora do que a mulher samaritana, que não tinha vergonha de pregar Jesus e sua palavra, confessando-o abertamente diante de todos, assim que ouviu Jesus dizer que devemos adorar Deus em espírito e verdade? Quem pode se vangloriar de ter tido a primeira manifestação do grande mistério da ressurreição de Jesus, senão Maria Madalena, de quem ele tinha expulsado sete demônios, e as outras mulheres, a quem, em vez de homens, ele havia se declarado anteriormente através de seu anjo e ordenou-lhes que dissessem, pregassem aos outros?".[91]

---

[90] "Et combien que en toutes femmes y ayt eu d'imperfection, ce no nobstant les hommes n'em ont pas este exëptz. Parquoy que fault il tant jarfer des femmes? Veu que jamais femme n'a vendu ne trahy Jesus, mais unhomme nomée Judas?". DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539, p 8 e 9.

[91] "[...] Veu que plusieurs sont nommées ey louvées em sainctes escriptures, tant par leurs bonnes meurs, gestes, maintien, exemples: que par leur foy et doctrine. Comme Sarra et Rebecca, et principalement entre toutes les autres du vieil Testament, la mere de Moise: laquelle nõobstant l'edict du Roy, a bieosé garder son filz de mort et faire qu'il fuit nourri à la Maison de Pharaoh: comme amplement est declare en Exo.2. Quat à Deborah, qui jugeoit le peuple d'ifrëal au temps de juges n'est à mespriser. Jug.4. Le demande, fauldroit il condamner Ruth, pourtant qu'elle est du sexe feminin, à cause q l'histoire d'icelle est escripte em son livre? Je ne le pense pas, veu qu'elle est bien nombrée à la genealogie de Jesus Christ. Mais qu'elle quelle la sagesse de la Royne de Sabba, laquelle n'est pas seulement nõmmée au vieul testament, mais Jesus a bien nommer entre les aultres sages. S'il est question de parler des graces qui ont esée faictes aux femmes: quelle plus grande a esté faicte à creature sur la terre que à la Vierge Marie mere de Jesus, d'avoir porte le filz de Dieu? Elle n'a pas este petite à Elizabeth mere de Jehan Bapstiste , d'avoir faict um filz si miraculeusement estant fertile. Quele pecheresse a este faicte plus grande que la Samaritaine: laquelle n'a point eu d'honte de prescher Jesus et as parolle, le confessant ouvertement devant tout le monde, incontinente qu'elle a entendu de Jesus qu'il faut adorer Dieu em esperit et verité? Ou est celuyque se peut vanter d'avoir em la premiere manifestation de ce grãd mystere de la ressurrection de Jesus, sinon Marie Magdaleine, de laquelle il avoit jecté sept diables? Et les aultres femmes auxquelles plustot s'est declairé par son Ange, que non pas aux hõmes, et comã de le dire, prescher et declairer aux aultres?" DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539, p 11.

As citações de personagens especificamente mulheres projetam traços de um movimento literário que ascendeu entre o fim do século XIV e início do século XV, e que trouxe discussões sobre a representação do feminino. Christine de Pisan, poetisa italiana que viveu parte de sua vida na França, escreveu *La Cité des Femmes* para contestar a misoginia presente no discurso literário, sobretudo na obra *Roman de la Rose,* de Jean de Meung.

Com sua obra, Pisan dispara o gatilho do que viria a ser conhecido como a *querelle des femmes,* movimento literário que se preocupou em rebater estereótipos de desqualificação da mulher com base em seu gênero. Dentière se aproxima dessa vertente literária, mas lhe agrega novos contornos, uma vez que leva as discussões para dentro do campo da teologia.

A prática da escrita religiosa aponta para espaços bastante circunscritos a relações de poder pautadas no gênero, de maneira que a redação de textos desse tipo por mulheres permaneceu obstruída como forma de aviso sobre até onde se poderia ir. A contradição prevaleceu, haja vista que aqueles que defendiam a suficiência das Santas Escrituras não levaram em conta sua aplicabilidade no caso das mulheres naquele momento.

No entendimento dos líderes locais, a teologia para as mulheres serviria para reforçar a harmonia do lar, jamais para instruir quem quer que fosse publicamente. Davis não se debruça sobre as questões aqui estendidas, mas nos indica o desfecho:

> Depois da Carta à rainha de Navarra, com sua "Defesa das Mulheres", de Marie Dentière em 1539 (que, incidentalmente, causou um escândalo em Genebra graças a sua aguda crítica aos pastores), nenhum livro assinado por mulher foi impresso em Genebra durante o restante do século.[92]

Sabe-se também que, a partir de 1539, foi constituído por lei o depósito legal em Genebra, onde toda obra publicada deveria ter uma cópia depositada no acervo público, que posteriormente se tornaria a Biblioteca Municipal.[93]

Não se pode afirmar plenamente que a nova legislação esteja vinculada à tentativa de aumentar o rigor no controle das publicações em decorrência da obra de Dentière, mas é um fato intrigante que ambas as coisas tenham ocorrido no mesmo ano.

Na atmosfera de disputas pela legitimidade do discurso, Marie Dentière personificou questões como a liberdade da profissão de fé e elementos da religiosidade feminina no século XVI. A censura que lhe foi imposta aponta para como se deram os meios de funcionamento

---

[92] DAVIS, Natalie Zemon. Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 78.

[93] Mais informações sobre os registros de obras de Genebra em Historique | Bibliothèque de Genève | Ville de Genève : Sites des institutions (ville-geneve.ch). Último acesso em 17/02/21.

dos mecanismos que se afirmavam como novos disciplinadores sociais, como o consistório genebrino, mesmo que ela fosse uma mulher protestante.

Os escritos de Dentière demonstram, de igual modo, as assimetrias no interior de uma mesma comunidade. A conservação da obra permitiu a aproximação aos sujeitos que estavam envolvidos direta ou indiretamente, fosse na publicação, circulação ou censura. Assim como Eurídice,[94] a Epístola projeta alguns vislumbres sobre o que já foi, mas que ainda carece de ser trazido ao cerne para que algumas lacunas sejam preenchidas, afinal, seria a personagem em questão a única que lidou com conflitos em Genebra por conta da sua forma de viver a religião?

O protestantismo não era a única manifestação de fé em Genebra, pelo menos não oficialmente até 1536. Tampouco Marie Dentière era a única mulher a enfrentar objeções e perseguição. No campo reformado, a escrita pública feminina foi proibida, mas como esse elemento era mobilizado entre as remanescentes católicas?

2.2 - *Le Petite Chronique*: a resistência das mulheres católicas em Genebra.

Jeanne de Jussie nasceu em 1503 na cidade de Jussy-l'Évêque, e foi responsável por uma das obras que registrou o impacto da implementação do protestantismo em Genebra. Sobre seu ingresso na vida monástica deve-se levar em conta que a situação financeira de sua família foi um fator *sine qua non* para sua decisão. Após a morte de seu pai, seu tio travou uma intensa disputa pelas propriedades da família; posteriormente, sua mãe e irmãos também vieram a falecer. O convento, então, mostrou-se um futuro que a preservaria da vulnerabilidade de uma mulher sozinha no mundo.

Sabe-se, por intermédio de uma informação extraída da crônica, que Jussie possuía certo nível de instrução. Ela fala sobre isso em uma ocasião em que alguns protestantes chegam ao convento em busca das freiras que sabiam ler e escrever: "Eles estavam procurando principalmente aquelas que tinham ido para a escola em sua cidade e eu, entre elas, fui reconhecida por um deles".[95]

---

[94] Na narrativa grega Eurídice era a esposa de Orfeu, que após morrer e ser levada ao mundo dos mortos é resgatada por seu esposo. No entanto, após descumprir uma ordem do próprio Hades, Orfeu olha para trás e vê sua amada apenas como um vislumbre sendo arrastada novamente para os domínios do deus da morte.

[95] They were mainly seeking the two from the city and the ones who had gone to school in their city, and I, among them, was recognized by one of them. JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p. 132.

A crônica de Jeanne de Jussie é dividida em diversas seções, que dão uma perspectiva das sequências de eventos que ocorreram nas transformações políticas e religiosas na cidade. São tratadas também algumas questões cotidianas do convento, testemunho de experiências místicas, críticas aos reformadores e discussões políticas, além das questões doutrinárias e de gênero. Embora o estilo da escrita se alinhe a uma linguagem formal, por vezes, Jussie usa termos coloquiais em situações específicas, sobretudo no momento em que critica seus opositores, chamando-os, por exemplo, de "cães traidores".[96]

Não são todas as crônicas que foram datadas, apenas em algumas delas vê-se indicado o ano do evento em questão. Apesar disso, é possível localizar certa sequência cronológica que indica as conjunturas narradas. Ao todo são 126 títulos que apontam para diversos eventos no processo de confessionalização de Genebra. Cada título destaca episódios do transcurso dos eventos, desde a aproximação de Berna e Friburgo com Genebra, influenciando a adesão do protestantismo na cidade, até o exílio das freiras do convento de Santa Clara de Genebra, em Annecy.

A lista dos títulos é bastante ampla, no entanto, serão indicados aqui, não no intuito de pormenorizá-los, mas para expor de maneira resumida os tópicos que Jeanne de Jussie considerou relevantes em sua abordagem, criando, assim, um quadro um pouco mais amplo de sua obra.

Títulos das Crônicas redigidas por Jeanne de Jussie sobre os acontecimentos em Genebra entre 1526 e 1535:

1. Aliança entre Genebra, Berna e Friburgo
2. Cinquenta e dois nobres burgueses de Genebra deixam a cidade
3. Eventos dos anos 1526-28
4. Eventos do ano de 1529
5. Guarnição dos de Berna e Friburgo em Genebra
6. Reunião dos nobres em Gaillard
7. Cerco de Genebra pelos nobres da terra
8. A tropa suíça devasta a área ao redor de Genebra
9. Apelo das freiras de Santa Clara aos síndicos e ao conselho
10. Serviço divino em Santa Clara

[96]. JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p. 146.

11. Ocupação de Genebra por tropas de Berna e Friburgo
12. Primeiro sermão de Guillaume Farel na catedral de São Pedro
13. Pilhando ao redor de Genebra por ti suíço
14. Tratados entre o duque de Sabóia e os suíços
15. O exército suíço deixa Genebra
16. Ações sacrílegas e iconoclastas dos suíços
17. O Convento de Santa Clara durante a ocupação
18. Perdões gerais do Papa Clemente VII no Convento de Clara
19. A peste genebra
20. Conferência diplomática em Payerne
21. Violação do tratado de Payerne pelos genebrenses
22. Demolição de igrejas e atos iconoclastas em Genebra
23. Morte de Madame Louise de Savoy
24. Batalha de Kapel
25. Martinho Lutero e sua heresia
26. Perseguição das Clarissas em Orbe
27. Eventos do ano de 1531
28. Uma carta de Jacques Gaucourt sobre o ataque do Grand Turk na Hungria
29. Milagre da Virgem Maria em Tournai na Picardia
30. Carta do Grande Turco ao Papa Clemente VII
31. Conduta e costumes dos turcos
32. Os cartazes dos hereges nas portas das igrejas de Genebra
33. O Grande Turco entra no Reino da Hungria
34. O cometa de 1532
35. Segunda estada de Guillaume Farel em Genebra
36. Outro pregador francês em Genebra
37. O sermão de Froment na Place du Molard
38. O edito do Concílio de Genebra contra os pregadores heréticos
39. Tumulto entre os genebrenses
40. Reunião do Conselho
41. Procissão geral dos genebrenses
42. Sermão em frente à igreja dominicana interrompido pelos hereges
43. Semana santa 1533

44. Novas revoltas entre os genebrenses
45. Morte do cônego Peter Werle
46. Corpo de monsenhor Werle é desenterrado e transferido para Friburgo
47. Ações dos hereges em Genebra contra a Igreja
48. Última estada do bispo Pierre de La Baume em Genebra
49. Execução do assassino do cônego Werle
50. Encontro do Papa Clemente VII e Francisco I, rei da França, em Marselha
51. O dominicano Guy Furbity prega no Advento em Genebra
52. O retorno de quatro pregadores heréticos à cidade
53. Preparativos para a guerra civil entre católicos e evangélicos em Genebra
54. Natal 1533
55. Prisão de Guy Furbity
56. Furbity, recusando-se a revogar suas palavras contra os Lordes de Berna, é colocado de volta na prisão.
57. Disputa dos pregadores heréticos e Furbity
58. Os hereges ganham a maioria
59. Execução de um católico
60. Decapitação do secretário Portier
61. Execução de um jovem bandido luterano
62. O pedido do pregador quaresmal ao concílio de Genebra
63. Por volta da Páscoa de 1534
64. Início dos casamentos por Farel de acordo com a nova forma
65. A visita de Hemme Faulson ao convento de Santa Clara
66. Eventos de abril a maio de 1534
67. Procissão da festa de Corpus Christi em 1534
68. Frei Michel des Garines
69. Ações iconoclastas em julho de 1534
70. Uma jovem irmã passa a noite na igreja
71. Um dominicano deixa seu pedido
72. Demolição do mosteiro de São Victor
73. Prisão e decapitação de Jacques Malbosson
74. Ex comunicação de genebras pelo bispo
75. Natal 1534

76. Apelo das irmãs de Santa Clara aos síndicos
77. Dia de Ano Novo 1535
78. Eventos do ano de 1535
79. Envenenamento de Pierre Veret
80. Suplemento aos acontecimentos do ano de 1534
81. Enterro de burguesa católica à moda herética
82. Morte e enterro de um boticário luterano
83. Outras demolições de igrejas
84. Os hereges interrompem as vésperas das irmãs de Santa Clara
85. A Dieta de Thonon
86. Eventos da primavera de 1535
87. Firmeza de uma mulher católica
88. Farel e Viret assumem o mosteiro franciscano de Rive
89. Insultos feitos à irmã de Santa Clara
90. Anúncio da disputa de Rive por frei Jacques Bernard
91. Os hereges derrubam os sinos das igrejas em Genebra
92. As irmãs de Santa Clara se recusam a assistir à disputa de Rive
93. A despedida do Confessor
94. O confessor é levado à disputa
95. Narração da disputa de Rive
96. Casamento de Jacques Bernard
97. Os hereges obstruem o serviço divino nas igrejas de Genebra
98. Guillaume Farel tenta pregar no Convento de Santa Clara
99. Hemme Faulson tenta remover sua irmã, Blaisine Varembert, do convento
100. Os hereges perseguem as Irmãs de Santa Clara
101. As irmãs prometem lealdade umas às outras
102. As tentativas da irmã de manter Blaisine Varembert
103. Mensagem secreta das irmãs ao Duque de Sabóia
104. Interrupção do serviço divino pelos hereges na Catedral de São Pedro
105. Entrada violenta dos genebrenses no Convento de Santa Clara
106. Irmã Blaisine saiu do convento
107. O convento é guardado por dois sargentos
108. Blaisine Varembert pede ao Convento a devolução do seu dote

109. A situação incerta da Irmã antes da partida de Genebra
110. Negociações entre as Irmãs e as autoridades de Genebra sobre os bens reclamados por Laisine Varembert
111. Discussão sobre o Convento entre o vereador de Berna e a vigária
112. Marie Dentière tenta convencer as jovens irmãs a deixarem o convento
113. Outras tentativas de persuadir as jovens irmãs a deixar o convento
114. Discussão entre Claude Bernard e Irmã Jeanne de Jussie
115. Os hereges saem do convento
116. Os Syndics retornam com Blaisine Varembert e Hemme Faulson
117. Claudine Levet prega o evangelho às irmãs
118. As Irmãs são examinadas por alguém quanto à sua vida e planos
119. Conclusão da dolorosa partida das Irmãs de Santa Clara
120. A viagem da irmã ao castelo de la Perrière
121. As Irmãs retomam a vida de clausura
122. As Irmãs são levadas para Annecy
123. A chegada da Irmã a Annecy
124. As freiras de Santa Clara são colocadas no mosteiro de Santa Cruz
125. As últimas notícias do destino da Casa Ducal de Sabóia

A versão original da *Petite Chronique* é um livreto manuscrito, pois a intenção da autora era de que suas palavras circulassem para edificação das irmãs do convento e para que futuras freiras soubessem de sua obstinação nos turbulentos dias em que se sucedeu a Reforma. O manuscrito encontra-se hoje na *Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève* e ainda não foi disponibilizado na plataforma digital. Contudo, seus traços materiais são destacados por Carrie F. Klaus:

> [...] o manuscrito possui 285 laudas, registrados, presumivelmente, pela própria mão de Jussie. Ele carrega inscrições posteriores que identificam o texto e sua autora. No lado inverso da primeira página em branco, uma mão desconhecida escreveu em tinta: “O original da crônica de Genebra, pertencente às freiras pobres do Convento da Santa Cruz, de Santa Clara, em Annecy”. Abaixo dessa inscrição, uma segunda mão acrescentou: "Composto pela Irmã Reverendíssima Jeanne de Jussie Abadessa deste convento, que estava em Genebra durante todos os problemas e foi exposta a todos os infortúnios”. Outro conjunto de inscrições atesta o valor percebido da crônica no convento. Na frente da página seguinte, uma inscrição diz: “Devemos ter muito cuidado para não tomar este livro fora do convento, mas para cuidar muito

> bem dele e preservar com cuidado para sempre", seguido por outro, na parte de trás: "Tome cuidado com este livro e nunca o tire do convento".[97]

Ao longo dos anos, novas edições da crônica foram publicadas a partir do manuscrito original, atribuindo-lhe, inclusive, novos títulos. No século XVII, surge a primeira edição impressa, sob o título *Le levain du Calvinisme, ou commencement de l'heresie de Geneve*, seguida de outras três impressões, baseadas na primeira. No século XIX, a *Petite Chronique* ganha mais duas edições, desta vez com novos capítulos introdutórios e ilustrações, estas disponíveis na *Bibliothèque Nationale de France* (BNF). Embora as versões impressas tenham veiculado mais amplamente as palavras de Jussie, estas também omitiram trechos do documento original. Somente em 1996, o autor alemão Helmut Feld publicou a *Petite Chronique* na íntegra, incluindo todas partes do manuscrito de Jussie.

O documento é uma janela para entender o processo histórico em andamento nessa ocasião, mas além disso proporciona enxergar especificamente o choque que a Reforma teve sobre a vida de diferentes mulheres.

O que Jeanne de Jussie aqui chama de "O levante do calvinismo" diz respeito ao já mencionado processo de confessionalização de Genebra. Nesse transcurso as organizações católicas viam-se cada vez mais acuadas e pressionadas por dissonarem dos princípios que passaram a reger a cidade. As notícias sobre os embates travados pelo controle de Genebra permearam as paredes do claustro e causaram bastante preocupação:

> Em junho daquele ano, em uma manhã de domingo, alguns homens descarados colocaram grandes cartazes impressos em todas as portas da igreja em Genebra, declarando todas as principais reivindicações da perversa seita luterana, mas logo foram derrubados por bons cristãos. Depois de rezar as matinais, um dos senhores cânones, um católico corajoso e bom que enfrentou os hereges, derrubou os cartazes que eles haviam afixado na igreja de São Pedro, o que irritou aqueles encrenqueiros. Um deles sacou sua espada e o golpeou no braço, e ele perdeu quase todo o seu sangue e ficou doente na cama por um longo tempo; ninguém pensou que ele viveria, e todas as pessoas honradas se entristeceram por ele. No entanto, com a ajuda de Deus, por cuja honra ele havia arriscado sua vida, ele foi curado pelos bons cuidados do cirurgião.[98]

---

[97] KLAUS, Carrie F. Introdução In JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p. 24 e 25.

[98] In June of that year, on a Sunday morning, some brazen men posted large printed placards on all the church doors in Geneva, stating all the principal claims of the perverse Lutheran sect, but they were soon torn down by good Christians. After saying matins, one of messieurs the canons, a brave and good Catholic who stood up to the heretics, tore down the placards they had posted at Saint Peter's church, which angered those troublemakers.

Quanto mais o cerco se fechava, ou seja, quanto mais os protestantes avançavam e se estabeleciam em uma situação de controle, mais os grupos católicos procuravam deixar a cidade e buscar refúgio em outros locais. O mesmo viria a acontecer com as freiras de Santa Clara no ano de 1535, quando elas deixam seu convento a pé, com o objetivo de se estabelecerem na cidade francesa de Annecy, onde poderiam seguir dentro de sua religião sem qualquer tipo de repressão, momento que marca o último registro da crônica. Autores como Feld apontam que, possivelmente, Jussie só concluiu sua obra no exílio, após deixar Genebra, tomando como base algumas cartas escritas na época dos eventos.

Um dos pontos altos da crônica é a descrição do encontro de Marie Dentière com as irmãs do convento de Santa Clara, confronto que será melhor analisado adiante neste trabalho. Mas, por ora, é interessante observar os pensamentos de Jussie a respeito da protestante: Dentière é relatada como uma pessoa perversa de língua venenosa, completamente degenerada. Isso porque os ideais para a vida como mulher que foram apresentados no encontro dentro do convento se contrapunham completamente aos votos feitos por aquelas freiras.

A despeito das inúmeras tentativas de conversão ao protestantismo, Jussie afirma com orgulho que suas irmãs fazem parte de um grupo restrito que não cedeu à pressão para abdicação da fé católica.

Apesar da vida de reclusão, ela valeu-se dos recursos que tinha, tal como a escrita, para militar em defesa de seus princípios. A *Petite Chronique* exemplifica que a vida conventual, em sua própria lógica, dispunha de ferramentas para que as mulheres defendessem sua dignidade, conforme seus próprios sentidos. Observa-se a fala orgulhosa de Jussie a respeito do seu convento, pois ali havia sido um dos poucos espaços em que as ideias dos reformadores não penetraram. O embate com Marie Dentière revela que, ao contrário do que possa parecer, a vida no claustro era entendida como uma forma de liberdade e realização, ao invés de um fardo.

Jussie dedica também uma seção de sua obra à firmeza das mulheres católicas em geral diante do avanço do protestantismo na cidade. Ela encoraja mulheres a enfrentarem seus

---

One of them drew his sword and struck him in the arm, and he lost almost all his blood and was sick in bed for a long time; no one thought he would live, and all the honorable people grieved for him. However, with the help of God, for whose honor he had risked his life, he was healed by the surgeon's good care. JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p. 71.

pais e maridos, resistir às agressões e ameaças a fim de permanecerem firmes e "morrerem na religião", ao invés de renderem-se às heresias.

A escrita de Jeanne de Jussie eternizou a interpretação de uma mulher católica e devotada sobre o banho de sangue e tantos outros entraves sob os quais se deu o processo da Reforma em Genebra. Para ela, enquanto freira e mulher, havia comportamentos admiráveis que caracterizavam mulheres como corajosas e honradas. Esses comportamentos estavam associados a resistir em favor da fé católica, independente da força da persuasão. Se a escrita pública era uma ferramenta eficaz em defesa da religiosidade feminina para Marie Dentière, a escrita conventual o era para Jeanne de Jussie: o feminino não é homogêneo.

O encontro improvável dentro de um convento entre uma freira católica e uma difusora da causa protestante diz muito mais do que mulheres que abraçaram religiões diferentes em um contexto de tensão político-religiosa. É possível observar suas tentativas de imprimirem significados próprios aos processos que vivenciaram. Uma mesma Genebra em Reforma foi vista por perspectivas completamente díspares. Por ter sido retratada por mulheres, mostra que estas vivenciaram as mudanças de maneiras diferentes das dos homens.

Marie Dentière e Jeanne de Jussie podem ser consideradas exceções, uma vez que o letramento feminino era raro nessa conjuntura. O material produzido por elas pode trazer muito acerca do papel da mulher à época, mas também aponta sobre as possibilidades de uma mulher instruída e, ainda mais, uma mulher disposta a escrever e publicar. Os escritos dessas mulheres estão inseridos em uma ampla categoria de produção escrita religiosa na modernidade. Diante disso, é interessante se debruçar um pouco mais acerca da escrita religiosa no século XVI, observar o impacto que ela tinha nas configurações sociais e alcançar também a prática da escrita feminina e seus obstáculos no mesmo contexto.

CAPÍTULO III

A ESCRITA COMO VEÍCULO E LEGITIMAÇÃO DAS REFORMAS

3.1 - O poder da palavra

Desde os tempos que remontam seu aparecimento, a escrita se expandiu gradativamente nos cursos da História como uma ferramenta útil, eficaz e, a partir de certo ponto, indispensável em diferentes esferas de organização social. No meio leigo, a escrita foi um instrumento para a burocratização que se desenvolveu em congruência com os espaços urbanos: "São as categorias ligadas à escrita que, de maneira cada vez mais evidente, asseguram o domínio da cidade, de seus administradores e comerciantes sobre o mundo rural. A cidade é o lugar onde se inventa o novo modelo de trabalho, no caso o trabalho intelectual (...)".[99]

Nesse âmbito, o aparato administrativo de governo também passou a se beneficiar do recurso à escrita para organizar finanças, leis e expedir mandados reais – "As questões políticas favorecem à aculturação por meio do escrito. A burocratização do governo passa pela formação de profissionais que começam a organizar registros escritos na malha administrativa".[100] O registro da voz: a escrita legitimava a palavra falada e, na declaração de Paul Zumthor, "a palavra é um exercício de poder".[101] Por isso, o papel (ou outro suporte utilizado) passou a ter em si um poder subjacente que emanava de seu emissor.

No que diz respeito ao ambiente religioso, a escrita não foi considerada menos importante. Entre vidas de santos, livros de horas, transcrições da Bíblia e tantos outros materiais, clérigos despendiam horas a fio, aproveitando a luz natural do dia e, por vezes, ante velas como artifício para não interromper os trabalhos. A posse do monopólio do sagrado estava nas mãos de Roma e qualquer mobilização dos textos bíblicos estava, legitimamente, sob sua égide o que, consequentemente, afastou uma vastidão de leigos ao seu acesso direto:

> A difusão da capacidade de ler e escrever, a multiplicação dos objetos impressos aflige os clérigos, eclesiásticos ou seculares, que pretendem monopolizar a produção ou a discussão do conhecimento. Uma primeira

[99] BARBIER, Fréderic. *A Europa de Gutenberg*: o livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII-XVI). São Paulo: EDUSP, 2018, p. 41.
[100] BARBIER, Fréderic. *A Europa de Gutenberg*: o livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII-XVI). São Paulo: EDUSP, 2018, p. 60.
[101] ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*: a "Literatura" Medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 86.

> formulação dessa ambição é a do cristianismo, que faz dos clérigos os únicos intérpretes autorizados dos segredos de Deus, da natureza ou do Estado.[102]

Ora, se a palavra escrita de um rei detinha a força para autorizar, proibir e determinar, o que dizer das palavras do próprio Deus com as quais lidavam esses sujeitos? As Escrituras Sagradas eram apanágio dos homens da Igreja. Homens, não no sentido grego de *Antropos*, mas na ideia de que a jurisdição sobre as Escrituras repousava em um centro masculino de poder. Desse modo, até mesmo as mulheres que abraçaram a vida religiosa tinham tutores para intermediar seu acesso ao conteúdo bíblico e teológico, bem como vigiar que tipo de conteúdo poderiam escrever, no caso daquelas que pudessem executar essa atividade.

As perspectivas já apontadas, que se estendiam desde a patrística, subsidiadas por interpretações do que escreveu o apóstolo Paulo acerca do papel das mulheres no meio eclesiástico, reforçavam esse comportamento. A confissão das mulheres deveria também ser feita durante o dia e em um lugar exposto, pois sua suposta essência pecaminosa apresentava um perigo à condição do padre. Um bispo de Rennes chegou até mesmo a tecer todo um bestiário em torno da figura feminina, associando-a a seres sombrios e assustadores que levavam os homens ao pecado e afastamento de Deus.[103]

Diante disso, o conhecimento aliado à produção escrita era visto como inadequado no que dizia respeito às mulheres. Jean-Paul Desaive aponta essa dicotomia ao tratar a discriminação de gênero nas especificações literárias para homens e mulheres no século XVI. "[...] os gêneros literários 'nobres' – teologia, filosofia, história e direito ignoram as mulheres ou lembram-lhes os seus deveres."[104]

Contudo, a despeito de tantos tolhimentos, muitas mulheres conseguiram produzir textos no ambiente conventual. Independente do controle, o convento permaneceu como um dos espaços para instrução de mulheres na leitura e na escrita, além de viabilizar a produção de obras pelas freiras,[105] tal como Jeanne de Jussie. De fato, grande parte dessas obras não alcançaram amplitude de circulação, pois eram direcionadas para leitura das próprias irmãs do convento. Mas considerando o contexto em questão, qualquer gênero de escrita produzido por mulheres não deve ser considerado, de maneira alguma, um objeto irrisório.

---

[102] CHARTIER, Roger. *As Práticas da Escrita. In História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Org. Roger Chartier; tradução Hildegard Feist. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 127.
[103] DALARUN, R. Amor e celibato na Igreja medieval. São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 50.
[104] DESAIVE, Jean-Paul. As ambiguidades do discurso literário. In FARGE, Arlette & DAVIS, Natalie Zemon. (org.) *História das Mulheres – do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1994, p. 310.
[105] GODINEAU, Dominique. *Les Femmes dans la France Moderne*. Paris: Armand Colin, 2015, p. 125.

A literatura mística, por exemplo, era um dos aspectos que caracterizavam a religiosidade no século XVI e que ocupou parte considerável da escrita religiosa produzida por mulheres, tanto no meio conventual como fora dele, sendo um espaço fértil de produção literária de autoria feminina.

Este é um objeto que se desdobra em diferentes direções e demanda um amplo trabalho para que seja discutido de maneira satisfatória, no entanto, é válido abordar sua importância para a escrita religiosa feminina, uma vez que se observa a contribuição de diferentes autoras neste tópico entre o medievo e a época moderna.

Segundo Godineau, o misticismo caracteriza a espiritualidade no período barroco. Alguns nomes como Barbe Acarie, Marie de Valence, Jeanne de Chantal, Antoinette Bourignon, Claudine Moine, Armelle Nicole, Marie Rousseau, Marie des Vallées, Mme Guyon, Marie Martin, Catherine de Bar, Marguerite du Saint-Sacrement são citados pela autora como exemplos desse eixo.[106]

> O misticismo pautava-se, sobretudo, nas experiências individuais. Em visões e sonhos, muitas mulheres vivenciaram um contato singular com o divino e passaram a dar testemunho sobre tal experiência: A mística feminina, centrada na devoção da humanidade de Cristo, desenvolveu e instalou uma nova dicotomia religiosa: para o homem, as atividades do espírito, o discurso teológico e a pregação, e, para as mulheres, um imaginário espiritual que fazia seus corpos se identificar com o Cristo sofredor e com os mistérios da Redenção.[107]

É verdade que o misticismo serviu como espaço de acesso para muitas mulheres vivenciarem sua espiritualidade de maneira mais pessoal. As visões tornaram-se um meio de abordar publicamente os ensinamentos a respeito da fé e das nuances de Deus. Mas, apesar disso, as fronteiras eram bem delimitadas sobre até onde se podia ir:

> Embora as mulheres não sejam consideradas capazes de propagar publicamente o ensinamento divino, elas usam suas visões para assumir esse papel, ao mesmo tempo em que têm o cuidado de enfatizar seu caráter mediador e excepcional para uma mulher. [...] Com algumas exceções, a maioria não se afasta muito dos limites impostos às mulheres, expressando-se em um ambiente privado ou conventual (discussão, formação de noviços, escritos submetidos ao diretor de consciência, etc.). [108]

---

[106] GODINEAU, Dominique. *Les Femmes dans la France Moderne*. Paris: Armand Colin, 2015, p. 131.

[107] Apud ALMEIDA, Rute Salviano. Uma Voz Feminina na Reforma: a contribuição de Margarida de Navarra à Reforma Religiosa. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 107.

[108] GODINEAU, Dominique. *Les Femmes dans la France Moderne*. Paris: Armand Colin, 2015, p. 132-133. "Alors que les femmes ne sont pas jugées capables de propager publiquement l'enseignement divin, elles s'eppuient sur leurs visions pour s'attribuer ce rôle, tout en ayant soin de souligner son caractère médiateur et exceptionnel pour une femme. [...] À quelques exceptions près, la plupart ne s'éloignent pas trop des limites imparties aux femmes, en s'exprimant dans un cadre privé ou conventuel (discussion, formation des novices, écrits soumis au directeur de conscience, etc.) se voulant simples conseilléres. Mais, sous couvert de conseils,

Essa experiência por vezes foi registrada, como o Espelho das Almas Simples, da beguina Marguerite Porete (1250-1310), que descrevia como essas mulheres experimentaram no próprio corpo uma ascensão individual, por meio de abdicações materiais e introspecção. Assim como tantas outras, Porete teve a fogueira como seu desfecho. Sua convicção ao falar, somada à desconfiança da Igreja sobre as beguinas, mulheres leigas que viviam de maneira ascética, contribuíram para seu julgamento e execução.

Apesar disso, as experiências místicas se consolidaram como registros importantes, marcas da espiritualidade de uma época, deixando o legado de muitas obras que permitem visualizar as dinâmicas entre os indivíduos enquanto pessoas de fé e parte de uma sociedade que elencou inúmeras pré-condições para a vivência espiritual feminina.

A instrução de mulheres nesse meio foi também um instrumento para as inserir nos debates das reformas que varreram a Europa na Primeira Modernidade. Foram muitos os panfletos que atravessaram esses muros e atraíram freiras por meio das ideias protestantes em circulação. Entre as mulheres que se encontraram no cerne desses movimentos religiosos observam-se muitas freiras. A própria Katarina Von Bora, que deixou o convento em 1523 escondida em uma carroça de peixes, e a intrépida Marie Dentière.

A utilização da imprensa enquanto tecnologia para propaganda religiosa foi fundamental para que muitos textos alcançassem essas mulheres que estavam distantes dos centros de produção teológica. Contudo, ter acesso ao que se discutia não era sinônimo de uma livre participação na discussão. A imprensa alcançou e inseriu muitas mulheres letradas nas polêmicas discordâncias religiosas, mas não lhes garantiu a possibilidade de falar abertamente sobre isso. Nesse ponto, elas eram mais receptoras do que emissoras.

3.2 - A imprensa como uma revolução e a literatura de combate

O advento da imprensa não substituiu completamente os usos do manuscrito. A natureza material dos textos aponta que havia utilidades específicas para os diversos tipos. Lisboa aponta que

> [...] a circulação de manuscritos não é apenas um expediente de quem não conseguiu editar, mas é uma forma consagrada e eficaz de tornar públicos os textos [...] seguir a história editorial de um texto é, com frequência, constatar o modo como, pelos mais

plusieurs pratiquement en fait ce qui ressemble for à la direction de conscience, sur des femmes et des hommes, des ecclésiastiques, au premier rang desquels leur propre directeur."

> variados motivos, de manuscritos se fazem impressos e de impressos se fazem manuscritos.[109]

Dessa maneira, o texto manuscrito não deve ser compreendido como um tipo inferior e pouco eficaz que foi substituído com a ascensão da imprensa. As intenções por trás de cada texto buscavam assegurar a eficácia da forma utilizada. Bouza demonstra que o manuscrito é considerado um veículo de difusão necessariamente mais controlado que o impresso.[110] Tomando essa questão como exemplo, pode-se supor que aqueles que desejavam uma forma mais contida e até mesmo segura no compartilhamento de determinado conteúdo escrito, optaram por um material manuscrito em lugar do impresso. Jeanne de Jussie, por exemplo, escreveu sua *Petite Chronique* com o intuito de que o material ficasse restrito aos muros do claustro.

No que tange aos movimentos de reformas religiosas, sobretudo as iniciativas protestantes, o uso do texto assumiu um caráter de propaganda. Dessa maneira, quanto maior o alcance de um conteúdo publicado, maior o êxito. A imprensa tornou-se uma das maiores aliadas dos grupos protestantes que objetivaram expandir suas ideias para espaços que seus emissores muitas vezes não podiam chegar. Entretanto, não é adequado associar o surgimento das Reformas com essa tecnologia. Ao tratar sobre a história do livro em meio a esse fenômeno Febvre e Martin destacam que:

> Não se deve, sem dúvida, exagerar o papel desempenhado pelo livro, no nascimento e na difusão da Reforma, e mesmo pelo pregador - e atribuir uma ação preeminente à propaganda e aos propagandistas. E nós não temos evidentemente a ridícula pretensão de mostrar que a Reforma é filha da imprensa. Um livro só talvez nunca tenha convencido ninguém. Mas se ele não convence, o livro é em todo o caso a prova tangível da convicção, que ele materializa por sua posse; ele também fornece argumentos àqueles que já estão convencidos de, permite-lhes aprofundar e precisar sua fé, dá-lhes os elementos que os ajudarão a triunfar nas discussões, a reunir os hesitantes. É sem dúvida por todas essas razões que desempenha um papel essencial no século XVI, no desenvolvimento do protestantismo.[111]

Ora, a imprensa revolucionou os meios de transmissão de conteúdo. Embora não tenha sido a "causadora" das Reformas, a imprensa foi uma verdadeira catalisadora, pois, por meio dela, os reformadores puderam entrar até mesmo em territórios que lhes foram cerrados. Por meio dos panfletos e até mesmo alguns livros, o protestantismo se alastrou. Somado a isto, a

---

[109] LISBOA, João Luís. Tanta virtude em papéis correndo. (Persistência e poder do manuscrito no Antigo Regime). In ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

[110] BOUZA, Fernando. *Corre Manuscrito:* Una história cultural Del Siglo de Oro. Madrid, Marcial Pons, 2001.

[111] FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Ed. Usp, 2019, p. 395. 1ª.ed. Paris, 1958.

multiplicação das Bíblias em línguas vulgares reforçou as identidades das igrejas territoriais.[112] Mas além do vasto alcance, a imprensa trouxe ao centro do debate outro aspecto acerca da mobilização dos textos: sua circulação nos âmbitos públicos e privados.

Daniel Ménager aponta que as circunstâncias literárias no século XVI levaram a teologia a um espaço mais público, de forma que os milhares de panfletos publicados nesse período ganharam um papel fundamental na história das reformas religiosas.[113] Com a emergência desses movimentos, as questões relativas ao assunto eram polêmicas que instigavam a autoria de diferentes teses, que atraíam a atenção daqueles que se rendiam aos novos segmentos religiosos, ou que eram curiosos a respeito.

Os livreiros, portanto, encontraram aí excelentes oportunidades de investimento, já que "publicar um livro audacioso é saber que a venda será tão grande quanto o escândalo que ele fizer".[114] As chances de boas negociações por esses motivos traçaram rotas entre cidades pontuais, tais como Lyon, Genebra, Estrasburgo, Basileia e Frankfurt. Esses locais eram dinamizadores do protestantismo e, por isso, eram onde a demanda pelas obras desse tipo crescia. Nesse circuito do escrito, inúmeros sujeitos eram atraídos a repensar sua religiosidade por conta das propagandas:

> Os reformadores aprendem a lição e suas escolhas "midiáticas" têm como objetivo bem depressa arrebanhar o maior número de pessoas, a quem certamente devem levar a boa palavra, mas a quem cumpre igualmente prender-se por preocupação política – é a invenção da "propaganda". A reflexão sobre a língua é característica: deve-se escrever na língua do povo e empregar apenas termos simples e acessíveis a todos.[115]

Com o tempo, cidades como Genebra, que ganhou a alcunha de capital do movimento reformado, estabeleceram prensas que davam conta de abastecer rotas clandestinas em terras católicas e propagar a mensagem dos reformadores nos mais diversos círculos.

Porém, para a preocupação dos livreiros, essas rotas tornaram-se pouco a pouco mais vigiadas, uma vez que, devido à divergência de ideias, o Estado e a Igreja de Roma tentaram impor o controle sobre a circulação dos textos, numa expectativa de refrear as novas perspectivas a respeito do cristianismo. A exemplo disso, vê-se um édito de 1534, pelo qual o rei da França intensificou a censura, condenando ao enforcamento aqueles que imprimissem qualquer livro sem autorização prévia em território francês.[116] A censura aos textos se

[112] BARBIER, Fréderic. *A Europa de Gutenberg*: o livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII-XVI). São Paulo: EDUSP, 2018, p. 357.
[113] MÉNAGER, Daniel. *Introduction a la Vie Litteraire du XVIe Siecle*. Paris: Bordas, 1968, p. 21.
[114] FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Ed. Usp, 2019, p. 206.
[115] BARBIER, Fréderic. *A Europa de Gutenberg*: o livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII-XVI). São Paulo: EDUSP, 2018, p, 362.
[116] LE ROUX, Nicolas. *Les Guerres de Religion 1559-1629*. Paris: Belin, 2009, p. 8.

revelava em diversas nuances. Frederic Barbier aponta os meios pelos quais a censura era operada nesse período:

> [...] o essencial reside no controle dos conteúdos: a censura doutrinal é administrada pela Faculdade de Teologia; a censura religiosa, pelas autoridades da Igreja, papa, bispos ou concílio; o terceiro modelo, o da censura política, está subordinado unicamente às autoridades seculares. Uma segunda distinção opõe censura preventiva (feita sobre os textos antes da publicação) e censura repressiva (exercida depois da publicação). Essa última é mais eficaz, pois incide sobre os exemplares já impressos que são objeto de uma proibição de difusão ou de uma apreensão: lesa enormemente o responsável pela edição, impressor ou livreiro, e, por isso mesmo, reforça a prática da autocensura. Uma última distinção, muito mais difícil de aplicar, diz respeito à definição dos diferentes responsáveis pela censura - a Igreja e seus representantes, o príncipe, a universidade, uma corte soberana, etc.[117]

É válido frisar que, ao longo da consolidação das reformas, muitas cidades protestantes elaboraram também seu sistema de censura acerca dos textos. Nesse sentido, é válido lembrar do decreto que instituiu o depósito legal em Genebra, segundo o qual as obras publicadas deveriam ter cópias depositadas no acervo público. Essa prática garantiu aos líderes reformadores amplo controle dos tipos de literatura na cidade.

Mas não obstante os riscos e a censura, a hostilidade da conjuntura impulsionou a multiplicação de materiais que ficaram conhecidos como literaturas de combate. A maior elaboração e o volume da produção dos livros poderiam dificultar de fato sua dispersão, mas esses textos combativos circularam em forma de epístolas, panfletos, cartazes, etc. Sobre isso, Le Roux também aponta que "esses textos eram curtos, baratos e fáceis de se difundir".[118]

Pode-se citar, como exemplo dessa literatura combativa, a obra intitulada *Epistre exhortatoire à tous ceux qui ont congnoissance de l'Evangile*,[119] do reformador Guillaume Farel, publicada em 1544 por Jean Girard. O autor constrói sua prédica apontando o comportamento de alguns cristãos que se esquivavam de assumir uma postura ante a comercialização da fé, materializada nas cartas de indulgências e nas vendas de relíquias sagradas.

Essa ideia de combate é inerente ao período da Renascença, no qual havia uma espécie de dicotomia em que se opunham conhecimento e ignorância, luz e trevas. De maneira semelhante, a produção escrita no campo religioso se mostra por meio de um prisma

---

[117] BARBIER, Fréderic. *A Europa de Gutenberg*: o livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII-XVI). São Paulo: EDUSP, 2018, p. 372.

[118] LE ROUX, Nicolas. *Les Guerres de Religion 1559-1629*. Paris: Belin, 2009, p. 8.

[119] Disponível em Bibliothèque de Genève / Epistre exhortatoire à tous ceux qui ont congnoissance de l'Evangile. (e-rara.ch). Último acesso em 09/04/23.

dicotômico, no qual um determinado lado repousa sobre a religiosidade "correta", em oposição a supostas vivências reprováveis. Ao longo do século, católicos e protestantes desempenharam essa oposição, bem como alguns grupos protestantes entre si.

O rompimento do monopólio da legitimidade do discurso foi um campo aberto para a pluralização dos debates. E as redes de acesso ao conteúdo dos materiais impressos foram um gatilho que acionou ainda mais discussões e inquietações e descentralizou a produção de conteúdos escritos. Natalie Davis vai dizer que isso foi possível, haja vista que

> O protestantismo e certas características do humanismo convergiram com a palavra impressa, para contestar valores hierárquicos tradicionais e para adiar o estabelecimento de rígidos valores novos. O controle econômico das publicações não estava concentrado nas firmas dos grandes comerciantes-editores, mas era compartilhado por uma diversidade de produtores.[120]

A descentralização dessa produção levou o conteúdo da teologia a um outro estado de mobilização e apreensão:

> Em todos os casos, a conclusão é clara: no prazo de trinta a cinquenta anos, a imprensa permitiu um aumento da circulação do escrito em proporções até então absolutamente desconhecidas. A sociedade europeia da segunda metade do século XV é, nas regiões mais adiantadas, a primeira no mundo a ser submetida aos efeitos do que se pode qualificar de fenômeno de midiatização de massa.[121]

A revolução impressa lançou em velocidade mais ampla os debates acirrados entre teólogos, arrebatou adeptos para o protestantismo por meio da propaganda, fortaleceu as críticas tecidas pela Igreja de Roma e contribuiu, de maneira sem precedentes, com discussões públicas acerca de temas tão caros à sociedade no século XVI. Todavia, o que era público não estava disponível a todos os sujeitos. É no momento da circulação dos textos que se faz possível alcançar seus diferentes leitores ou, até mesmo, seus não leitores. Quais eram as categorias que efetivamente leram e opinaram sobre esses materiais? Como os textos poderiam envolver as pessoas socialmente?

No interior das Reformas as mulheres que pensavam e interpretavam o movimento esbarraram no obstáculo do público. Como dito, muitas mulheres escreveram no âmbito conventual para edificação mútua, ou até mesmo para presentear entes queridos. Mas nunca uma escrita de autoridade, um exercício de compreensão crítica do mundo que as cercava. Na

---

[120] DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo.* Sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 185.

[121] BARBIER, Fréderic. *A Europa de Gutenberg*: o livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII-XVI). São Paulo: EDUSP, 2018, p. 340

era das Reformas, esperava-se que as mulheres vivenciassem todas essas transformações no foro íntimo, o que as fez quase invisíveis no campo do escrito. Quase.

De acordo com a perspectiva teórica apresentada por Joan Scott, o gênero é uma categoria analítica necessária e eficiente, uma vez que é considerado "um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana", bem como "uma forma primeira de significar as relações de poder". [122]

O impacto do processo de reestruturação política e religiosa na esteira das Reformas sobre os sujeitos nela envolvidos se deu de maneiras bem diferentes. Diante disso, como foi discutido no segundo capítulo deste trabalho, o discurso construído por algumas mulheres apontava não somente para as transformações religiosas que estavam em curso, mas lança luz sobre o impacto desse fenômeno pelo prisma das mulheres e como isso pode ser manifestado na escrita. Ressalta também os pontos que permitem diferenciar o que mudou para esse grupo ao longo do percurso de rompimento com a Igreja de Roma.

A escrita deu a tônica para o novo modelo de religiosidade trazido pelas reformas. A proliferação das chamadas Confissões de Fé revela a sistematização das doutrinas e do uso desses documentos como elementos reguladores do corpo social, uma vez que, nesse contexto, tais documentos não interferiam somente nas configurações eclesiásticas. A abordagem desses documentos se faz relevante, pois algumas nuances doutrinárias justificam a postura defendida por Marie Dentière, como por exemplo no que diz respeito aos sacramentos e a relação dos governantes com a religião. Diferente da Igreja de Roma, o protestantismo possuía diferentes ramificações, e cada uma delas com peculiaridades que, embora à primeira vista possam não aparentar grande relevância, mas que na vida prática do contexto em questão foram elementos para distinção de grupos sociais.

3.3 - A Teologia dos homens: as confissões e a prática de poder pela escrita

O esforço primário para discutir o caráter heterogêneo das Reformas se dá pelas nuances teológicas. Lutero capitaneou o movimento no século XVI, mas tantos outros reformadores despontaram em diferentes regiões, sobretudo no centro-norte europeu, com destaque nos Cantões Suíços, França, além das próprias cidades alemãs. Considerando a

[122] SCOTT, Joan Wallach. *Gênero:* uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 23.

difusão da leitura bíblica como um dos pilares do protestantismo, observa-se que diferentes hermenêuticas produziram diferentes teologias. Ainda que muitos pontos em comum pudessem ser traçados, é impossível apontar as teologias protestantes como interpretações uníssonas.

Essa constatação é historicamente elucidada com a Conferência de Marburgo, em 1529, quando, por iniciativa de Filipe de Hesse, alguns reformadores foram reunidos a fim de acordarem a respeito de suas teologias, visando uma unidade protestante que, por sua vez, resultaria em fortalecimento político. A principal discordância deu-se entre Lutero e o reformador suíço Zwínglio (1484-1531). Alister McGrath aponta que "A Reforma era sobre teologia, não apenas mudanças sociais e políticas. Essas ideias teológicas não podem ser ignoradas ou marginalizadas por quem deseja estudar a Reforma".[123]

Mas o debate teológico era um ponto fundamental e com potencial para influenciar as esferas políticas e sociais. O ponto mais acalorado de debate entre ambos se pautava na divergência entre o entendimento acerca da presença de Cristo na Eucaristia. Na teologia católica romana, durante a Eucaristia aconteceria a transubstanciação dos elementos, ou seja, o pão e o vinho se transformariam efetivamente no corpo e sangue de Cristo quando consumidos. Lutero, por sua vez, interpretou esse sacramento como uma consubstanciação: para o reformador, Cristo estaria presente corporalmente no sacramento, sem, entretanto, a ocorrência de uma modificação material dos elementos. E, divergindo dos entendimentos já mencionados, Zwínglio defendia a Eucaristia como uma cerimônia memorial da Paixão de Cristo.[124]

Após longas discussões, o ponto permaneceu irreconciliável. Foi nesse desacordo que o termo *reformado* passou a ser utilizado para referenciar os reformadores protestantes que tinham uma perspectiva consonante com a de Zwínglio, enquanto os apoiadores de Lutero se distinguiam como protestantes luteranos. Com isso, as divergências no campo da teologia começaram também a dar o tom aos elementos de distinção social entre os protestantes. Ser um protestante luterano significava algo diferente de ser um protestante reformado em um momento histórico onde o pertencimento a um lugar era marcado por motivos religiosos. Em suma:

---

[123] MCGRATH, Alister E. *O Pensamento da Reforma:* Ideias que influenciaram o mundo e continuam a moldar a sociedade. Editora Cultura Cristã: São Paulo, 2014, p. 21.

[124] MCGRATH, Alister E. *O Pensamento da Reforma:* Ideias que influenciaram o mundo e continuam a moldar a sociedade. Editora Cultura Cristã: São Paulo, 2014, p. 181.

> O termo *reformados*, para designar os seguidores de Zwínglio, Calvino e Knox, e posteriormente os anglicanos também, passou a ser usado a partir do Colóquio de Marburgo, em 1529, para designar a teologia que era diferente da luterana. A partir desta data percebeu-se que apesar dos movimentos terem em comum o questionamento político e teológico da Igreja Católica e a desobediência à autoridade papal, principalmente enquanto normativa de fé, tinham sido construídas duas teologias distintas [...].[125]

Com o passar do tempo, essas diferenças não foram apenas aprofundadas, como também organizadas em forma de Confissões. Diante da expansão do movimento, foi entendido ser necessário sistematizar em documentos a linha teológica defendida nas diferentes regiões onde o protestantismo encontrou condições favoráveis à sua consolidação. McGrath aponta que "o desenvolvimento da ala reformada da Reforma foi complexo, tendo como consequência que diversas confissões - cada uma delas ligada a uma região específica - se tornaram influentes".[126] Assim dizendo, a elaboração de tais documentos passou a reverberar na religiosidade de diferentes regiões, e cada denominação prescreveu a sua confissão como bússola para a localidade onde estava inserida. Logo,

> "O padrão básico na Reforma, portanto, era o de reconhecer a Escritura como tendo autoridade primária e universal; os credos, como autoridade secundária e universal; e as confissões, como autoridade terciária e local (no sentido de que tais confissões só são consideradas obrigatórias por uma denominação ou igrejas de uma região específica)".[127]

Nesse sentido, constituiu-se um respaldo onde a Bíblia exercia máxima autoridade como regra de fé e orientação das práticas, o credo sistematizava os princípios fundamentais da fé e as confissões orientavam as doutrinas de acordo com a vertente teológica regional. As Confissões tornaram-se uma espécie de materialização dos debates que percorreram o meio eclesiástico na primeira metade do século XVI. Suas publicações se desdobraram em várias fases, definindo o caráter multiforme do protestantismo.[128]

Desse modo, as publicações das confissões de fé, além de sistematizarem aquilo em que se crê, demarcaram as políticas locais, conduzindo toda uma população a uma padronização pautada nesses documentos. Entre as décadas de 1520 e 1530, essas confissões despontam como uma representação das identidades das novas igrejas regionais.

---

[125] RAMOS NETO, J. O. *O conceito de Reforma Protestante na historiografia.* História Revista, Goiânia, v. 24, n. 1, 2019, p. 210.
[126] MCGRATH, Alister E. *O Pensamento da Reforma*: Ideias que influenciaram o mundo e continuam a moldar a sociedade. Editora Cultura Cristã: São Paulo, 2014, p. 280.
[127] MCGRATH, Alister E. *O Pensamento da Reforma*: Ideias que influenciaram o mundo e continuam a moldar a sociedade. Editora Cultura Cristã: São Paulo, 2014, p. 181.
[128] BARBÉROT, Jean. *História do Protestantismo*. Lisboa: Europa-América, 1989. p. 9

Por conta disso, era comum que esses documentos carregassem os nomes das cidades onde foram discutidos e publicados. Como por exemplo: *As Dez Conclusões de Berna* (1528), A *I Confissão da Basileia* (1534), *A Confissão de Genebra* (1536), *A Confissão Helvética* (1536).[129] Já outra parte considerável dessas publicações pode ser vista após a década de 1560, quando as divergências teológicas já estavam um pouco mais assentadas, bem como a organização das igrejas, tanto luteranas, quanto reformadas.

Já a partir de 1560, por exemplo, observa-se a *Confissão de Fé Belga* (1561), *a Confissão de Heildelberg* (1563) e a *Confissão de Fé Escocesa* (1560). No século XVII, a *Confissão de Fé de Westminster* (1646)[130] organizou a doutrina dos protestantes reformados ingleses.

Há também casos mais específicos, como a Igreja da Inglaterra. Ao romper com o papado, Henrique VIII deu início ao processo de nacionalização das igrejas da Inglaterra. Embora mantidos muitos aspectos dos ritos católicos, o anglicanismo agregou diversos elementos protestantes, tais como o fim do celibato, a manutenção do batismo e da Eucaristia como os dois únicos sacramentos e a infalibilidade da Bíblia.

Desta feita, o próprio rei tornou-se o chefe máximo na hierarquia eclesiástica e a heresia passou a ser vista como crime de Estado. A Igreja Anglicana passou por um período de dissolução durante o governo da rainha católica Maria Tudor (1516-1558), mas foi consolidada por Elizabeth I (1533-1603). Em seu governo foram escritos e publicados Os Trinta e Nove Artigos da Religião (1563), diretrizes doutrinárias do anglicanismo. Christopher Hill aponta os efeitos políticos da leitura das Escrituras:[131] para o autor, a Bíblia traduzida para o inglês, no contexto das Reformas do século XVI, seria um gatilho para os movimentos revolucionários ingleses no século XVII.

Era comum que muitas dessas Confissões, até mesmo a inglesa, tivessem pontos em comum. Mas para além dos três pilares partilhados pelos protestantes em geral, as igrejas de mesmos vieses compartilhavam posicionamentos muito particulares, porque as confissões que orientavam as comunidades eram publicadas em cada cidade à sua maneira, usando seu respectivo nome. Os pontos de diferenciação são mais claros quando se compara, por

[129] Ver SCHAFF, Philip. *Creeds of Christendown*. New York: Harper & Brothers, 1877.
[130] SCHAFF, Philip. *Creeds of Christendown*. New York: Harper & Brothers, 1877.
[131] Ver HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

exemplo, as confissões luteranas, reformadas e anabatistas, já que entre as três vertentes há pontos de discordância, pois dizem respeito, entre outras coisas, a interpretações dos sacramentos.

Essas discrepâncias não podem ser desconsideradas, uma vez que, partindo do âmbito teológico, acabaram por tornar-se também fatores de diferenciação social. Diante disso, serão destacadas aqui algumas confissões de três vertentes diferentes da chamada primeira fase, quando essas confissões protestantes passaram a receber status de documentos oficiais. São elas, os 67 Artigos de Zwínglio (1523), que serviu como parâmetro para as demais confissões reformadas, a Confissão de Fé de Schleitheim (1527), de orientação anabatista, e a Confissão de Fé de Augsburgo (1530), de orientação luterana.

3.3.1 - Os 67 Artigos de Zwínglio (1523)

Ulrico Zwínglio, assim como outros líderes das reformas protestantes, era também um ex-sacerdote católico que decidiu afastar-se da Igreja após uma grave doença e, a partir disso, deu início aos projetos de reformas. A ênfase de seus empenhos pró-reforma estava voltada para a cidade de Zurique, na Suíça germânica. Os 67 artigos, ou *Schlussreden*, foram publicados no ano de 1523, sendo não somente o primeiro documento confessional reformado, como também o primeiro documento confessional protestante de uma maneira geral.

No final do século XIV, o norte da Suíça já estava se estabelecendo como um importante centro comercial. Dentre as atividades econômicas, muito impulsionadas pelas guildas, observa-se também o crescimento dos grupos de mercenários que eram contratados para atuar em conflitos armados por todo o continente. De acordo com Engeler e Opitz, embora essa prática fosse algo demasiadamente lucrativa, começou a atrair para a cidade denúncias acerca de corrupção.[132]

Preocupado com o estado moral da cidade, Zwínglio, então, partiu da teologia a fim de influenciar também os comportamentos e, assim, injetar mudanças na prática da comunidade como um todo. Observa-se que “uma diferença latente entre os projetos de reforma de Lutero

[132] ENGELER, J; OPITZ, P. Zurich: Huldrych Zwingli and Heinrich Bullinger. In BEINTKER, M; LANGE, A. WELKER, M. *Europa Reformata*. Leipzig: Evangelische Verlagssanstalt, 2017, p. 491.

e Zwínglio é que o primeiro focava em uma espécie de reforma do indivíduo, enquanto o segundo buscava uma reforma moral e comunitária".[133]

A ocasião da elaboração dos artigos se deu em uma disputa em Zurique, em 1523.[134] A essa altura, a veneração aos santos, bem como a missa, as imagens nos templos e os monastérios já eram práticas abolidas com aquiescência do conselho municipal, que governava a cidade. A incursão do protestantismo na região era visível no espaço e nas relações do cotidiano:

> A vida na própria cidade também mudou. Mosteiros foram abolidos; em 30 de novembro de 1524, a abadessa no Fraumünster, Katharina von Zimmern, enviou sua instituição ao conselho da cidade. Suas posses foram utilizadas para equipar escolas e para o bem-estar social, o que se refletiu na nova portaria de esmola de janeiro de 1525. Ao proibir mendicância estabeleceu uma cozinha para alimentar os pobres, conhecida como Mushafen (pote de sopa).
>
> Uma escola de teologia (Lektorium) foi estabelecida para articular e disseminar a doutrina protestante, e mais tarde renomeada prophezei. Todos os dias da semana, exceto sexta-feira, a partir de junho de 1525, estudiosos das línguas bíblicas debatiam publicamente sobre interpretações da Bíblia na catedral, concluindo com um sermão em alemão. O Prophezei eventualmente se transformou no Zurique Hohe Schule, uma instituição de ensino superior que serviu de modelo para inúmeras academias reformadas.[135]

Desse modo, a fim de sistematizar na escrita o que já estava sendo levado a cabo na vida prática, Zwínglio começa sua prédica reafirmando a verdade basilar protestante acerca da centralidade das Escrituras:

> Os artigos e opiniões abaixo, eu, Ulrich Zwingli, confesso ter pregado na cidade digna de Zurique como baseada nas Escrituras que são chamadas de inspiradas por Deus, e eu me ofereço para proteger e conquistar com os artigos ditos, e onde eu possa não ter entendido corretamente vou permitir-me ser ensinado melhor, mas apenas das Escrituras referidas.[136]

---

[133] MCGRATH, Alister E. *O Pensamento da Reforma: Ideias que influenciaram o mundo e continuam a moldar a sociedade.* Editora Cultura Cristã: São Paulo, 2014, p. 38

[134] As disputas eram debates públicos voltados para a apologética, ou seja, a defesa da perspectiva de fé. Nesse contexto eram bastante comuns os debates entre reformadores e clérigos católicos romanos.

[135] "Life in town itself also changed. Monasteries were abolished; on 30 November 1524 the abbess at the Fraumünster, Katharina von Zimmern, consigned her institution to the town council. Its possessions were used for outfitting schools and for social welfare, which was reflected in the new alms' ordinance of January 1525. While forbidding begging it established a kitchen for feeding the poor, known as the Mushafen (soup pot).
A theology school (Lektorium) was stablished for articulating and disseminating Protestant doctrine, and later renamed Prophezei. Each weekday except Friday, begining in June, 1525, scholars of the biblical languages debated publicy about interpretations of the Bible in the cathedral chancel, concluding with a sermon in german. The Prophezei eventually turned into the Zurich Hohe Schule, an institution of higher learning which served as the model for numerous Reformed academies." ENGELER, J; OPITZ, P. Zurich: Huldrych Zwingli and Heinrich Bullinger. In BEINTKER, M; LANGE, A. WELKER, M. *Europa Reformata*. Leipzig: Evangelische Verlagssanstalt, 2017, p, 494.

[136] "The articles and opinions below, I, Ulrich Zwingli, confess to have preached in the worthy city of Zurich as based upon the Scriptures which are called inspired by God, and I offer to protect and conquer with the said articles, and where I have not now correctly understood said Scriptures, I shall allow myself to be taught better,

Entre os 67 artigos, os tópicos mais incisivos repousam sobre as questões do papado, da missa, da intercessão dos santos, do matrimônio dos clérigos, do purgatório e dos magistrados, criando certa ressonância em outras confissões protestantes que enfatizaram também esses tópicos. Percebe-se que, alguns anos depois, em 1539, Marie Dentière dará também especial atenção sobre esses tópicos em sua *Epistre très Utile*. Sobre eles, Zwínglio escreveu:

> SOBRE O PAPA.
>
> XVII. Que Cristo é o único sumo sacerdote eterno, de forma que aqueles que se autodenominaram altos sacerdotes se opuseram à honra e poder de Cristo, sim, lançá-lo para fora.
>
> SOBRE A INTERCESSÃO DOS SANTOS.
>
> XX. Que Deus deseja nos dar todas as coisas em seu nome, de forma que fora desta vida não precisamos de mediador, exceto ele mesmo.
>
> XXI. Que quando rezamos um pelo outro na terra, fazemos isso de tal forma que acredito que todas as coisas são dadas a nós através de Cristo sozinho.
>
> SOBRE O CASAMENTO DE CLÉRIGOS.
>
> XXVIII. Que tudo o que Deus permitiu ou não proibiu é justo, portanto, casamento é permitido a todos os seres humanos.
>
> XXIX. Que todos os que são chamados de clérigos pecam quando não se protegem por casamento depois que eles se tornaram conscientes de que Deus não permitiu que eles permanecessem castos.
>
> SOBRE O PURGATÓRIO
>
> LVII. As verdadeiras Escrituras Divinas não sabem nada sobre o purgatório depois desta vida. A sentença dos mortos é conhecida apenas por Deus.
>
> LIX. E quanto menos Deus nos deixar saber sobre isso, menos devemos empreender para saber sobre isso.
>
> LX. Esse homem sinceramente chama a Deus para mostrar misericórdia aos mortos eu não condeno, mas para determinar um período de tempo para isso (sete anos para um pecado mortal), e mentir por causa do ganho, não é humano, mas diabólico.[137]

---

but only from said Scriptures." (*Selected Works of Huldrich Zwingli*, (1484-1531) The Reformer of German Switzerland, translated for the First Time from the Originals, ed. Samuel Macauley Jackson. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1901, p. 71)

[137] "ABOUT THE POPE:
XVII. That Christ is the only eternal high priest, wherefrom it follows that those who have called themselves high priests have opposed the honor and power of Christ, yea, cast it out.
ABOUT THE INTERCESSION OF THE SAINTS.
XX. That God desires to give us all things in his name, whence it follows that outside of this life we need no mediator except himself.
XXI. That when we pray for each other on earth, we do so in such fashion that we believe that all things are given to us through Christ alone.
ABOUT THE MARRIAGE OF ECCLESIASTS.
XXVIII. That all which God has allowed or not forbidden is righteous, hence marriage is permitted to all human beings.

Ao tratar sobre a missa, Zwínglio não apenas se afasta dos preceitos de Roma, mas também do reformador de Wittenberg, Lutero. A teologia do líder suíço, como já foi exposto, interpretava a Eucaristia somente como um memorial, assim como os protestantes anabatistas:

> SOBRE A MISSA.
>
> XVIII. Que Cristo, tendo se sacrificado uma vez, é para a eternidade um certo e válido sacrifício para os pecados de todos os fiéis, de forma que a missa não é um sacrifício, mas é uma lembrança do sacrifício e garantia da salvação que Cristo nos deu.
>
> XIX. Esse Cristo é o único mediador entre Deus e nós.[138]

A identificação de similaridades e diferenças entre os documentos confessionais chama atenção para entender as alianças e os entraves intraprotestantes. Para além do acirrado debate acerca da Eucaristia há um ponto sensível para todos os segmentos protestantes e que merece especial atenção: o relacionamento com os magistrados. Cada uma das reformas desenvolveu um trato específico no que tange à relação da liderança religiosa com as lideranças políticas regionais, tais como os príncipes.

Observar de que maneira essas duas esferas se interseccionam é fundamental para a leitura e interpretação do desdobramento dos movimentos em questão:

> SOBRE OS MAGISTRADOS
>
> XXXIV. O poder espiritual (assim chamado) não tem justificativa para sua pompa no ensinamento de Cristo.
>
> XXXV. Mas o leigo tem poder e confirmação da ação e doutrina de Cristo.

XXIX. That all who are called clericals sin when they do not protect themselves by marriage after they have become conscious that God has not enabled them to remain chaste.
ABOUT PURGATORY
LVII. The true divine Scriptures know naught about purgatory after this life.
LVIII. The sentence of the dead is known to God only.
LIX. And the less God has let us know concerning it, the less we should undertake to
know about it. (*Selected Works of Huldrich Zwingli*, (1484-1531) The Reformer of German Switzerland, translated for the First Time from the Originals, ed. Samuel Macauley Jackson. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1901, p. 80)
LX. That man earnestly calls to God to show mercy to the dead I do not condemn, but to determine a period of time therefor (seven years for a mortal sin), and to lie for the sake of gain, is not human, but devilish.
[138] ABOUT THE MASS.
XVIII. That Christ, having sacrificed himself once, is to eternity a certain and valid sacrifice for the sins of all faithful, wherefrom it follows that the mass is not a sacrifice, but is a remembrance of the sacrifice and assurance of the salvation which Christ has given us.
XIX. That Christ is the only mediator between God and us. (*Selected Works of Huldrich Zwingli*, (1484-1531) The Reformer of German Switzerland, translated for the First Time from the Originals, ed. Samuel Macauley Jackson. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1901, p. 81)."

> XXXVI. Tudo o que o chamado Estado espiritual afirma ter de poder e proteção pertence ao leigo, se eles desejam ser cristãos. Para eles, além disso, todos os cristãos devem obediência sem exceção.
>
> XXXVIII. Na medida em que eles não comandam o que é contrário a Deus.
>
> XXXIX. Portanto, todas as suas leis devem estar em harmonia com a vontade divina, de modo que eles devem proteger os oprimidos, mesmo que eles não reclamem.
>
> XL. Eles sozinhos podem colocar à morte justamente, também, apenas aqueles que dão ofensa pública (se Deus não se ofende, que outra coisa seja comandada).
>
> XLI. Se eles dão bons conselhos e ajudam aqueles por quem devem prestar contas a Deus, então estes devem-lhes assistência corporal. Mas se forem infiéis e transgredirem as leis de Cristo, eles podem ser depostos em nome de Deus. Em suma, o reino dele é o melhor e mais estável que governa em nome de Deus sozinho, e o seu é pior e mais instável que governa de acordo com sua própria vontade.[139]

Percebe-se, então, que na lógica política de Zwínglio, o poder dos magistrados era legítimo desde que esses estivessem coadunando com os princípios religiosos recém-estabelecidos na cidade. Como pode ser observado nos artigos XXV E XXVI, Zwínglio esperava que todos os cristãos obedecessem a seus governantes e estes deveriam assumir a postura, não somente de manter as bases da fé cristã (e reformada) no seu território, mas de defender e proteger aqueles sob seu governo. De outro modo, seria considerada legítima também a deposição desses governantes. O lidar com o poder político pode ser percebido como um espaço de complexa discussão no contexto das Reformas, haja vista que a cristandade, já fragmentada em doutrinas, tornou-se também pulverizada nas relações políticas.

---

[139] "ABOUT MAGISTRY.
XXXIV. The spiritual (so-called) power has no justification for its pomp in the teaching of Christ.
XXXV. But the lay has power and confirmation from the deed and doctrine of Christ.
XXXVI. All that the spiritual so-called state claims to have of power and protection belongs to the lay, if they wish to be Christians.
XXXVII. To them, furthermore, all Christians owe obedience without exception.
XXXVIII. In so far as they do not command that which is contrary to God.
XXXIX. Therefore all their laws shall be in harmony with the divine will, so that they protect the oppressed, even if he does not complain.
XL. They alone may put to death justly, also, only those who give public offence (if God is not offended let another thing be commanded).
XLI. If they give good advice and help to those for whom they must account to God, then these owe to them bodily assistance.
XLII. But if they are unfaithful and transgress the laws of Christ they may be deposed in the name of God.
XLIII. In short, the realm of him is best and most stable who rules in the name of God alone, and his is worst and most unstable who rules in accordance with his own will. (*Selected Works of Huldrich Zwingli*, (1484-1531) The Reformer of German Switzerland, translated for the First Time from the Originals, ed. Samuel Macauley Jackson. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1901, p.93)"

3.3.2 - Confissão de Schleitheim (1527)

A Confissão de Schleitheim foi publicada em 24 de fevereiro de 1527, pelo líder anabatista e ex-monge católico Michael Sattler. Esse foi o primeiro e principal documento que sistematizou as doutrinas professadas pelos anabatistas suíços. O documento está organizado em 7 artigos, que resumem as concepções anabatistas acerca da fé cristã: "Os artigos que discutimos e sobre os quais todos concordamos são estes: I) o batismo, II) o banimento (exclusão), III) o partir do pão, IV) a separação das abominações, V) os pastores na igreja, VI) a espada, e VII) o juramento".[140]

A Confissão de Schleitheim circulou em forma de panfletos impressos, a fim de incentivar a unidade da fé entre os cristãos protestantes anabatistas dentro e fora dos Cantões Suíços. Na ocasião da publicação, esse grupo era alvo de acentuada repressão por parte das forças católicas, que buscavam ainda manter sua autoridade sobre a religiosidade na região.

Contudo, o posicionamento anabatista divergia não somente da perspectiva católica romana, mas de outros grupos protestantes, principalmente na discussão acerca do batismo. Diferente dos católicos, luteranos e reformados, os grupos anabatistas consideravam um ato de heresia o batismo de crianças. Conforme o artigo 1º:

> I. Observações sobre o batismo: O batismo será aplicado em todos os que aprenderam [a necessidade] do arrependimento e da regeneração de vida e verdadeiramente acreditam que seus pecados foram levados por Jesus Cristo, que desejam ser sepultados com ele na morte, para que possam ser ressuscitados com ele, e em todos aqueles que neste sentido pedem (o batismo) de nós e o exigem para si. Isto exclui todo batismo de infantes, a maior e principal abominação do papa. Nisto você tem o alicerce e o testemunho dos apóstolos. Leia Mateus cap. 28; Marcos cap. 16; Atos caps. 2, 8, 5 16, 19. Isto nós queremos guardar com simplicidade, e ao mesmo tempo com firmeza e segurança.[141]

"A maior e principal abominação do papa." Contudo, a prática do batismo de infantes, como foi dito, não era uma prática estritamente católica. O posicionamento anabatista acabou sendo combustível para dissensões com luteranos e reformados, que continuaram a adotar o batismo como um sacramento que deveria ser celebrado na infância, quando os pais da criança a apresentavam e, por meio da cerimônia, a incluíam simbolicamente em sua comunidade de fé.

---

[140] A Confissão de Fé de Schleitheim. Trad. Charles David Becker. São Paulo: Literatura Monte Sião do Brasil, 2012, p. 4.
[141] A Confissão de Fé de Schleitheim. Trad. Charles David Becker. São Paulo: Literatura Monte Sião do Brasil, 2012, p. 4-5.

No que tange à Eucaristia, os anabatistas se aproximavam mais dos reformados do que dos luteranos, uma vez que a consideravam um ato memorial:

> III. No repartir do pão temos um só pensamento e concordamos (como segue): Todos aqueles que desejam repartir o pão em lembrança do corpo quebrantado de Cristo e os que desejam beber de um cálice em lembrança do sangue derramado de Cristo, serão unidos primeiro pelo batismo no corpo único de Cristo, que é a igreja de Deus, cujo Cabeça é Cristo. Pois como Paulo nos mostra, não podemos ao mesmo tempo beber do cálice do Senhor e do cálice do diabo. Isto é, todos os que têm comunhão com as obras mortas das trevas não participam da luz. Portanto todos os que seguem o diabo e o mundo não têm parte com os que são chamados por Deus para sair do mundo. Todos os que jazem no mal não têm parte no que é bom.[142]

Apesar das discordâncias teológicas já observadas, um dos pontos de maior tensão desta Confissão diz respeito ao trato com a força armada e as relações políticas. Os anabatistas, dentro do protestantismo, foram categorizados como protestantes radicais, pois defenderam categoricamente o não envolvimento dos fiéis com as causas políticas e com a "espada" como forma de punição:

> VI. [...]Terceiro, será perguntado quanto à espada, [o cristão] pode ser magistrado se for escolhido para isso? A resposta é como segue: Eles quiseram tornar Cristo [seu] rei, mas ele fugiu e não entendeu isto como sendo a vontade do seu Pai. Assim, nós devemos fazer como ele fez, e segui-lo, e assim não andaremos em trevas. Pois ele mesmo diz que quem quiser vir após mim, tome sua cruz e siga-me. Também, ele mesmo proíbe a (utilização de) força da espada, dizendo, Os príncipes deste mundo dominam sobre eles, etc., mas não será assim com vocês. Paulo também diz que os que Deus dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, etc. [143]

Os anabatistas criam na força armada como uma forma de controle social e punição, contudo, deixavam claro que essa prática não deveria incluí-los. Sattler defendia a perspectiva de que os cristãos tinham formas à parte de punição, como o banimento, e que não deveriam se envolver nas políticas do governo local.[144]

Desta forma, é possível observar que os protestantes anabatistas se colocaram na contramão da aproximação entre os governos locais e as comunidades de fé. No entanto, vale pontuar por hora que, com essa postura, os anabatistas se isolaram dentro do protestantismo, haja vista que luteranos e reformados, a despeito de longas discussões, tinham um posicionamento mais relativo no que tange ao envolvimento com os poderes políticos. Mais

[142]A Confissão de Fé de Schleitheim. Trad. Charles David Becker. São Paulo: Literatura Monte Sião do Brasil, 2012, p. 9.
[143]Idem, p. 9
[144] Ibid. p. 9

uma vez, Marie Dentière ilustra essa diferença, pois deixa bem clara a cobrança de posicionamento de Margarida de Navarra, aspecto que será retomado no último capítulo.

O principal autor da Confissão de Schleitheim, Michael Sattler, foi preso junto com sua esposa, em maio de 1527, enquanto falava em uma conferência na cidade de Rotenburgo. Os documentos achados com ele, dentre eles a Confissão, tornaram-se prova de culpa de heresia e Sattler e sua esposa foram presos e executados. Apesar do fim trágico, o documento redigido por Sattler e outros teólogos anabatistas continuou sendo a principal diretriz para os protestantes desse segmento.

3.3.3 - Confissão de Augsburgo (1530)

A confissão de Augsburgo, conhecida como a Confissão Luterana, foi publicada em 25 de junho de 1530. O documento foi elaborado pelos teólogos de viés luterano na Saxônia, e apresentado na Dieta de Augsburgo, a pedido do imperador Carlos V que, temendo o avanço turco no Ocidente, procurava remediar a situação com os protestantes, a fim de obter suporte militar dos príncipes alemães, caso necessário. O próprio Lutero, embora não estivesse na cidade, foi consultado por correspondência e, no fim, a declaração foi assinada por sete príncipes:

> Apresentamos os ensinamentos acima em resposta ao comando de Sua Majestade Real. Desta forma, queremos mostrar o que confessamos e deixar que os homens vejam um resumo da doutrina dos nossos professores. Se há outros pontos adicionais que alguém quer que cubramos nesta confissão, estamos prontos. Se Deus quiser, apresentaremos explicações mais completas de acordo com as Escrituras. Súditos fiéis de Sua Majestade: João, Duque da Saxônia, o Eleitor; George, Marquês de Brandemburgo; Ernest, Duque de Lueneberg; Filipe, Landgrave de Hesse; João Frederico, Duque da Saxônia; Francisco, Dulke de Lueneburg; Wolfgang, Príncipe de Anhalt; Senado e Magistratura de Nuremberg; Senado de Reutlingen.[145]

Dentre os principais pontos de discussão destacam-se os denominados "Artigos sobre os quais há divergências em que se recenseiam os abusos que foram corrigidos". Trata-se nesses pontos das observações acerca do poder dos bispos, votos monásticos, confissão auricular, sacramentos, missas, matrimônio dos sacerdotes e distinção da alimentação no período da Quaresma. Com base no documento percebe-se que os teólogos luteranos tentavam

[145] "We present the above teachings in answer to the command of Royal Majesty. In this way we wish to show what we confess and let men see a summary of the doctrine of our teachers. If there are many additional points that someone wants us to cover this confession, we are ready. God willing, to present fuller explanations according to the Scripture. Your Majesty's faithful subjects: John, Duke of Saxony, the Elector; George, Margrave of Brandenburg; Ernest, Duke of Lueneberg; Philip, Landgrave of Hesse; John Frederick, Duke of Saxony; Francis, Dulke of Lueneburg; Wolfgang, Prince of Anhalt; Senate and Magistracy of Nuremberg; Senate of Reutlingen". The Unaltereted Augsburg Confession A.D 1530. Translation and historical notes by Glen L. Thompson. Wisconsin: Northwestern Publishing House, 2005, p. 36.

amenizar o teor da polêmica, afirmando que sua intenção era somente corrigir os abusos cometidos. Sobre esses tópicos é frisado por esses teólogos que:

> Nós mostramos, então, que nossas igrejas não desagregam com a Igreja sobre qualquer artigo de fé. Eliminamos alguns abusos que são novos na Igreja, que foram mal aceitos por causa do pecado dos tempos, e que vão contra o que os concílios da igreja pretendiam. Portanto, rogamos para que Sua Majestade Real ouça graciosamente o que foi mudado e as razões pelas quais o povo não deve ser forçado a praticar esses abusos contra a consciência. Sua Majestade Real não deve acreditar naqueles homens que espalham mentiras entre as pessoas para fazê-los odiar nossos ensinamentos. Antes de tudo, eles criaram esta controvérsia incomodando as mentes dos bons cristãos. Agora, eles estão tentando usar os mesmos métodos para aumentar as discordâncias. Pois Sua Majestade Real, sem dúvida, descobrirá que nossos ensinamentos e cerimoniais não são tão terríveis quanto estes homens ímpios e mentirosos dizem que são. Além disso, rumores comuns ou as acusações odiosas de inimigos não podem descobrir a verdade. Mas é fácil ver que nada manteria melhor a dignidade das cerimônias e encorajaria a reverência e a devoção divina entre o povo do que se as cerimônias fossem realizadas adequadamente nas igrejas.[146]

Apesar do esclarecimento prestado, a Confissão de Augsburgo foi refutada por clérigos católicos na mesma Dieta. Diante do impasse, o imperador insistiu para que os luteranos reconhecessem e acatassem a refutação. Desta feita, a reafirmação de que a Igreja havia se desviado do cristianismo primitivo, por meio de práticas que não estavam respaldadas biblicamente, acabou por contribuir com a permanência do imbróglio e a fragmentação das alianças tão almejadas por Carlos V.

O documento foi adotado como declaração pública de fé e passou a servir como um orientador das novas comunidades religiosas luteranas, principalmente nas cidades alemãs do Norte. No entanto, vale ressaltar que nem todas as cidades alemãs adotaram a confissão de Augsburgo. A Confissão Tetrapolitana, também publicada em 1530, foi uma resposta de Felipe Melanchton, reformador e pupilo de Lutero, como uma discordância a respeito da Eucaristia. Desse modo, o segundo documento apontado tornou-se mais professado entre as cidades alemãs do Sul.

---

[146] We have shown, then, that our churches do not desagree with the church about any article of faith. We have eliminated of some abuses that are new to the church, that have been wrongly accepted because of sinfulness of the times, and that go against what church councils had intended. Therefore, we pray that Your Royal Majesty would graciously listen both to what has been changed and to the reasons why the people should not be forced to practice those abuses against the conscience. Your Royal Majesty should not believe those men who spread lies among the people to make them hate our teachings. First of all, they created this controversy by troubling the minds of good christians. Now, they are trying to use the same methods to increase the disagreements. For your Royal Majesty will undoubtedly, discover that our teachings and cerimonies are not as terrible as these ungodly and lying men say they are. Besides, common rumors or the hateful accusations of enemies cannot uncover the truth. But it is easy to see that nothing would better maintain the dignity of the cerimonies and encourage reverence and godly devotion among the people than if the cerimonies were carried out properly in the churches. The Unaltereted Augsburg Confession A.D 1530. Translation and historical notes by Glen L. Thompson. Wisconsin: Northwestern Publishing House, 2005, p. 19.

Cada um dos textos confessionais apontados acentuou ainda mais as singularidades dos segmentos dentro do protestantismo, bem como salientou as particularidades regionais que eram intrínsecas na construção de uma confissão religiosa. A adoção desses documentos teve um forte impacto na sociabilização dos territórios europeus, uma vez que os grupos sociais passaram a ser identificados por meio dos elementos religiosos estruturados nas confissões. Com isso, batizar ou não crianças, por exemplo, não era apenas uma interpretação bíblica, mas declarar-se ou não parte de um determinado grupo.

De uma maneira geral, os documentos confessionais foram apresentados a fim de demonstrar que as divergências oriundas no campo da teologia passaram a convergir em fatores de diferenciação política e social. Contudo, todos esses materiais foram produzidos e debatidos por homens letrados, por vezes inseridos em meios acadêmicos e que operavam junto de governantes que, por meio do seu posicionamento, abraçavam ou extirpavam essas ideias de seus territórios.

Sendo assim, partindo do ponto em que as confissões se tornaram elementos de distinção social e política, como as mulheres envolvidas por estes eventos leram esse processo de confessionalização? Como o material produzido lhes dizia respeito? No espaço dos homens despontou também uma teologia no feminino.

Por fim, será abordada a partir de agora uma prática de interpretação que perpassa pelo prisma das mulheres. Espera-se identificar suas análises e observações a partir do local onde estavam.

CAPÍTULO IV

A TEOLOGIA NO FEMININO: UMA LEITURA DAS PRODUÇÕES DE JEANNE DE JUSSIE E MARIE DENTIÈRE EM UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

As mulheres não estavam, de modo algum, alheias à produção teológica. Até porque, mesmo aquelas que não eram letradas, foram impactadas por essas ideias na vida prática cotidiana, fosse nas rotinas eclesiásticas ou nas relações familiares. Quando a teologia é entendida para além da produção acadêmica, pode-se apreender que o fazê-la está também nas questões voltadas sobre o modo de enxergar o relacionamento do divino com a humanidade, as tradições religiosas, entre outros fenômenos. Portanto, é importante frisar que o protagonismo masculino no cenário intelectual e político não anulou a produção feminina no campo da teologia.

Mas no que tange à produção escrita, o que diferenciava ambos, homens e mulheres, era, principalmente, as condições para produzi-la, seu objetivo e o recebimento pelos interlocutores. Enquanto a maior parte dos escritos de autoria masculina se voltavam para o público, como elementos de instrução e doutrinamento, tais quais as Confissões, observa-se que a maior proporção de materiais com autoras mulheres estavam circunscritos ao privado, salvo exceções que merecem especial atenção.

Deve-se considerar é claro que, ainda que a produção teológica feminina não tenha sido anulada, as condições de produção impactaram significativamente sua circulação. No contexto em questão, uma mulher jamais escreveria sob as mesmas circunstâncias que um homem. Contudo, alguns elementos possibilitaram essa prática.

A vida monástica viabilizava a escrita feminina para edificação das irmãs dentro dos conventos. As produções visavam proporcionar, sobretudo, orientações sobre as orações e sobre a vida cristã. Assim como Jeanne de Jussie, outras freiras tornaram-se notáveis por sua escrita. A exemplo disso temos Hildegard de Bingen, freira beneditina na região da Mogúncia, que escreveu, entre outras coisas, hagiografias, poesias, músicas, textos de exegese e de ciências naturais. E também Teresa D'Ávila, carmelita espanhola e hoje considerada doutora pela Igreja, devido a suas contribuições, sobretudo no que diz respeito à literatura mística da Igreja Católica.

O mundo protestante também teve suas autoras. Mas essas mulheres encararam a particularidade de não ter um espaço específico, como o convento, onde pudessem produzir. Cerceadas às universidades e seminários, restaram-lhes os espaços informais de produção. O âmbito privado era onde suas penas podiam registrar sobre os papéis as suas formas de pensamento. Fora de ali ser uma mulher autora era praticamente inviável, pois a "escrita de autoridade", aquela que ensinava e exortava, era restrita aos homens. Mesmo aqueles que não tivessem uma formação formal na Teologia eram privilegiados por seu gênero.

Era incentivado que muitos maridos aprendessem para que ensinassem as suas esposas. Ainda que as mulheres tenham sido influenciadas a ler a Bíblia, a presença de um tutor masculino não desapareceu junto com a Reforma.[147] Desse modo, por ter como característica a produção no espaço privado, além da supressão da opinião nos espaços públicos, a produção escrita feminina no campo da teologia protestante é bastante escassa.

O questionamento da ausência de autoria feminina em um momento de grande florescimento da produção teológica pavimenta uma via para alcançar as percepções ocultadas. Essas percepções deixaram de ser discutidas, não por serem inexistentes, mas por serem propositalmente esmaecidas. Como já foi tratado, o papel a ser exercido pelas mulheres nas Reformas já havia sido bem delineado: dentro deles, a expressão religiosa era louvável. Mas as opiniões que representavam qualquer tipo de pensamento autônomo eram entendidas como problemas a serem tratados com repreensão e, até mesmo, censura.

Os materiais de autoria feminina aqui analisados expressam um cariz apologético, pois mobilizam argumentos, sejam de referências bíblicas, sejam de experiências pessoais e exemplos de terceiros, para demonstrar a verdade em sua própria doutrina. Mas diferenciam daqueles produzidos pelos homens, pois incluem o gênero como um elemento relevante para discussão em meio às questões teológicas, não com o mesmo tratamento dicotômico dado durante anos, mas com a percepção das próprias mulheres sobre a sua condição no tempo em que viveram.

Na leitura da *Petite Chronique* e da *Epistre très Utile*, a discussão acerca da condição da mulher chama atenção pelo modo com que aparece nos textos: há evidências de que, nas

[147] GODINEAU, Dominique. *Les Femmes dans la France Moderne*. Paris: Armand Colin, 2015, p. 118.

perspectivas das autoras, consequências desastrosas em questões religiosas muitas vezes estão atreladas ao protagonismo masculino e à negligência com relação às mulheres.

Ao observar os recortes em que o tema do gênero se evidencia no corpo documental analisado, é possível apreender as interpretações embutidas por Dentière e Jussie à condição feminina à época das Reformas. É pretendido aqui se debruçar um pouco mais sobre os tópicos que lhes pareceram relevantes, a ponto de deixá-los registrados, bem como o que as aproximava e o que as afastava nessas circunstâncias.

O esforço de discorrer esse ponto desvela uma espécie de teologia no feminino, que embora relevante não alçou espaço para se desenvolver na Genebra do século XVI. Os eixos temáticos da documentação são vastos, o que viabilizaria diferentes nichos de pesquisa. Contudo, espera-se dedicar aos elementos que apontam para a condição das mulheres.

4.1 - A expectativa escatológica: ser mulher no fim dos tempos.

O momento histórico no qual eclodiram as Reformas Religiosas foi marcado por uma sucessão de eventos que contribuíram no afloramento de uma expectativa escatológica na população. Guerras, pestes, ideias taxadas como heréticas apontavam para os reformadores ou até mesmo para o Pontífice como se ambos fossem o Anticristo:

> Na terça-feira, um jovem perverso levantou-se após a pregação e gritou: "Senhores, Senhores, ouçam o que eu digo." E quando as pessoas estavam em silêncio, ele disse em voz alta: "Senhores, eu arrisco a minha vida e exponho-me a ser queimado para defender que este homem não disse nada mais do que mentiras e palavras do Anticristo"[148], p. 89.

O relato acima foi registrado por Jeanne de Jussie e diz respeito a um frei dominicano de nome Guy Furbity, doutor em teologia da Sorbonne que havia visitado Genebra para pregar na ocasião do Advento. As acusações do protestante em meio ao sermão inflamaram outros genebrinos adeptos do protestantismo que se somaram às acusações de heresia. Furbity foi preso pelas forças da cidade em 1534 e submetido a um debate público com Guillaume Farel. Sua liberdade só foi obtida dois anos depois, graças à interferência de Francisco I, monarca francês.

[148] On Tuesday a wicked young man175 stood up after the preaching and shouted, “Messieurs, Messieurs, listen to what I tell you.” And when the people were silent, he said in a loud voice, “Messieurs, I would risk my life and expose myself to be burned to maintain that this man has said nothing but lies and words of the Antichrist. JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p. 89.

Para protestantes e católicos, o caos instaurado apontava para tribulações já previstas biblicamente e a divergência doutrinária era por si só uma evidência escatológica para ambos os lados. Afinal, nos últimos dias haveria demasiada apostasia, como explanou o apóstolo Paulo em sua epístola aos Tessalonicenses. E não havia apóstata maior para um católico do que um protestante, tampouco um apóstata maior para um protestante do que um católico.

Marie Dentière também aponta para a iminência de um fim, dizendo que "todos aqueles que se posicionarem contra uma série de más condutas serão perseguidos e colocados à morte", que os clérigos católicos são lobos em pele de cordeiro (p. 15) e que o próprio Papa poderia ser considerado o Anticristo, dada sua conivência com os abusos que aconteciam em Roma.[149]

As práticas violentas que por vezes envolviam essas dissensões acentuavam ainda mais as percepções acerca do fim dos tempos. Situações como profanação de espaços sagrados, execuções, açoites e xingamentos são vistas com frequência tanto na Epístola, quanto na Crônica:

> Se você tem a escritura do seu lado, cegos e líderes dos cegos, por que você não a mostra? Você teme a luz? É claro que aquele que procede das trevas odeia a luz; enquanto aquele que tem direito do seu lado mostra a luz. Por que você não faz isso sem usar tantas espadas, sem tantas guerras, sem tanto perseguir, matar, assassinar, queimar inocentes, pessoas boas e fiéis cujo sangue virá sobre você e clamará por vingança contra você diante de Deus?[150]

> Naquela noite de sábado [8 de outubro], alguns homens perversos de Genebra trouxeram um grupo daqueles suíços para saquear a abadia cisterciense de Bellerive, perto de Genebra, e roubaram tudo, até mesmo o sino da igreja. Então eles atearam fogo a ela, mas Nosso Senhor os impediu. A igreja não pegou fogo, mas permaneceu de pé, apesar de seus esforços. As pobres freiras escaparam, disfarçadas de pobres mulheres rebeldes, cada uma para a casa de sua família. Depois, as freiras voltaram ao seu convento para servir a Deus como antes. As pobres freiras de Santa Clara em Genebra viram a abadia queimando de seu jardim, e não pode haver dúvida de que era uma espada muito penetrante e dolorosa para elas e que elas não esperavam nada menos acontecer consigo mesmas.[151]

---

[149] DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539, pp 57-58.

[150] Si vous avez l'escripture pour vous, aveugle et conducteurs d'aveugles que ne le mõstrez vous? Craignez vous la lumière? Certes celuy que chemine en tenebres hayt la lumière: qui a bõ droict il le mostre. Que ne le faites vous, sans tant persecuter, tuer, meurdrir et brusler innocens, bõs et fideles personages, desquelz le sang viendra sur vous e si crie vegeance devant Dieu cõtre vous? DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539, p. 21.

[151] That Saturday [October 8] evening some wicked Genevan men brought a company of those Swiss to plunder the Cistercian Abbey of Bellerive near Geneva, and they stole everything, even the church bell.47 Then they set fire to it, but Our Lord stopped them. The church did not catch fire but remained standing despite their efforts. The poor nuns escaped, disguised as poor wayward women, each to her family's house. Afterward the nuns came

Natalie Davis trata dessas ações como Ritos de violência. A autora questiona: "o que essas multidões pretendiam fazer e por que elas pensavam que deviam fazê-lo? Em primeiro lugar, seu comportamento sugere um objetivo semelhante ao da pregação: a defesa da verdadeira doutrina e a refutação da falsa"[152] e aponta também que:

> Um objetivo mais frequente desses levantes, entretanto, é o de livrar a comunidade de uma temida poluição. A palavra "poluição" está frequentemente na boca dos violentos, e o conceito serve bem para englobar os perigos que os que protestavam viam no inimigo sujo e diabólico.[153]

A conotação do "outro" como alguém poluído, tal qual destacado por Davis, é perceptível nos textos e repete-se com certa frequência nos documentos analisados.

Acerca dos protestantes, Jussie vai dizer que eles "são piores do que os turcos". A ocasião da escrita da Crônica é contemporânea às tentativas de incursões turco otomanas na Europa: "Como um glutão e um cão desleal e insaciável, ele está sempre travando uma guerra para obter mais terra".[154] Os muçulmanos eram vistos como infiéis, pois, embora monoteístas, não confessam o messianismo cristão, reconhecendo Jesus Cristo como filho de Deus. Jussie detalha que por volta de março de 1533 surgem rumores de uma possível aglomeração de protestantes que pretendiam percorrer e pilhar igrejas e monastérios na cidade. Diante da ameaça, um grupo de homens católicos teria se reunido para frear essa situação e "pondo um fim nessa infecção na cidade", afirmando que os protestantes seriam piores do que os turcos na propagação de sua heresia.

Para além da impertinência em pregar o que não era devido, Jussie chama atenção para a agressividade dos protestantes nos levantes da cidade. Pode-se associar essa noção de agressividade aos atos iconoclastas, praxe nas regiões marcadas por processos de confessionalização que culminaram na consolidação do protestantismo. Para esses grupos, sacralizar objetos materiais era um ato de heterodoxia. A freira relata com horror os ataques

---

back to their convent to serve God as before. The poor nuns of Saint Clare in Geneva saw the abbey burning from their garden, and there can be no doubt but that it was a very piercing and painful sword to them and that they expected nothing less to happen to themselves. JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p. 46.

[152] DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo.* Sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 132.

[153] Idem, p. 133.

[154] Like a glutton and a disloyal, insatiable dog, he is always waging war to get more land. JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva.Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p. 70.

às imagens de santos e a profanação de outros tantos itens considerados sagrados pelos católicos, como um caso onde a hóstia, elemento integrante da cerimônia de Eucaristia, é dada a um animal:

> Foi dito que em uma igreja em Vaud eles levaram a hóstia sagrada do corpo de Jesus Cristo e deram de comer a uma cabra, um pobre animal selvagem. Então eles disseram com grande desprezo: "Vá e morra quando quiser, pois você tem o seu sacramento". [155]

Outro ponto que aparece com frequência no texto de Jussie é sua indignação com as interferências nas cerimônias religiosas. Foram registrados alguns episódios onde protestantes se infiltram em missas e outras cerimônias solenes, para irromper críticas e acusações no meio de momentos sacros: "Pois aqueles cães não desejavam nada além de assediar pessoas piedosas e abolir o estado de virgindade e culto divino".[156]

As reações dos fiéis católicos perpassam desde a reprovação pela fala até atitudes de reação em repulsa, como por exemplo: "Algumas crianças católicas urinaram na sepultura de um protestante que não teve os ritos católicos em seu leito de morte". As mulheres carregavam pedras para tacar nos "luteranos".[157]

Do mesmo modo, Marie Dentière expressa sua revolta e indignação pelas práticas que ela julga heréticas. Sua crítica se pauta no afastamento das Escrituras Sagradas por parte da Igreja de Roma e seus fiéis. As páginas da epístola estão permeadas de referências bíblicas, posicionadas nas margens da lauda, para fundamentar o que está sendo tratado, como demonstrado no trecho a seguir:

---

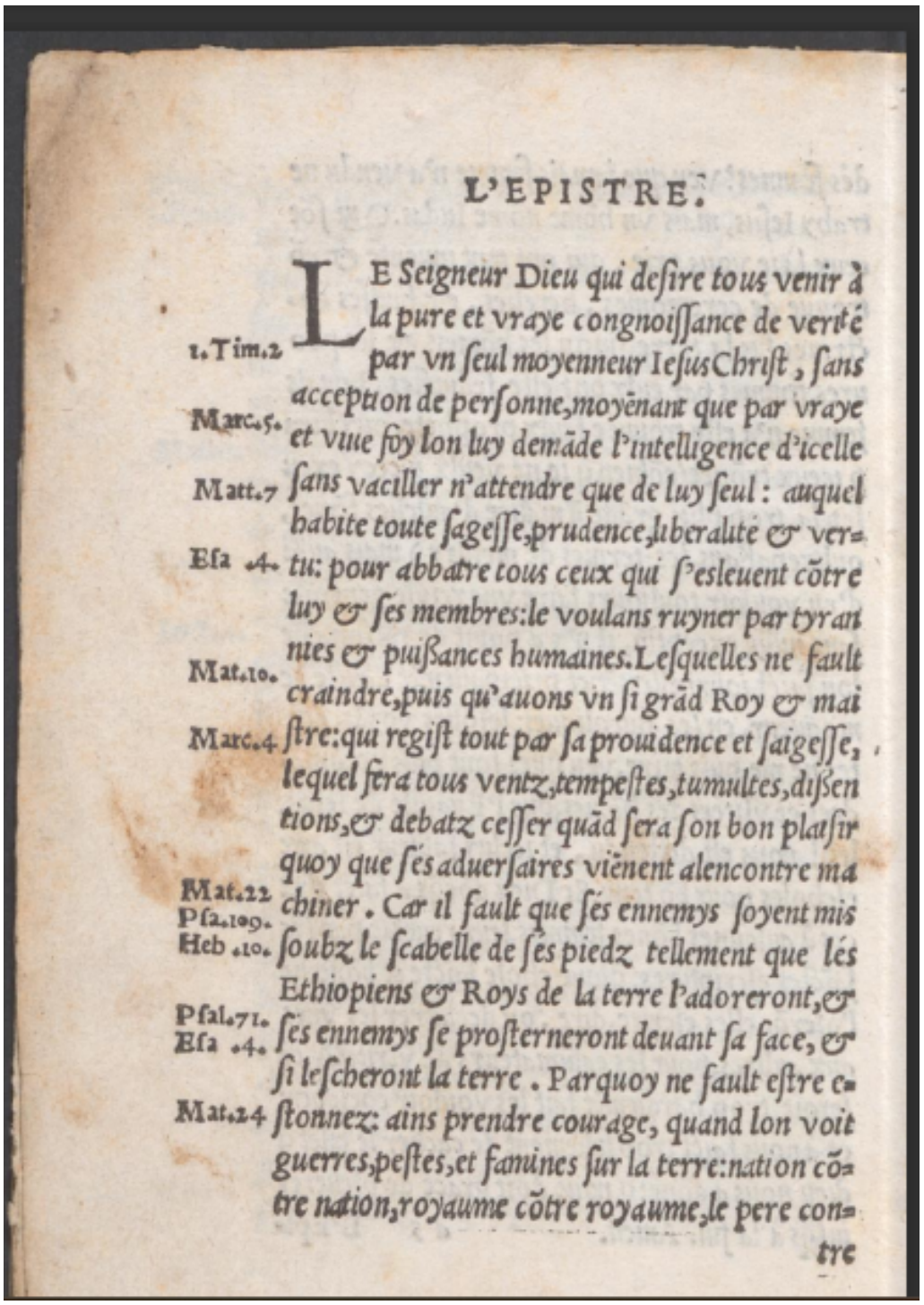
[155] It was said that in a church in the Vaud they took the sacred host of the body of Jesus Christ and fed it to a goat, a poor brutish beast. Then they said in great scorn, "Go and die whenever you like, for you have your sacraments." JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p 53

[156] For those dogs desired nothing but to harass pious people and to abolish the state of virginity and divine worship. Idem, p 46.

[157] Idem, p. 78 e p. 113.

FIGURA 1

Página da Epistre très Utile, de Marie Dentière, escrita em 1539.



L'EPISTRE.

LE Seigneur Dieu qui deſire tous venir à
1.Tim.2 la pure et vraye congnoiſſance de verité
par vn ſeul moyenneur Ieſus Chriſt, ſans
Marc.5. acception de perſonne, moyẽnant que par vraye
et vraye foy lon luy demãde l'intelligence d'icelle
Matt.7 ſans vaciller n'attendre que de luy ſeul: auquel
habite toute ſageſſe, prudence, liberalité & ver-
Eſa .4. tu: pour abbatre tous ceux qui ſ'esleuent cõtre
luy & ſes membres: le voulans ruyner par tyran
nies & puiſſances humaines. Leſquelles ne fault
Mat.10. craindre, puis qu'auons vn ſi grãd Roy & mai
Marc.4 ſtre: qui regiſt tout par ſa prouidence et ſaigeſſe,
lequel fera tous ventz, tempeſtes, tumultes, diſſen
tions, & debatz ceſſer quãd ſera ſon bon plaſir
quoy que ſes aduerſaires viẽnent alencontre ma
Mat.22 chiner. Car il fault que ſes ennemys ſoyent mis
Pſa.109. Heb .10. ſoubz le ſcabelle de ſes piedz tellement que lés
Ethiopiens & Roys de la terre l'adoreront, &
Pſal.71. Eſa .4. ſes ennemys ſe proſterneront deuant ſa face, &
ſi leſcheront la terre. Parquoy ne fault eſtre e-
Mat.24 ſtonnez: ains prendre courage, quand lon voit
guerres, peſtes, et famines ſur la terre: nation cõ-
tre nation, royaume cõtre royaume, le pere con-
tre

[158]

[158] Musée historique de la Réformation, Genève / Epistre très utile faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyée à la Royne de Navarre seur du Roy de France. Contre les Turcz, Juifz, [...] (e-rara.ch)

A apologeta denuncia o "mercado de relíquias" praticado por diversos clérigos. As simonias, ou seja, a comercialização de objetos sagrados e favores espirituais, eram recebidas com ojeriza pelos protestantes, que viam nessas práticas, não sacralidades, mas uma fonte extremamente lucrativa, tendo como base a distorção das Escrituras. Sua repulsa fica explícita quando ela reporta:

> Não era suficiente para a maldade dos homens atribuir e conceder a honra que pertence a Jesus Cristo sobre as coisas visíveis que foram ordenadas por Deus, mas também sobre coisas ordenadas e inventadas pelos homens, sem a autoridade das Escrituras, tais como peregrinações e dinheiro dado por indulgências, e perdões, e um monte de outras idolatrias malignas que os homens descobriram, criados, e inventados através de suas boas intenções, ou melhor, para saquear e roubar o pobre, indo contra a santa palavra de Deus. Chegou ao ponto em que a terra está cheia de idolatrias, e se Deus não interviesse, ela não estaria ao alcance humano extirpá-los e arrancá-los.[159]

O mercado de relíquias era uma prática muito comum nesse contexto, e até mesmo atribuía status. Havia conventos e igrejas que se destacavam entre outros lugares por abrigarem algumas dessas relíquias sagradas, tais como ossos de pessoas canonizadas, objetos conhecidos por imputar milagres, etc. Além disso, a prática de indulgências era recorrente no meio eclesiástico desde a Alta Idade Média. Por meio das cartas de indulgências, que eram obtidas por meio de pagamento, muitos fiéis criam que seria possível livrar a alma de um ente querido do purgatório, ou até mesmo alcançar a absolvição de pecados para si mesmos. As indulgências foram as práticas atacadas mais frontalmente por Martinho Lutero e por reformadores e reformadoras que o sucederam.

Além da crítica às indulgências e simonias, observa-se também a objeção do que Dentière trata como "práticas judaizantes". Essa questão é abordada no contexto da abstenção do consumo de carne no período da Quaresma; por isso, o Pontífice é acusado na Epístola de corroborar com um legalismo que remonta às leis mosaicas do Antigo Testamento.

Ainda no que diz respeito aos sacramentos, Dentière deixa clara sua percepção a respeito da Eucaristia. Como protestante reformada, e não luterana, ela apreende esse

---

[159] Et aussi n'a il pas suffit à la meschanceté des hõmes attribuer e bailler ainsi l'honneur qui appartient à Jesus Christ aux choses visibles, lesquelles sont ordonnées de Dieu: mais aussi aux choses ordonnées et inventées des hommes, sans auctorité d'escripture comme sont voyages, argent donné pour indulgences et pardons, et à tout plein d'autres meschantes ydolatries, que les hões ont trouvé, erigé et inventé par leurs bõnes intentions, ou plustost pour piller et desrober le paouvre peuple, contre la saincte parole de Dieu. Tellement que toute la terre en est remplie: et si Dieu n'y mettoit la main, ne seroit à la puissance humaine s'extirper e arrancher. DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539, p. 59.

sacramento como um memorial, no mesmo viés defendido por Ulrich Zwínglio e João Calvino:

> Eles transformaram o pobre povo em idólatras que adoram o pão e o vinho como seu próprio Deus, quando Deus não permanece nas coisas feitas por mãos humanas. Deus também não deseja ser servido e adorado em coisas feitas pelas máquinas e artifícios humanos. Mas você, mais sábio do que Deus, fará dele uma bela imagem, metade da qual você usará para cozinhar o seu ensopado e aquecer a sua carne e da outra metade fará um Deus para adorar e servir, pedindo a sua ajuda. De um pouco de trigo farás pão, uma parte darás aos pobres como Deus ordena; do outro, farás um Deus para adorar, comer e devorar, o que é proibido. Oh, que servo, comendo seu senhor! Que serviço você faz a ele, que adoração, mas essa prática é altamente louvada e defendida. Certamente não por escritura, direito ou razão, porque eles não querem nada disso. Mas é suficiente para nossos mestres que ela seja mantida pela força das tiranias.[160]

> E não deveis pensar que aquelas palavras que Cristo proferiu, santas e puras: "Este é o meu corpo que vos é dado; fazei isto em memória de mim" cria qualquer coisa que não seja pão, que tomamos em memória da morte de Jesus. Você não deve crer nem imaginar que o pão é mudado ou transformado, transubstanciado no corpo de nosso Senhor Jesus, nem que seu corpo desce do céu e se esconde debaixo daquele pão, ou com o pão.[161]

A sacralidade dos elementos, que levou Jussie a sentir horror com a profanação da hóstia, não se aplica na interpretação de Marie Dentière. Para esta, a profanação está na crença de que elementos materiais podem assumir as formas divinas.

Por fim, há também a objeção no que tange ao casamento. Embora protestantes (com exceção dos protestantes de vertente luterana) não vejam o casamento como um sacramento, o laço matrimonial não é visto como um caminho inferior ao celibato. Desse modo, Dentière aponta que muitos clérigos vivem de maneira dissimulada: enquanto sustentam o discurso de uma vida abstêmia de relações sexuais, mantêm concubinas e relacionamentos promíscuos, que geravam filhos fora do casamento: [...] embora em alguns lugares os sacerdotes sejam tão

---

[160] Faisons idolatrer le paouvre peuple, qui adore le pain et le vin comme son propre Dieu: lequel n'a point son habitation et choses faictes de main d'homme. Et ne veult aussi estre serui ne adoré en choses faictes par artifice ne industrie humaine. Mais toy (plus sage que Dieu) luy feras une belle ymage des bois, de la moytie en cuiras tont pot et la chair, de l'autre en forgiras un Dieu pour l'adorer e feruir, luy demandant ayde e secours: de peu de blé feras du pain, l'une partie donneras aux paouvres comme Dieu commande, de l'aultre qui est deffendue feras un Dieu pour l'adorer, mãger e devorer. O quel serviteur mangeant son maistre, quel service on luy fait, quelle adoration: bien recommandée toute fois bien gardée et maintenu. Non pas à tout le mois par l'escripture, droict ou raison, car n'en veul lent point: mais il suffit à noz maistres que ce foit assez maintenu par force de tyrãnies.

[161] Et ne fault point entendre que [...] ces parolles de Jesus Christ dictes et proferées sainctes et pures, cecy est mõ corps que est dõne pour vous, faictes cecy en memoire de moy: facet aultre chose que pain lequel on prend en memoire de la morte de Jesus, sans penser n'imaginer que le pain sont changé, trãsformé, et trãsubstãtié aur corps de nostre Seigneur Jesus: ou que son corps descende du ciel, et se vient mucer er cacher soulz ce pain: ou avec le pain. DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539, p. 24,

ousados a ponto de se gabarem de ter mulheres também; no entanto, é proibido para eles se casarem como Deus ordenou.[162]

Esses comportamentos são vistos pela autora como frutos de hipocrisia, já que inúmeros pastores e freiras, católicos conversos ao protestantismo, eram acusados de libertinagem ao se casarem.

É interessante observar que enquanto Jussie enfatiza a "poluição" como a profanação aos sacramentos e espaços sagrados, como a dissolução dos conventos e a ridicularização do elemento da Eucaristia, Dentière aponta para o mesmo fator, enfatizando que tal "poluição" é derivada do abandono da centralidade das Escrituras Sagradas. Suas acusações são seguidas de passagens bíblicas, na tentativa de justificar que a religiosidade sob sua crítica estava completamente distante do que fora apregoado no cristianismo primitivo.

Mas, a despeito das diferenças, o fato é que, a fim de alcançar a santificação necessária nos últimos dias, almejando um futuro celestial, a violência foi mobilizada como uma espécie de purgante moral contra a doutrina oposta. Por vezes, textos do Antigo Testamento eram utilizados como embasamento para justificar a ação violenta como forma de purificação de um determinado povo. Eram evocadas passagens, tais como a execução dos profetas de Baal, no livro dos Reis, para argumentar que eram necessárias medidas drásticas com relação aos apóstatas.

Essa conjuntura acabou por influenciar na crença de que o fim dos tempos era algo imediato e, consequentemente, muitos passaram a buscar desesperadamente a salvação para suas almas aflitas diante do Juízo. Do mesmo modo, aqueles que abraçaram com convicção a sua doutrina, posicionavam-se de maneira resiliente, mesmo diante dos perigos, já que criam na promessa há tempos registrada no evangelho de Mateus: "Mas aquele que perseverar até o fim será salvo". Deixar de perseverar poderia ser entendido como a queda em danação eterna.

Diante disso, ambas as autoras demonstram clareza acerca de seu posicionamento, graças à formação religiosa que tiveram. E em meio a tantos conflitos levantam questões pertinentes a sua realidade. Como ser cristã no fim do mundo? Ou melhor: "o que as legitima enquanto mulher cristã quando a cristandade está ruindo?".

---

[162] Combien que en aucuns lieux sont bien si hardis de ce vãter que ilz ont le tout: mais de se marier cõe Dieu cõmãde. DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539 p. 38.

As respostas vêm em tons completamente diferentes, mas podem ser complementares, se observadas na perspectiva de que ambas estão tentando responder o que define a dignidade da mulher cristã em um contexto tão adverso. E que tanto uma quanto outra sustenta uma irredutibilidade com relação à fé professada, demonstrando suas visões sobre a necessidade de se manterem firmes até o fim.

4.2 - Jeanne de Jussie: Extra Ecclesiam nulla salus

"Fora da Igreja não há salvação." O antigo axioma aponta para a postura eclesiocêntrica que constituía um dos pilares da Igreja de Roma e que fora também reforçada pelo Concílio de Trento. A excomunhão, ou seja, estar à parte do corpo de fiéis, não pode ser entendida apenas como uma livre opção religiosa. Deixar de constituir esse rol, fosse de maneira autônoma ou por sentença, acarretava uma série de infortúnios - vide Henrique IV, que fora excomungado pelo papa Gregório VII, no século XI, e decidiu retornar arrependido.

É nesse viés que Jeanne de Jussie tece sua exposição a respeito do que, no século XVII, viria ser chamado de "O levante do calvinismo ou o começo da heresia em Genebra". Para a freira, a ideia de salvação fora da Igreja era inexistente. Lígia Bellini ressalta que:

> [...] as qualidades diretamente associadas aos votos monásticos constituíam meramente o requisito primeiro para a entrada e a permanência no convento. O caminho da perfeição implicava ir além, com a meditação cotidiana sobre os passos da Paixão de Cristo e a prática de mortificações e penitências. Para as religiosas perfeitas, as dores do mundo deviam representar a véspera de uma eternidade de glória.[163]

Jussie se orgulha em dizer que nenhuma freira do convento de Santa Clara aderiu à Reforma, exceto por uma que, segundo ela, não tinha entrado no convento com boas intenções.

> Havia perversões entre todas as ordens do mundo, exceto entre as freiras de Madame Santa Clara da Reforma da Bem-Aventurada Colette, onde nenhuma freira foi infiel, exceto por uma que não havia entrado no convento pela porta apropriada de boas intenções, mas por hipocrisia fingida e perversa. Ela não era verdadeiramente digna de Nosso Senhor e foi facilmente desviada e removida da ordem e do convento em Genebra, e foi por causa de sua irmã, um membro daquela seita; ela foi retirada

[163] BELLINI, Ligia – "Penas, e glórias, pesar e prazer": espiritualidade e vida monástica feminina em Portugal no Antigo Regime. In Formas de crer. Ensaios de história religiosa do mundo lusoafro-brasileiro, séculos XIV-XXI. Org. Lígia Bellini, Evergton Sales Souza, Gabriela dos Reis Sampaio. Salvador: Edufba-Corrupio, 2006, p. 81-105

> violentamente, apesar da forte resistência que as 17 freiras colocaram para ela, e vou mostrar abaixo exatamente o que aconteceu.[164]

A vida monástica era vista com louvor e admiração. Abster-se das vivências do mundo exterior ao claustro poderia ser também uma escolha intencional a uma vida de consagração à fé. Ainda que muitas mulheres tenham sido direcionadas a esse destino de maneira compulsória por suas famílias, Jussie demonstra que a vida que seguia era o que representava, para ela, a melhor maneira possível de viver enquanto uma mulher cristã.

A Crônica abre uma porta para que leitores do presente conheçam o que essas mulheres fizeram, ou não fizeram, e como lidaram com os reveses. Porém, a escrita conventual feminina apresenta inúmeros desafios para seus investigadores e investigadoras, pois, embora traga em si riquíssimos recortes acerca do passado das mulheres em vida monástica, não integrou, durante bastante tempo, categorias de objetos vistos como relevantes para preservação e discussão.

Zulmira Santos faz empréstimo de um termo utilizado pela historiadora italiana Elisabetta Graziosi para caracterizar este tipo de escrita como um "arquipélago submerso, no sentido em que tal 'território' se conhece apenas parcialmente, encontrando-se em grande parte 'escondido', sobretudo em termos de produção manuscrita, em diferentes arquivos e bibliotecas".[165]

Um outro ponto sobre esse tipo de escrita trata da natureza do que era produzido. Era comum que as freiras letradas escrevessem crônicas de fundação, para registrar uma narrativa

[164] There were perversions among all the orders of the world, except among the nuns of Madame Saint Clare of the Reformation of the Blessed Colette, where not a single nun was ever perverted or unfaithful, except for one who had not entered the convent through the proper door of good intentions, but by feigned and wicked hypocrisy. She was not truly worthy of Our Lord and was easily led astray and removed from the order and convent in Geneva, and it was because of her sister, a member of that sect; she was taken out violently despite the strong resistance that the nuns put up for her, and I will show below exactly what happened JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p 63.

[165] SANTOS, Zulmira. Escrita conventual feminina: um "arquipélago submerso": apenas algumas notas In FONTES, João Luís, coord., ANDRADE, Maria Filomena, coord., MARQUES, Tiago Pires, coord. - Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios: séculos XV-XXI. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2015.

de caráter identitário acerca da fundação do convento, bem como o reconhecimento aos doadores que viabilizaram sua construção e manutenção. Há também as produções de vidas de santos, livros de orações e instruções para outras freiras.

No entanto, ainda que a escrita conventual feminina tenha sido negligenciada diversas vezes por razões distintas, há de se reconhecer que "nas fechaduras de seus conventos, elas se apropriaram dessa arma poderosa que subtrai linguagem do desgaste do diariamente, transformando-o de uma forma diferente de dizer uma experiência digna de memória".[166] Essa escrita representou uma forma de liberdade, ainda que a vida no claustro possa causar certo estranhamento ao leitor contemporâneo. Sobre isso Ligia Benini ressalta que

> Desde a Idade Média, o domínio das letras foi uma via pela qual mulheres adquiriram autoridade e uma certa autonomia religiosa no universo cristão. A partir do século XVI, as possibilidades existentes no sentido de ocuparem posições menos subalternas na sociedade associavam-se, em grande medida, ao acesso à educação letrada, viabilizado principalmente no convento e na corte. Apesar de o papel que os conventos desempenhavam na fermentação intelectual não ser mais tão importante quanto havia sido no período medieval, com a consolidação das universidades como centros de conhecimento por excelência, a educação monástica continuou tendo relevância para as mulheres. O treinamento era, sem dúvida, mais limitado do que havia sido no passado, ou do que o ministrado nas universidades, na época, sobretudo no que se refere aos temas e textos estudados, mas algum latim e as línguas vernáculas continuaram a ser ensinados. No interior de mosteiros, resguardadas das tensões econômicas e sociais do mundo secular, libertas das funções do casamento e da representação negativa da sua sexualidade, mulheres podiam dedicar-se a escrever textos religiosos, traduzir obras do latim para o vernáculo e trocar correspondência com os poderosos.[167]

Pode-se dizer que o resgate da Petite Chronique não foi motivado, pelo menos não até o século XX, por intenções de salientar a produção escrita de mulheres na Época Moderna. As razões que envolvem edições posteriores ao manuscrito original apresentam impulsos políticos, uma vez que retratavam a destituição do poder da família de Savoia em Genebra. As edições publicadas em 1611 trazem um prefácio saudoso a Vitor Emanuel de Savoia. A edição do século XVII sugere uma retomada de poder por parte da família.

---

[166] Apud SANTOS, Zulmira. Escrita conventual feminina: um "arquipélago submerso": apenas algumas notas In FONTES, João Luís, coord., ANDRADE, Maria Filomena, coord., MARQUES, Tiago Pires, coord. - Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios: séculos XV-XXI. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2015.

[167] Lígia Bellini. "Penas, e glorias, pezar e prazer": espiritualidade e vida monástica feminina em Portugal no Antigo Regime. In Formas de crer. Ensaios de história religiosa do mundo lusoafro-brasileiro, séculos XIV-XXI. Org. Lígia Bellini, Evergton Sales Souza, Gabriela dos Reis Sampaio. Salvador: Edufba-Corrupio, 2006, p. 81-105.

Mas, apesar de a escrita conventual feminina ter sido por vezes mobilizada em razões de natureza política ou então subestimada como uma espécie de subcategoria literária, é necessário, como aponta mais uma vez Zulmira Santos, pensar a construção social da feminilidade e o que motivava essa escrita. A concepção de feminilidade de Jeanne de Jussie passou pela sua pena enquanto trouxe mulheres em diferentes situações.

Os relatos apontados na crônica chegavam a Jussie pelo contato com o mundo "externo", já que o claustro não excluía a possibilidade de se tomar conhecimento sobre o que acontecia na cidade e seus arredores. Ademais, Jussie ocupava uma posição semelhante a um secretariado, o que lhe possibilitou conversar com mantenedores, fornecedores de mantimentos básicos para o convento de Santa Clara e outros apoiadores.

É pertinente dizer que a vida monasterial abria portas para o letramento, para uma vida longe das atribuições de uma mulher casada, como os cuidados com marido, filhos e casa de uma maneira geral. Essa condição acabou por fomentar uma via alternativa para mulheres que optaram por viver sob a castidade da vida no claustro. A ascensão do movimento protestante, no entanto, subtraiu essa possibilidade das mulheres: ainda que a necessidade de acesso às Escrituras para homens e mulheres seja uma pauta enfática, não havia a possibilidade de escolha de uma vida inteiramente dedicada aos estudos e aprofundamento de conhecimento.

Até mesmo as mulheres letradas e inclinadas à vida intelectual no meio protestante deveriam estar respaldadas por uma relação matrimonial. Ser esposa era um aspecto supervalorizado, quando entendido que era no casamento que se encontraria a segurança, antes provida pelo claustro para muitas mulheres.

É fato, como já visto, que independentemente da realidade - jovens solteiras, casadas e mães - todas foram afetadas frontalmente pela inserção de uma nova teologia regente. No entanto, entre todas elas, aquelas que se resguardavam ao claustro enfrentaram situações ainda mais complexas, porque acatar as mudanças significava também o rompimento com um voto de vida.

As visitas aos conventos eram frequentes por parte de mulheres e homens que tentavam, por meio do discurso argumentativo, fazer com que essas mulheres abdicassem de sua posição. Em certa feita, Guillaume Farel, líder da Reforma em Genebra, tenta adentrar ao convento de Santa Clara para pregar às mulheres enclausuradas:

> Com isso, o confessor totalmente aterrorizado e sua associada e a abadessa ordenaram o silêncio novamente, dizendo que São Paulo ordena que as mulheres fiquem em silêncio, etc. Mas a mãe vigária, que estava do lado de fora, não ficou em silêncio, mas subiu para a parede ao lado do pregador e bateu forte com seus dois punhos e gritou: "Oh, seu covarde miserável e perverso, você fala suas palavras falsas em vão. Você não vai ganhar nada aqui. Eu imploro a vocês, irmãs, para não ouvir nada do que ele diz". [168]

Nota-se que o reformador se apropria de uma referência do apóstolo Paulo com o objetivo de fazer valer a autoridade de seu discurso sobre as mulheres ali. No entanto, suas palavras são tidas por mentiras e a Madre Superiora clama às demais freiras que recusem ouvir aquela pregação. É importante frisar que o mesmo discurso seria mais uma vez mobilizado com relação às mulheres protestantes, algo que foi arduamente rebatido por Marie Dentière, como será melhor discutido adiante.

Mas a própria Marie Dentière, em um dado momento, adentrou o convento a fim de convencê-las de que uma vida no matrimônio era muito mais exultante do que o cotidiano no claustro. Sua empreitada resultou em ampla rejeição por parte das irmãs do convento de Santa Clara, que a tomaram por uma figura diabólica:

> Nessa companhia estava uma freira, uma falsa, enrugada abadessa com uma língua diabólica, que tinha um marido e filhos, chamada Marie Dentière de Picardy, que se intrometeu em pregar e perverter pessoas piedosas. Ela veio entre as irmãs à procura da Irmã Colette Masuere, e ela foi até elas uma a uma e perguntou: "Você é irmã Colette? Filha, queremos falar com você. A primeira que ela abordou foi aquela mesma mulher. Mas a Irmã Colette a empurrou de lado e disse: "Não sou eu que você quer. Fique atrás de mim e procure-a em outro lugar! Então ela foi de um para outro, e cada um a insultou e disse: "Afaste-se, você repudia a freira com uma língua venenosa!" Mas porque ela queria perverter um deles, ela não prestou atenção a nenhum insulto ou ferimento, e ela disse: "Oh, pobres criaturas, se soubessem como é bom estar ao lado de um marido bonito e como é agradável a Deus! Infelizmente, estive por muito tempo nesta escuridão e hipocrisia onde você está. Mas só Deus me mostrou os delírios da minha vida miserável, e eu vi a verdadeira luz da verdade e percebi que eu estava vivendo de tristeza o tempo todo porque nesses conventos não há nada além de hipocrisia, corrupção mental e ociosidade. E assim, sem hesitar, peguei quinhentos ducados do tesouro e deixei aquela vida miserável, e, graças a Deus sozinho, já tenho cinco filhos bons e levo uma vida boa e saudável". Essas palavras falsas e enganosas horrorizaram muito as irmãs, e cuspiram nela com desprezo. Ela respondeu, dizendo: "Hah, seus falsos hipócritas, você rejeita a palavra de um Deus porque você não é d'Ele. Sabemos bem que vida você leva. Sua irmã,

[168] At this the utterly terrified confessor and his associate and the mother abbess commanded silence again, saying Saint Paul commands women to keep silent, etc. But the mother vicaress, who was outside, did not keep silent but went up to the wall right next to the preacher and hit it hard with her two fists and shouted, "Oh, you wretched and wicked coward, you speak your false words in vain. You will gain nothing here. I beg you, sisters, not to listen to anything he says.". JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p. 131.

> iluminada por Deus, nos contou tudo sobre sua vida diabólica e dissoluta, e a pobre garota não podia suportar isso".[169]

A exposição de Dentière do seu período enquanto freira como um período de trevas e mentiras foi recebida, não com razoabilidade, mas com repulsa. Ao falar da vida matrimonial, não foi obtida outra reação senão escândalo e exaspero. Observa-se também que, ao deixar o convento onde residia, Dentière tomou 500 ducados para sua empreitada. Essa atitude se tornou praxe para muitas mulheres que optaram por abdicar da vida conventual e os dotes que eram dados no momento do noviciado passaram a ser reivindicados: "Na manhã de domingo, o tenente voltou com outra grande companhia e com os dois árbitros da mulher miserável, que ainda estava pedindo por duzentos escudos e muitas jóias, adornos, e outras coisas[...]".[170] Nota-se que a saída do convento era também uma forma de restituição de riquezas que foram ali uma vez depositadas.

Outras formas eram também mobilizadas para subtrair essas mulheres da vida conventual ou para questionar sua vocação: parentes que apelam para os laços familiares a fim de alcançar um convencimento, ou até mesmo parentes que argumentam que os votos haviam sido feitos contra a vontade. Houve também um líder protestante que questionou a castidade das freiras, denunciando que muitas irmãs viviam em promiscuidade com padres, de forma que muitas crianças nasciam desses relacionamentos considerados ilícitos e que, por isso, era mais prudente que os oficiais das igrejas casassem.

---

[169] In that company was a nun, a false, wrinkled abbess with a devilish tongue, who had a husband and children, named Marie Dentière of Picardy, who meddled in preaching and perverting pious people. She came among the sisters looking for Sister Colette Masuere, and she went up to them one by one and asked, "Are you Sister Colette? Daughter, we wish to speak with you." The first one she addressed was that very woman. But Sister Colette pushed her aside and said, "I am not the one you want. Get behind me and seek her elsewhere!" Then she went from one to another, and each one insulted her and said, "Get away, you repudiating nun with a venomous tongue!" But because she wanted to pervert one of them, she paid no attention to any insults or injuries, and she said, "Oh, you poor creatures, if you knew what a good thing it is to be next to a handsome husband and how pleasing to God! Alas, I was for a long time in this darkness and hypocrisy where you are. But God alone showed me the delusions of my wretched life, and I saw the true light of truth and realized I had been living in sorrow the whole time because in these convents there is nothing but hypocrisy, mental corruption, and idleness. And so, without hesitating, I took five hundred ducats from the treasury and left that miserable life, and, thanks to God alone, I already have five fine children and I lead a good and healthy life." Those false and deceitful words horrified the sisters greatly, and they spat on her in scorn. She replied, saying, "Hah, you false hypocrites, you spurn the word of the one God because you are not from Him. We know well what life you lead. Your sister, enlightened by God, told us all about your devilish and dissolute life, and the poor girl could not stand it." JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p. 316 e 317.

[170] Early Sunday morning, the lieutenant returned with another large company and with the two arbiters of the miserable woman, who was still asking for two hundred écus and many jewels, adornments, and other things [...] Idem, p. 168.

Diante de tamanha oposição, qual era a saída apresentada pelos líderes da cidade para essas mulheres? Qual seria a via alternativa à vida no convento? Jeanne de Jussie registra a tentativa de alguns representantes de persuadirem as jovens freiras. Mas a despeito disso, todas elas mantiveram uma resposta coesa, posicionando-se da mesma maneira:

> Às jovens ofereceram maridos e casamento, grande honra e riqueza; eles disseram que nunca faltaria nada e não deveriam ter medo de declarar seus desejos secretamente e outras coisas que não deveriam ser escritas porque seriam apenas horríveis e difíceis de ler. Mas nosso Senhor e o Espírito Santo trabalharam milagrosamente, e um milagre foi visto lá, visível e digno de lembrança e grande louvor a Deus, pois eles eram todos de um único desejo e uma única resposta e opinião, como se fossem todas partes de um único coração e uma única voz, sem qualquer discordância. Os examinadores ficaram muito surpresos que todos eles disseram as mesmas palavras, mesmo que não soubessem o que os outros tinham dito, e alguns dos examinadores ficaram irritados e disseram: "Amaldiçoa aqueles que nos enviaram aqui, e pelo diabo podemos sair, pois não estamos fazendo nenhum bem. Seria mais fácil amolecer a bigorna de um ourives do que qualquer uma dessas mulheres". [171]

Dada a irredutibilidade, com o avanço da Reforma em Genebra, e o cerco que se fechava sobre o Convento de Santa Clara, Jussie deixou a cidade em direção a Annecy, na França, sob proteção de certo François Barrat, por ordem do Duque de Savoia, onde viveu como abadessa até a sua morte em 1561.

Mas não somente as mulheres religiosas são retratadas com dignidade, isso é observado ao passo que diversas personagens mulheres, como as nobres que investiram nas causas da Igreja, mães que chegavam a situações extremas a fim de prover a manutenção da fé em seus filhos e outras mulheres da cidade, eram mencionadas com louvor em relação àqueles que se converteram e deixaram de seguir os preceitos católicos romanos. Logo, a despeito do louvor dedicado à vida religiosa, Jussie não se abstém de reconhecer muitas outras mulheres que ultrapassaram conflitos familiares, tomando uma postura resiliente no que diz respeito à religião.

---

[171] To the young ones they offered husbands and marriage, great honor and wealth; they said they would never lack for anything and should not be afraid to declare their wishes secretly and other things that should not be written because they would only be horrible and difficult to read. But Our Lord and the Holy Spirit worked miraculously, and a miracle was seen there, visible and worthy of remembrance and great praise to God, for they were all of a single desire and a single answer and opinion, as if they were all parts of a single heart and a single voice, without any disagreement. The examiners were amazed very much that [260] they all said the same words, even though they did not know what the others had said, and some of the examiners were annoyed and said, "Curse those who sent us here, and by the devil we can leave, for we are not doing any good. It would be easier to soften a goldsmith's anvil than any of these women. JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006. p. 163.

Observa-se que as Reformas adentraram em diferentes âmbitos, colocando em xeque autoridades há tempos consolidadas, inclusive no âmbito familiar, causando diversas cisões, independente de classes sociais. Margarida de Navarra, por exemplo, encontrou entraves por sua aproximação com o protestantismo, quando seu irmão, monarca da França, tomou medidas drásticas para salvaguardar o catolicismo nos territórios sob seu comando.

A questão do respeito às figuras de autoridade foi exaustivamente debatida em decorrência das Reformas, pois muitas vezes a adoção de uma nova doutrina gerava oposição a reis e outras lideranças. No caso do calvinismo escocês, por exemplo, em 1558, John Knox publica *The first blast of the trumpet against the monstruous regiment of women*, buscando levar o povo a se rebelar contra o governo católico (e feminino) de Maria Stuart e Maria Tudor, como forma de resistência. Neste momento, a resistência ainda está longe de ser interpretada como um direito, e mais, como um direito político. A legitimidade de resistência aqui é vista como um dever religioso, haja vista que até mesmo a tirania era entendida como uma forma de heresia.[172]

Esses exemplos convergem em um elemento fundamental para o contexto em questão: o respeito às autoridades é um comportamento prescrito nos textos bíblicos e configura importante aspecto da vida cristã, independente do segmento dentro do cristianismo. Dentro da esfera de autoridade pode-se incluir não somente os que respondem por seus cargos de governo, mas também as lideranças eclesiásticas e as figuras de autoridade no meio familiar.

No entanto, os limites da obediência foram revistos em diversas ocasiões, porquanto, no momento da cisão, as autoridades e aqueles que se submetiam ao seu poder estavam de lados opostos. Portanto, as doutrinas passaram a balizar os comportamentos, destacando que qualquer autoridade em seu exercício que fizesse incorrer ao erro aqueles que estavam sob seu poder poderia ser legitimamente desobedecida. De tal modo que protestantes que desobedecessem até mesmo ao Papa e católicos que não se submetessem às novas autoridades (como o caso de Genebra) não eram vistos como subversivos, mas como mártires.

Jussie demonstra por meio de suas crônicas que fora das razões de Estado, essas situações são explicitamente perceptíveis em episódios familiares envolvendo fugas de casa de jovens católicas, esposas trancadas em casa para não receber a hóstia e mães fugitivas com bebês nos braços, para que estes não fossem batizados pelas mãos dos pastores reformados.

[172] SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

As mulheres nessas situações recusaram-se a obedecer a ordens expressas relativas à sua religiosidade, rebelando-se até mesmo contra seus pais e maridos.

Considerando o que foi apontado, essas mulheres interpretaram a submissão de modo que resignar-se a determinada autoridade seria uma atitude válida desde que tal autoridade não agisse de encontro a preceitos considerados verdadeiramente cristãos. Sendo assim, os episódios destacados por Jussie, muitas vezes influenciados pelas circunstâncias no auge do desespero, não eram entendidos como subversão, mas como submissão a Deus, que deveria ser obedecido acima de qualquer autoridade humana, ainda que isso trouxesse consequências penosas. Percebe-se que essa era uma matéria de grande monta para a autora, dado a proeminência na qual ela é colocada por intermédio dos exemplos dados.

Os cultos protestantes muitas vezes aconteciam nos ambientes domésticos. Era comum que as casas se tornassem locais de leitura bíblica comunitária e cânticos em conjunto. Em um desses feitos, uma filha foi rejeitada e expulsa de casa por se recusar a participar de um dos cultos. Sua rejeição foi vista como uma afronta a sua família, que havia se convertido.[173]

Mas não somente as jovens solteiras enfrentaram esse tipo de dilema. Há menções a mulheres casadas que tiveram de lidar com discordâncias no que tange à perspectiva que se tem da religiosidade. Dessa maneira, o conflito se deu por conta da inconsonância das crenças: Um homem protestante foi ridicularizado por ser “governado por uma mulher”, já que sua esposa se recusou a participar da cerimônia.

É relatado também que três mulheres foram presas por seus maridos, mas fugiram para receber a hóstia na Eucaristia. A questão da Eucaristia era uma tensão particularmente tensa. A perspectiva católica da sacralidade material dos elementos desse sacramento via como abominação a afirmativa de que a Eucaristia era um sacramento memorial e que, por isso, seus elementos eram nada mais do que pão e vinho como quaisquer outros. O reconhecimento do que lhes era sagrado foi estímulo suficiente para que o sacramento fosse preferido em detrimento dos esposos.

[173] JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, p. 116.

Outro sacramento extremamente priorizado era o batismo. Observa-se também que uma mulher impede que seu filho seja batizado segundo os pressupostos protestantes:

> Durante a primeira semana de abril, eles capturaram um cânone chamado Monsenhor Gonin Dorsiere em sua casa, e ele foi colocado na prisão [...] Sua irmã, que era casada com um boticário muito rico, teve um bebê. Seu marido herético queria tê-lo batizado pelo satânico Farel, e ele o chamou para sua casa. Quando aquela menina abençoada, que tinha apenas quatorze ou quinze anos de idade, viu sua primeira prole dada àqueles cães, firme em sua religião e em seu amor a Deus, ela saiu de sua cama para ir puxar seu filho dos braços daquele homem miserável, e ela imediatamente caiu em um desmaio, de tristeza e do trabalho de parto. O marido teve pena dela e a levou de volta para a cama e foi obrigado a deixar seu filho com ela. Ela chamou o padre para sua casa, e ele batizou a criança à sua frente. (página 117) [174]

Provavelmente, o que levou essa mãe a tomar tal atitude foi o medo de relegar seu filho à condição de pagão, uma vez que não teria sido batizado nos preceitos da Igreja. É interessante perceber que a manutenção da religiosidade muitas vezes seguia de maneira matrilinear. Eram as mães que passavam adiante valores por elas prezados.

A obra *La religion de ma mère. Le rôle des femmes dans la transmission de la foi*,[175] organizada por Jean Delumeau, aborda esse tópico argumentando a respeito da maternidade como uma das condições que contribuíram para a transmissão da fé cristã à fé desde o cristianismo até a contemporaneidade. Figuras como Santa Mônica, mãe de Agostinho de Hipona, são destacadas como grandes exemplos da influência materna sobre a formação religiosa de seus filhos.

O próprio Agostinho eternizou sob sua escrita o papel exercido pela sua mãe em suas experiências com a religião, bem como a convicção dela na fé que abraçara. No capítulo XII de suas Confissões ele escreve acerca da tristeza avassaladora em decorrência da morte de Santa Mônica:

---

[174] During the first week of April, they captured a lord canon named Monseigneur Gonin Dorsiere in his house, and he was put in prison with his priest, all because of the religion.263 His sister, who was married to a very rich apothecary, had a baby. Her heretical husband wanted to have it baptized by the satanical Farel, and he called him to his house. When that blessed girl, who was only fourteen or fifteen years old, saw her first offspring given to those dogs, firm in her religion and in her love of God, she got out of her childbed to go pull her child from the arms of that wretched man, and she immediately fell in a faint, from sorrow and the labor of childbirth. Her husband had pity on her and had her carried back to bed and was obliged to leave her child with her. She called the priest to her house, and he baptized the child in front of her. JUSSIE, Jeanne de. The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva. Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006, pp. 117 e 118.

[175] DELUMEAU, Jean. La Religion de ma mère: les femmes et la transmission de la foi in Histoire (Paris: Editions du Cerf, 1992).

> A morte de minha mãe não era uma desgraça, e ela não morria para sempre, e disto estávamos certos pelo testemunho de seus costumes, por sua fé sincera e outras razões inequívocas". [...] E agora, Senhor, to confesso nestas linhas: leia-o quem quiser, interprete-o como quiser. E se alguém julgar que pequei nessas lágrimas, que derramei sobre minha mãe por alguns instantes, por minha mãe então morta a meus olhos, ela que me havia chorado tantos anos para que eu vivesse aos teus olhos, não se ria. Antes, é grande sua caridade, chore por meus pecados diante de ti, Pai de todos os irmãos de teu Cristo![176]

As dificuldades muitas vezes enfrentadas por essas mulheres na instrução de seus filhos não são descartadas. Nem todas elas compunham o grupo restrito que dispunha de condições para garantir uma formação mais rebuscada para seus filhos, a exemplo de Argula Von Grumbach, nobre bávara que buscou tutores na Universidade de Ingolstadt para garantir a seus filhos uma educação nos vieses humanistas e protestantes.

Sendo assim, muitas dispuseram de imagens, alguns livros de horas, e até mesmo recitações para transmitir aquilo que criam ser de grande importância para seus descendentes. A relevância da maternidade foi reconhecida e estimulada pelo Concílio de Trento, que viu nessas mulheres uma aliança fundamental para subsistir ao levante protestante. Desse modo, entendia-se que a forma primeira de conhecer a fé se dava ao olhar para a própria mãe e aprender dela os preceitos necessários para a vida.

A teologia de Jeanne de Jussie não assumiu características acadêmicas, como a dos grandes doutores em Teologia do Sacro Império. Seu olhar para o sagrado se dava de maneira prática, perceptível em sua resiliência ante as mudanças compulsórias. Suas crônicas registraram essa postura e lançaram para a posteridade o seu entendimento acerca do que ela entendia como feminilidade, tanto no que diz respeito às mulheres em vida monástica quanto leigas: permanência das tradições e vínculo com a Igreja, que era considerada por ela única e universal.

4.3 - Marie Dentière: a liberdade feminina por meio do *Sola Scriptura*

Se para Jeanne de Jussie fora da Igreja não havia salvação, Marie Dentière se voltava para a crença no sacerdócio universal e na salvação individual por meio da graça divina, independente da instituição. Dentière estava inserida no meio protestante reformado. Embora para alguns olhos essa categorização possa parecer redundante, é importante salientar algumas colocações sobre os termos. O fato de ser uma protestante reformada a distanciou de outros protestantes, como os luteranos e anabatistas, fato evidenciado no próprio título da epístola:

[176] Agostinho. Confissões. Montecristo Editora, 2020, p. 198.

"contra os luteranos e anabatistas", pois em alguns momentos chegou a tecer críticas às práticas desses grupos. Essa distinção é importante, uma vez que o posicionamento teológico defendido por Dentière aponta diretamente para a perspectiva assumida pelos reformados.

Observa-se que ao longo dos anos esses termos acabaram por assumir um lugar comum nas referências às reformas religiosas modernas. Nomenclaturas como protestantes e reformados são tomadas ainda de maneiras bastante indiscriminadas, refletindo um olhar uniforme sobre um movimento que, como já foi dito, é multifacetado. É preciso, portanto, compreender essas terminologias em seus contextos, a fim de desfazer algumas generalizações que extenuam os desdobramentos desses fenômenos.

A denominação "protestante", bem como o conceito de "protestantismo" surgiram em uma circunstância de embate entre os príncipes das cidades alemãs e Carlos V (1500-1558), imperador do Sacro Império Romano Germânico. Na primeira metade do século XVI, o imperador lidava com a dificuldade de governar sobre um território de dimensões muito extensas enquanto manejava também problemas de diversas naturezas: guerras com a França, a ameaça da expansão otomana, insurreições como a Guerra dos Camponeses, além dos efeitos das Reformas em si.

O primeiro contato direto de Carlos V com as novas ideias religiosas aconteceu em virtude da Dieta de Worms (1521). Nessa ocasião, Martinho Lutero foi levado diante do imperador para esclarecer seu posicionamento após a convulsão gerada pelas Teses, e ali lhe foram dadas as possibilidades de reaver suas colocações ou de reafirmá-las:

> Na Dieta de Worms, em 18 de abril de 1521, uma quinta-feira, à luz das tochas, no grande salão lotado, transbordando uma multidão que lhe bafejava o rosto, Lutero, em pé em face do César germânico, em face do legado pontífice romano, afirmava com uma voz que suas angústias tornavam ainda mais patética: não se tratava apenas da decadência de um papado usurpador e degenerado; tratava-se, mais e melhor que isso, dos direitos imprescritíveis da consciência individual. "Retratar-se do que quer que seja, não posso nem quero … pois agir contra a própria consciência não é seguro nem honesto."[177]

Como resultado da Dieta, foi outorgado no mesmo ano o Édito de Worms, que declarou como crime de heresia todas as ideias defendidas por Lutero e como criminosos todos aqueles que as aderissem. Deste momento em diante, Lutero tornou-se um inimigo de Estado e sua sobrevivência foi possível graças a, sobretudo, Frederico III (1463-1525), Príncipe eleitor da Saxônia, que deu guarida ao reformador perseguido e propiciou-lhe

[177] FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero:* um destino. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 36.

condições para que prosseguisse com os seus trabalhos e o desenvolvimento de suas ideias. O príncipe alemão atuou como seu mecenas até sua morte, em 1525.

A religião era um fator fundamental para que Carlos V conseguisse manter a unidade de um Império tão vasto. Mas apesar dos esforços do imperador e da Igreja de suprimirem o movimento, as ideias continuaram a se expandir e ganhar espaço. Em 1529, na II Dieta de Espira, um grupo de príncipes alemães que haviam abraçado as ideias expostas por Lutero se manteve firme em recusar as determinações do Édito de Worms, causando revolta nos príncipes alemães católicos que defendiam a perspectiva de que essas ideias eram uma ameaça à Cristandade.

O grupo, diante disso, passou a ser chamado de protestante. A partir desse momento, então, passaram a ser reconhecidos por esse termo todos aqueles que aderiram às ideias relativas às colocações luteranas. Primeiro em territórios germânicos, depois em outras partes do continente.

Com esses fatos, talvez ocorra a imediata associação das nomenclaturas protestante e protestantismo com os eventos em si - Reformas Protestantes -, levando ao pensamento de que "reformado" é um sinônimo para referenciar tanto os indivíduos como o acontecimento. No entanto, o termo reformado deriva de uma discordância posterior aos eventos supracitados, quando houve uma dissonância entre Martinho Lutero e Zwínglio a respeito da Eucaristia. A partir desse momento, também já mencionado, os reformados eram apontados como aqueles que se aproximavam doutrinariamente de Zwínglio, sendo, assim, uma forma de distinção dos protestantes luteranos.

Essa circunscrição de Marie Dentière em seu eixo religioso é tida como relevante, pois também justifica algumas de suas problemáticas enquanto mulher, autora de produção teológica. O meio reformado mostrou-se mais restrito às vozes femininas, em comparação aos espaços luteranos, onde se encontraram maiores brechas para as mulheres. Tendo realçado isto, cabe agora alcançar a atenção dada por ela à causa das mulheres em seu tempo.

Ao começar suas argumentações, referindo-se a Margarida de Navarra, é dito que:

"Tudo isso minha mui honrada Senhora, que os verdadeiros amantes da verdade desejam saber e entender como eles devem viver nesses tempos tão perigosos: também, nós mulheres, devemos saber fugir e evitar todos os erros, heresias e falsas doutrinas (...)"[178]

"Nós mulheres": admoestar uma mulher da posição de Margarida de Navarra em virtude de fazê-la enxergar a si mesma como parte de uma categoria que acarreta inúmeros cerceamentos foi, sem sombra de dúvidas, fundamental para a finalidade pretendida, que era dar validade e reconhecimento para o que estava sendo escrito. A posição social da rainha de Navarra não fez com que a autora optasse por eufemismos, pelo contrário, observa-se que as palavras foram colocadas com intrepidez, fazendo até mesmo uma cobrança à nobre:

> O que você teme dos cardeais e bispos que estão em seus tribunais? Se Deus está do seu lado, quem estará contra você? Por que você não os faz apoiar seu caso publicamente, diante de todos? São tantos médicos, tantos sábios, tantos grandes clérigos, tantas universidades contra nós, pobres mulheres, que somos rejeitadas e desprezadas por todos. De que servem para vós, pergunto-vos, se não mostrarem que a sua causa é boa, ordenada por Deus? Você vai suportá-los e deixá-los dominá-la? Dizemos o contrário do que eles dizem; que provem o que dizem. Queremos mostrar-lhes que estão errados, que se defendam pelas sagradas escrituras. Você apoiou e enriqueceu os malfeitores e encheu tanto seus cofres apenas para que eles a cortejem? Você não fez isso para defender a honra e a glória de Deus, [para que eles] preguem e proclamem a sua palavra, mostrem o caminho reto, mostrem como você deve viver e faça o seu caminho para resistir àqueles que agem ou falam contra a pura palavra de Deus? Sim, é claro! Mas parece que eles são ordenados apenas para jogar cartas, dançar, vangloriar-se, ficar bêbados e, o que está longe do desejo de São Pedro de que estejamos sem crime e prontos para dar testemunho de nossa fé uns aos outros.[179]

---

178 "Tout ainsi, ma très honnorée Dame, que les vrays amateurs de verité desirent sçavoir e entendre comment ilz doivent vivre à ce temps si dangereux: aussi nous femmes, devons sçavoir fuyr e eviter toutes erreurs, heresies, e faulses doctrines (...)". DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539, p. 6.

179 Qu'est ce que vous craignez les cardinaux ny evesques, que avez en voz cours. Si Dieu, est pour vous, qui sera contre vous? Pourquoy ne leurs faites vous maintenir leur cause publiquement devant tout le monde? Ilz sont tant de docteurs, tant de sages, tant de grans clers, tant d'universitez contre nous paouvres femmes, que sommes rejectées et mesprisées de tout le mõde. A quoy vous servent ilz le vous prie? S'ilz ne veullent monstrer leur cause estre bonne e ordonnée de Dieu endurez vous qu'ilz dominent sur vous? Nous disons le cõtraire d'eux qu'ilz le prevent. Nous le voulons monstrer qu'ilz se deffendent par l'escripture Saincte. Les avez vous rentez, enrichis, maleficiez, e remplies leur cofres tant seulemant pour faire la court? Ne l'avez vous pas faict pour mantenur honeur e la gloyre de Dieu, pour prescher e annoncer la parolle, pour vous monstrer le chemin, pour resister à ceux qui vouldront faire ou dire cõtre la pure parolle de dieu? Ouy certes mais il semble qu'ilz ne soylent ordonez q pour triunpher, dãcer, braguer, iurõgner et paillarder: qui est chose bien loing de Sainct Pierre, lequel veult que foyons sans crime, et prestz à rendre raison à une chacun de notre foy. DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539, p. 23.

O desprezo às mulheres é também um objeto de denúncia. Marie entendia, em seu contexto, que sua condição diferia das dos homens. No entanto, pela sua escrita, demonstra entender que as diferenças não significavam silenciamento. Pois, ainda que os púlpitos não lhes fossem permitidos, deveria haver encorajamento para que as mulheres pregassem, ao menos umas às outras. Ainda argumentando junto à rainha de Navarra, ela diz:

> [...] Pois o que Deus vos deu e revelou a nós, mulheres, não mais do que os homens devemos escondê-lo e enterrá-lo na terra? E mesmo que não nos seja permitido pregar em público em congregações e igrejas, não estamos proibidas de escrever e admoestar umas às outras em toda a caridade. Não só por ti, minha Senhora, desejei escrever esta carta, mas também para dar coragem a outras mulheres detidas em cativeiro, para que não temessem ser expulsas das suas terras natais, longe de seus parentes e amigos, como eu estava, pela palavra de Deus. E principalmente para as pobres jovens mulheres que querem conhecer e compreender a verdade, que não sabem que caminho, que caminho seguir, a fim de que a partir de agora não sejam internamente atormentadas e aflitas, mas que sejam alegres, consoladas e levadas a seguir a verdade, que é o Evangelho de Jesus Cristo.[180]

Não somente pelo direito de falar em público, mas sua defesa da pregação feminina se justifica na crença de que os males enfrentados pelas mulheres são reflexos das Escrituras Sagradas estarem escondidas delas:

> Até agora, as escrituras têm sido tão ocultas delas e ninguém se atreveu a dizer uma palavra sobre isso e parecia que as mulheres não deveriam ler ou ouvir nada das Santas Escrituras. Essa é a principal razão, minha Senhora, que me levou a escrever para vós, esperando em Deus que doravante as mulheres não sejam tão desprezadas como no passado. Pois, dia após dia, Deus muda o coração do seu povo para o bem. Isso é o que eu oro para que em breve aconteça em toda a terra. Amém.[181]

A crítica à restrição do contato com as Escrituras colocada sobre as mulheres é um dos pontos centrais da argumentação de Marie Dentière. Aqui, ela defende que a dignidade das mulheres estava completamente vinculada ao acesso ao texto bíblico. Em sequência ao trecho citado acima, surgem exemplos de inúmeras personagens mulheres nas histórias bíblicas,

---

[180] Car ce que Dieu vous a donné, et a nous femmes revelé, non plus que les hõmes, le debuons cacher et foyer dans la terre. Et combien que ne nous soit permit de prescher en assemblées e eglises publiques: ce neãtmoins n'est pas deffendue d'escrire cette epistre: mais aussi pour donner courage aux aultres femmes detenues en captivité affin quelles ne craignment point d'estre deschassés de leur pays, parãs, et amys, come moy, pour la parolle de Dieu. Et principallement pour les paouvres femmelettes, desirant sçavoir et entendre la verité: lesquelles ne sçavent quel chemin, quelle voye doibuent tenir. Et affin que deformais ne soylent en elles mesmes ainsi tormentées et affligés ains plustot réjouyet consolées et à suuyuir la verité, qui est l'Evangile de Jesus Christ. Idem, p. 7.

[181] Lequel jusque à présent a esté tant caché qu'on n'ofroit dire mot: et sembloit que les femmes ne deuffent rien lire n'entendre les sainctes lettres. Qui est la cause principale, ma Dame, que à vous escrire, esperãt en Dieu, que dorenavant les femmes ne serõt plus tant mesprisées comme par le passé. Car Dieu chãge en bien de jour en jour le coeur des siens. Lequel je prie qu'en brief fort ainsi par toute la terre. DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens.* Anvers: Martin L'Empereur, 1539, p. 10.

apontando que o êxito de suas experiências, independente das adversidades enfrentadas, estava na sua identificação com a Palavra divina.

Esses exemplos podem ser entendidos como forma de refutar o já abordado pensamento a respeito da natureza feminina, tida como insidiosa. Ao contrário do que por eras foi pregado, a Epístola denuncia que foram os homens os grandes disseminadores de heresias:

> Quem são eles, eu vos peço, que inventaram e inventaram tantas heresias e falsas doutrinas na terra, senão os homens? E as pobres mulheres foram seduzidas por eles. Nunca uma mulher foi considerada falsa profeta, mas as mulheres foram enganadas por eles. Embora eu não deseje desculpar a malícia excessivamente grande de algumas mulheres que vai muito além da medida, também não há qualquer razão para fazer uma regra geral delas, sem exceção, como alguns fazem diariamente. Tomemos em particular Fausto, aquele zombador, em suas Bucólicas. Quando vejo essas palavras, é claro que não posso ficar em silêncio, vendo que elas são mais usadas e recomendadas pelos homens do que o Evangelho de Jesus, o que nos é proibido, e que aquele contador de fábulas é bem visto nas Escolas. Portanto, se Deus deu graça a algumas mulheres boas, revelando a elas, por suas Santas Escrituras, algo de santo e bom, por que deveria hesitar para escrever, falar e declará-las umas às outras por causa dos difamadores de verdade? Ah, seria ousado demais tentar detê-las, e seria tolo demais.[182]

Dentière rompe com a visão dicotômica, declarando que tanto homens como mulheres podem ceder à malícia e, segundo a sua escrita, sobretudo os homens se despontaram como falsos profetas. Além disso, é perceptível sua indignação quanto ao tipo de conteúdo que era acessível para as mulheres.

Ao indicar as Bucólicas, Dentière se mostra inconformada com o fato de que a leitura das Escrituras não seja tão incentivada quanto determinadas literaturas de divertimento. Esta crítica ataca frontalmente a percepção de que os "gêneros literários nobres" deveriam ser acessíveis somente aos homens. A teóloga protestante demonstra querer ir além, forçando uma abertura para as mulheres nesse campo, sob a justificativa de que seria tolice conter as mulheres de compartilharem a respeito das revelações divinas contidas nas Escrituras.

Deve-se perceber que Marie Dentière não utilizava o texto bíblico de maneira pragmática, ou seja, mobilizando as narrativas bíblicas para atender suas convicções, mas

---

[182] Qui sõt ceux laie vous prie, qui ont tant inventé et cõtrouvé des ceremonies, heresies, et faulses doctrines sur la terre, sinon les hõmes? Et les paouvre femmes par eulx ont eté seduictes. Jamais femme n'a eté trouvé faulx prophete, ouy bien iceux trõpée (cõbien que je veulx cecy excuser la trop plus grãde que malice d'alcuns femmes, oultrepassans les termes de mesure) mais aussi d'en vouloir toutjours faire une reigle generale sans nulle exceptiõ, il n'y a point de raison cõelon faict journellement: et principallement Fauste ce moqueur, en les Bucoliques: lequelles voyãt certes ne me puis taire, veu que les sont plus recõmãdes et usitées dés hõmes, que l'Evãgile de Jesus, lequel nous est deffendu, et iceluy fableur est aux escholes pour bõ tenu. Si Dieu dõcqs a faict grace à alcunes bõnes femmes, leur revelãt par ses sainctes escriptures, quelque chose saincte et bõne: ne l'oferõt elles escrire, dire, ou declairer les unes aux aultres, pour les caluniateurs de vérité? A, ce seroit trop hardiement fait les vouloir épescher. Idem p. 12.

entendia que o texto deveria ser realmente interpretado com um significado que conferisse dignidade às mulheres.

Ao recorrer ao respaldo bíblico, a autora da Epístola Útil se legitima perante a sociedade com base em uma escrita de autoridade incontestável para aqueles cristãos. No entanto, se a Bíblia não poderia ser contestada, a credibilidade da interpretação de Marie foi. Em um dado momento ela refuta uma provável crítica por parte de clérigos católicos. Observa-se que ela trata da discussão sobre idolatria e que "eles" (os católicos) teriam se pautado na justificativa de que há inúmeras interpretações da Bíblia, e que a sua leitura não deveria ser feita por mulheres ou pessoas sem instrução. Essa feita fere o cerne da doutrina defendida por Marie, que cria na democratização do acesso ao texto bíblico. Nesse ponto, ela trata com firmeza aqueles que indagam sua escrita pelo fato de ser uma mulher:

> Para se desculpar, eles dirão: "Não é assim que a lei deve ser entendida. Davi, o profeta, não se referia a nós, mas aos outros idólatras de seu tempo. A Escritura tem vários significados, e pode ser entendida de várias maneiras. Não cabe às mulheres conhecê-lo, nem às pessoas que não são instruídas, que não têm diplomas e o grau de doutor; mas eles devem simplesmente acreditar sem questionar nada". Eles só querem que a gente dê prazer, como é nosso costume, fazer o nosso trabalho, girar sobre o distaff, viver como as mulheres antes de nós, como nossos vizinhos. Pois aquela que vive como seu vizinho não faz bem nem mal. Hah! É certamente verdade que muitos de seu povo viverão assim, dando às escrituras muitos significados[...] vocês certamente entenderiam as escrituras muito bem [sem eles], mas até nós entendemos e acreditamos nela não apenas simplesmente, mas até mesmo totalmente. Eu pergunto, Jesus não morreu tanto pelos pobres ignorantes e quanto pelos meus queridos senhores? [...] Será que ele pregou e espalhou tanto o Evangelho apenas para os meus queridos senhores, os sábios e importantes doutores? Não é para todos nós? Temos dois Evangelhos, um para homens e outro para mulheres? Um para os sábios e outro para os tolos? Não somos um em nosso Senhor? Em nome de quem somos batizados? Por Paulo ou por Apolo, pelo papa ou por Lutero? Não é em nome de Cristo? Ele certamente não está dividido. Não há distinção entre o judeu e o grego; diante de Deus, nenhuma pessoa é uma exceção. Somos todos um em Jesus Cristo. Não há homem e mulher, nem servo, nem homem livre. (p. 79 da tradução)[183]

[183] Lesqlz pour bien couvrir les cas dirõt il n'est pas ainsi entendu, David le prophete n'entendoit pas de nous, mais des aultres idolatres qui estoient de son temps: car l'escripture a plusieurs sens, elles s'entend en plusieurs manieres, il n'appartient pas aux femmes la sçavoir, ne à gens qui ne foient litterez, et qui n'ont lés degrez et escheles de docteurs: mais doibuent seulement croyre simplement sans s'enquerir de rien, sinon de faire bõne chiere, cõme avõs de coustume, de faire ses besõgnes, filler sa quenouille, vivre cõe noz predecesseurs, cõme son voisin. Car qui vit cõme son voisin il ne fait mal ne bien. Ha, certes bien est vray qu'ainsi faisant, feres bien des vostres, baillãs beaucoup de sens à l'escripture, et à vous un sac pour le renplir. Quãt à vous ce seroit très bien entendu: mais a nous faict et creu, nõ pas seulement simplement: mais plus que seulement. Je demãde, Jesus n'est il pas aussi bien mort pour les paouvres ignorãs et idiotz, que pour messieurs, les rases, tondus et mittrez? Est il tant seulement dict, allez, preschez mõ Evãgile à messieurs les sages et grãdz docteurs? N'est il pas dict à tous? Avõs nous deux évangiles? l'un pour les hommes et l'autre pour les femmes? l'un pour les sages et l'autre pour les folz? Ne sommes nous pas un notre Seigneur, au Nom duquel sommes nous baptizez de Pol ou d'Apollo, du pape? ou de Luther? N'est ce pas au nom de Christ certes n'est point divisé, il n'y a point de distinctiõ du juif au grec: car envers Dieu n'y a point d'acceptiõ de psonnes, tous somes un en Jesus Christ, il n'ya ne masle ne femelle, ne serf, ne libre. DENTIÈRE, Marie. *L'Epistre très utile, faicte et composée par une*

Em um outro momento da epístola, também tecendo uma crítica ao papado, Dentière retoma o "Leia e depois Julgue". Essa frase pode ser entendida como um pedido para que a primeira vista do texto não fosse feita com conceitos pré-estabelecidos, ou seja, que não fosse imediatamente desconsiderado ou julgado por ter uma autoria feminina. É pedido que seja feita a leitura e que o julgamento se pautasse no conteúdo e na argumentação do texto, independente do gênero da autoria: Peço-lhes que leiam e entendam antes de julgar. Pois muitas vezes as pessoas julgam sem piedade ou sem ter lido o caso, proferindo uma sentença que merece um recurso.[184]

A percepção de que os cristãos fazem parte de um corpo indivisível foi utilizada aqui como fundamento para argumentar contra a exclusão das mulheres. Esse apontamento da unidade é encontrado em um trecho escrito pelo apóstolo Paulo aos Gálatas, citado por Marie como referência. Apesar de o contexto histórico apresentar condições bem diferentes, uma vez que as reformas protestantes destrincharam divisões pela Europa, é entendido por ela que diante de Deus não há distinção. De acordo com a autora, isso valeria tanto para as atitudes a serem julgadas como para aqueles que cressem no evangelho compartilhado por Jesus Cristo.

Indivisibilidade do corpo e dignidade feminina conferida pela Palavra de Deus. Esses dois pilares permearam a hermenêutica de Marie Dentière. Se para Jeanne de Jussie, sua identidade estava fortemente vinculada ao pertencimento à Igreja, para Marie esse aspecto era encontrado na leitura bíblica. Jussie foi censurada pelos protestantes, mas sua escrita prevaleceu, pois não ousou ir além do espaço previsto para ela. Dentière foi censurada por católicos e protestantes, pois ousou impor sua fala como autoridade de ensino em um espaço público.

No ano de 2002 Marie Dentière tornou-se a única mulher a ter o nome inserido no Muro dos Reformadores, monumento na cidade de Genebra, na Suíça. Essa iniciativa deu-se por um trabalho desenvolvido pela diretora Isabelle Graesslé.

Mas não se pode ignorar que quase 500 anos separam a publicação da epístola até o reconhecimento de sua autora como parte integrante e ativa na Reforma da cidade. Hoje,

---

femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens. Anvers: Martin L'Empereur, 1539, p. 79

[184]Vous plait lire et entendre avant que juger. Car souvant fois loniuge sans pitié ou sans avoir leu le pcés, baillãt sentence digne d'apellatiõ. Idem, p. 73.

citada como teóloga protestante, Dentière era vista por seus contemporâneos como um problema a ser contido.

Mas, independentemente dos efeitos no meio onde Jussie e Dentière estavam inseridas, ou seja, a despeito das censuras que parecem mostrar mais permanências na condição das mulheres do que mudanças, a existência dessa escrita nos aponta a não conformidade. E o não se conformar é uma força motriz para mudanças, sejam elas a curto, médio ou longo prazo. Essas duas personagens, semelhantes e distintas ao mesmo tempo, projetaram, a partir do seu recorte histórico, o entendimento de que a feminilidade não é homogênea e que a fé, embora tantas vezes mobilizada para aprisionar pensamentos e comportamentos, também é fonte de libertação e conhecimento sobre si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As distintas realidades de Marie Dentière e Jeanne de Jussie apontaram em quais medidas foi possível romper com o silenciamento feminino e como essa postura era percebida pelos demais agentes sociais, sobretudo cônjuges, pais e líderes religiosos. Dentro da cisão promovida pelas reformas religiosas havia outra, transcorrendo em longo prazo: a subversão do imaginário acerca do feminino, pautado nos argumentos dicotômicos, sustentados por muitos Pais da Igreja e seus sucessores. Partindo do prisma religioso, a longa duração do pensamento a respeito da natureza da mulher e seus comportamentos contribuiu para a estruturação da sociedade ocidental e fundamentou, por séculos, as justificativas para as limitações de ação pautadas pelo gênero.

O matrimônio e, sobretudo, a maternidade (sem considerar nesse momento a vida conventual) foram apresentados como basicamente os únicos caminhos possíveis a serem almejados por uma mulher, que deveria cumpri-los passivamente. Contudo, essas circunstâncias foram repensadas e fortalecidas com um novo fim: pois o entendimento da perpetuação da fé por vias matrilineares foi mobilizado como uma arma eficaz nas trincheiras de uma guerra pela legitimidade do discurso religioso.

Ironicamente, o âmbito religioso também foi percebido como um espaço fértil para que muitas mulheres compreendessem para si um discurso de libertação de um jugo tão pesado que as colocava alheias na produção de conhecimento religioso e nas reflexões acerca da fé, elemento tão caro para os homens e mulheres da época moderna. Essa perspectiva de liberdade foi tecida pelas próprias mulheres, partindo de seu próprio entendimento por meio de sua relação pessoal com o divino, com as tradições e com as Letras Sagradas.

Em momento algum a autonomia das mulheres, seu reconhecimento como *Imago Dei*, foi declarado por meios institucionais. Esses fatores foram gerados no íntimo, nos sentidos atribuídos por elas àquilo que vivenciavam e que, consequentemente, passaram a aplicar em sua vida prática.

No momento que Marie Dentière entende que as Escrituras a libertam, ela gera em si a concepção de que sua liberdade e sua identidade não podem ser outorgadas pelas mãos dos homens. Assim como a partir do momento em que Jeanne de Jussie se mostra tão obstinada em suas convicções de que não é possível existir salvação fora da Igreja, ela testemunha que sua liberdade independe das ações daqueles que lhe fizeram um cerco em Genebra, levando-a ao exílio. Em ambos os casos os cerceamentos se mostraram vãos, pois pode ser possível

cercear as ações materiais, mas as ideias, uma vez lançadas, desprenderam-se de qualquer controle. Os pensamentos, anseios e princípios dessas mulheres não foram cerrados, mesmo com todas as investidas para seu calamento e desistência.

Graças à materialidade dos registros deixados por essas personagens, bem como seu conteúdo, tornou-se perceptível aos leitores atuais muitos desses desdobramentos. Em meio à vastidão de materiais desse período, a *Epistre très Utile* e a *Petite Chronique* fornecem um ponto de vista que foi pouco privilegiado pela historiografia durante longo tempo, mas lançam luz sobre as disputas pela autoridade por meio da escrita e as implicações dos processos de confessionalização sobre as vidas de muitas outras mulheres, protagonistas anônimas da História.[185] Entre tantas Confissões de Fé e resoluções de Concílios, esses documentos subsistiram ao tempo para mostrar as condições de escrita nas quais as mulheres encontraram possibilidades para se expressar, a despeito de quaisquer impedimentos.

Além disso, o corpo documental, de maneira bastante interessante, nos revela as maneiras pelas quais a disposição da escrita, seu estilo e material nos indicam as intenções para além do que foi redigido. A crônica manuscrita de Jussie revela a intencionalidade da circulação restrita ao convento, para edificação das outras freiras. A escolha pela estrutura epistolar e o modelo impresso indicam que Dentière tinha o impacto público como alvo, o que é reforçado pela estratégia de se direcionar a uma interlocutora com forte influência política, Margarida de Navarra.

Esses escritos estão inseridos em uma ampla gama de produção teológica da Era Moderna. Ainda que naquela época eles não tenham sido percebidos como parte da chamada literatura nobre, eles preenchem lacunas muito importantes, pois abarcam uma espiritualidade feminina, livre dos estigmas impostos pelas estruturas de poder.

No caso de Marie Dentière, com o advento da imprensa, essas ideias alcançaram maior amplitude e, para seu infortúnio, foram censuradas. Após sua morte, as crônicas de Jussie também foram veiculadas pela imprensa e alcançaram inúmeros leitores, para além do convento, que era sua intenção ao escrevê-las.

As duas personagens estavam ao mesmo tempo próximas e distantes. Aproximadas pelos estereótipos lançados sobre elas a partir do momento de seu nascimento, somente pelo fato de serem mulheres. E também por entenderem que estavam lidando com um contexto escatológico, evidenciado por séries de ações, interpretadas como sinais do fim dos tempos.

---

[185] VAINFAS, Ronaldo; DEL PRIORE, Mary. *Os Protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

Mas também estavam afastadas pelas inúmeras divergências doutrinárias e na maneira de se relacionar com o sagrado. O caminho cruzado de ambas enriquece a narrativa sobre a Reforma em Genebra, pois mostra, a partir de um mesmo cenário, entendimentos e narrativas tão distintos.

Jussie assumiu uma postura resiliente, e em seu *front* precisou lidar com as hostes protestantes, porque enxergava na vida conventual um meio com o qual se identificava e concordava e no qual pretendia viver até os seus últimos dias. Desse modo, notou-se que sua insatisfação em momento algum fora direcionada à Igreja Católica, mas às pregações protestantes. Muitas freiras abandonaram o claustro, e a investida protestante no convento de Santa Clara aponta que ela poderia ter feito o mesmo sob demasiada pressão externa, mas permaneceu e sustentou sua concepção, mesmo no exílio.

A trajetória de Marie Dentière traz um caráter duplamente combativo e que abre espaço para novas questões. Ela teve que se levantar em um protesto dentro do protestantismo, pois entendia ser uma grande contradição o fato de que as mulheres fossem limitadas na instrução e no debate, pontos tão difundidos pelos próprios reformadores. A crítica tecida defende a ampliação da democratização do ensino para o êxito do movimento. Dessa forma, Dentière demonstrou entender que mulheres com conhecimentos teológicos sólidos estariam prontas para argumentar em qualquer circunstância.

A sustentação de sua justificativa estava o tempo todo alinhada à noção de liberdade de consciência. Tal liberdade repousa sobre a premissa protestante de que cada indivíduo seria autônomo no exercício da fé. Para eles, cada cristão deveria ter a prática de viver sua fé individualmente, a súplica pelo perdão dos pecados não necessitava intermediários ou outros subterfúgios, como as indulgências.

O questionamento de Dentière traz à tona o porquê dessa realidade não abarcar mulheres na mesma intensidade: os vestígios da visão dicotômica fomentada nos tempos da patrística perduraram em diferentes formas, que podem ser vistas na distinção do tratamento dado a homens e mulheres. A epístola fornece uma discussão ávida por diminuir a distância entre ambos no que diz respeito aos espaços de fala dentro dos debates teológicos que preenchiam o cotidiano dos adeptos ao protestantismo. Mas, a despeito de seus esforços, a circulação de sua epístola foi encerrada e Dentière não pôde, para seu descontentamento, testemunhar na prática os esperados efeitos positivos de sua escrita sobre as mulheres.

A atmosfera de instabilidade favoreceu posturas como as da reformadora e da freira de

Genebra. Algumas estruturas estavam sendo derrubadas, outras se construindo e os indivíduos estavam em processo de dar novas interpretações para o mundo que se reestruturou ao seu redor.

Pode-se dizer que Jeanne de Jussie e Marie Dentière deram um brado no século XVI que capitaneou a identificação do protagonismo feminino na História das Mulheres na Reforma. Elas não foram conhecidas a partir de outro personagem, elas não foram "esposas de", ou "irmãs de", elas tornaram-se conhecidas a partir de si e da sua fé. Ainda há muitas questões a serem respondidas, tais como: as experiências dessas duas personagens podem ser comparadas às de outras mulheres na geografia das Reformas? Quais as implicações diretas da regionalidade no comportamento feminino com relação aos processos de confessionalização? Mas, por ora, a experiência aqui retratada já contempla que: sim, houve uma hermenêutica feita pelas mulheres e em favor das mulheres e que essa leitura dos textos e das conjunturas continua a reverberar entre muitas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias

A Confissão de Fé de Schleitheim. Trad. Charles David Becker. São Paulo: Literatura Monte Sião do Brasil, 2012.

L'Epsitre très Utile faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyée à la Royne de Navarre seur du Roy de France. Contre les Turcz, Juifz, Infideles, Faulx chrestiens, Anabaptistes, et Lutheriens. Anvers [Genève]: Martin L'Empereur [Jean Girard], 1539. Disponível em Musée historique de la Réformation, Genève / Epistre tres utile faicte et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyée à la Royne de Navarre seur du Roy de France. Contre les Turcz, Juifz, [...] (e-rara.ch). Último acesso em 13/07/2021.

JUSSIE, Jeanne de. *The Short Chronicle*: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva.Tradução de Carrie F. Klaus. University of Chicago Press. Chicago, 2006.

Selected Works of Huldrich Zwingli, (1484-1531).The Reformer of German Switzerland, translated for the First Time from the Originals, ed. Samuel Macauley Jackson. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1901.

The Unaltereted Augsburg Confession A.D 1530. Translation and historical notes by Glen L. Thompson. Wisconsin: Northwestern Publishing House, 2005.

Fontes secundárias

ABREU, Maria Zina Gonçalves de. *A reforma da igreja em Inglaterra: acção feminina, protestantismo e democratização política e dos sexos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

ALMEIDA, Rute Salviano. Uma Voz Feminina na Reforma: a contribuição de Margarida de Navarra à Reforma Religiosa. São Paulo: Hagnos, 2010.

BACKUS, Irena. *Marie Dentière : Un Cas de Féminisme Théologique à l'époque de La Réforme? Bulletin de La Société de l'Histoire Du Protestantisme Français (1903-)*, vol. 137, 1991, pp. 177–95. Disponível em *JSTOR*, http://www.jstor.org/stable/24297580. Acesso em 15 Abr. 2023.

BAUDUIN, Pierre. Femmes, pouvoir et société au Moyen Âge: Régine Le Jan, Femmes, pouvoir et société dans le haut Moyen Âge. In: Annales de Normandie, n°3, 2003. pp. 261-264.

BARBIER, Fréderic. *A Europa de Gutenberg*: o livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII-XVI). São Paulo: EDUSP, 2018.

BELLINI, Ligia. "Penas, e glorias, pezar e prazer": espiritualidade e vida monástica feminina em Portugal no Antigo Regime. In Formas de crer. Ensaios de história religiosa do mundo lusoafro-brasileiro, séculos XIV-XXI. Org. Lígia Bellini, Evergton Sales Souza, Gabriela dos Reis Sampaio. Salvador: Edufba-Corrupio, 2006, p. 81-105.

BOUZA, Fernando. *Corre Manuscrito: Una historia cultural Del Siglo de Oro*. Madrid, Marcial Pons, 2001.

CAMERON, Evan. One Reformation or many? Protestant identities in the later Reformation in Germany. In GRELL, Ole Peter; SCRIBNER, Bob. *Tolerance and Intolerance in the European Reformation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CHARTIER, Roger. *As Práticas da Escrita. In História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Org. Roger Chartier; tradução Hildegard Feist. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DALARUN, R. Amor e celibato na Igreja medieval. São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 50.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo.* Sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
_____ *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente.* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____ Nascimento *e afirmação da Reforma*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1989.
_____ *La Religion de ma mère : les femmes et la transmission de la foi in Histoire.* Paris: Editions du Cerf, 1992.

DENTIÉRE, Marie. *Epistle to Marguerite de Navarre and Preface to a Sermon by John Calvin*. Tradução de Mary B McKinley. The Other Voice in Early Modern Europe. The University of Chicago Press. Chicago, 2004.

DESAIVE, Jean-Paul. As ambiguidades do discurso literário. In FARGE, Arlette & DAVIS, Natalie Zemon. (org.) *História das Mulheres – do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1994.

ENGELER, J; OPITZ, P. Zurich: Huldrych Zwingli and Heinrich Bullinger. In BEINTKER, M; LANGE, A. WELKER, M. *Europa Reformata*. Leipzig: Evangelische Verlagssanstalt, 2017.

ENGELS, Federico. *La guerra campesina en Alemania*. Moscú: Editorial Progreso, 1981.

FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero: um destino.* São Paulo: Três Estrelas, 2012.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Ed. Usp, 2019.

GHOSH, Durba. *Sex and the Family in Colonial India: The Making of Empire*. New York: Cambridge University Press, 2006.

GODINEAU, Dominique. *Les Femmes dans la France Moderne*. Paris: Armand Colin, 2015.

GRANDJEAN, Michel. Geneva: Jean Calvin and Théodore de Beze. In BEINTKER, M; LANGE, A. WELKER, M. *Europa Reformata*. Leipzig: Evangelische Verlagssanstalt, 2017.

KELLY-GADOL, Joan, Did Women Have a Renaissance? In: BRIDENTHAL, Renate, KOONZ, Claudia & STUARD, Susan, *Becoming Visible. Women in European History*, Boston, Houghton Mifflin, 1977, pp. 137-164.

KINGDON, Robert M. Was the Protestant Reformation a Revolution? The Case of Geneva. In *Transition and Revolution: problems and issues of European Renaissance and Reformation* History. Mineeapolis: Burgess Publishing, 1974.

LAZARD, Madeleine. *Protestations et Revendications Féminines Dans La Littérature Française du XVIe Siècle*. *Revue d'Histoire Littéraire de La France*, vol. 91, no. 6, 1991, pp. 859–77. Disponível em *JSTOR*, http://www.jstor.org/stable/40530755. Acesso em 15 Abr.. 2023.

LE ROUX, Nicolas. *Les Guerres de Religion 1559-1629*. Paris: Belin, 2009.

LIEBEL, Silvia. *Abrir janelas nas almas dos homens*: notas historiográficas nos 500 anos da Reforma Protestante. História Unisinos 24(3):418-431, setembro/dezembro 2020.

LISBOA, João Luís. Tanta virtude em papéis correndo. (Persistência e poder do manuscrito no Antigo Regime). In ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

MARTÍN BAÑOS, Pedro. *La carta en el Renacimiento y el Barroco.* Guía bibliográfica. Cuadernos de Historia Moderna, p. 187 - 201, 13 feb. 2006.

MCGRATH, Alister E. *O Pensamento da Reforma:* Ideias que influenciaram o mundo e continuam a moldar a sociedade.Editora Cultura Cristã: São Paulo, 2014.

_____ *Christianity Dangerous Idea*: The Protestant Revolution. A History from the Sixteenth Century to the Twenty-First. New York: HarperOne, 2007.

MCKEE, Elsie. Katharina Schütz Zell: Church Mother. The Writings of a Protestant Reformer in Sixteenth- Century Germany. Chicago: The Univerity of Chicago Press, 2006.

MÉNAGER, Daniel. *Introduction a la Vie Litteraire du XVIe Siecle*. Paris: Bordas, 1968.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAMBALDI, Susanna Peyronel. Ferrara: Renée de France and Olympia Morata. BEINTKER, M; LANGE, A. WELKER, M. *Europa Reformata*. Leipzig: Evangelische Verlagssanstalt, 2017.

RAMOS Neto, J. O. (2019). *O conceito de Reforma Protestante na historiografia*. *História Revista*, *24*(1).

RODRIGUES, Rui Luis. *Os processos de confessionalização e sua importância para a compreensão da história do ocidente*. Revista Tempo, volume 23, número 1, Jan/Abr,2017.

SALISBURY, Joyce E. *Pais da Igreja, Virgens independentes*. São Paulo: Scritta,1995.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SILVA, Elizete da. *As mulheres protestantes: educação e sociabilidades* Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano VII, n. 21, Jan/Abr de 2015.

SKENAZI, Cynthia. *Marie Dentière et La Prédication Des Femmes.* Renaissance and Reformation / Renaissance et Réforme, vol. 21, no. 1, 1997, pp. 5–18. Disponível em *JSTOR*, http://www.jstor.org/stable/43465104. Acesso em 15 Abr. 2023.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SMITH, Bonnie G. *Women's Studies: The Basics*. Londres: Routledge, 2013.
WILSON, Katharina. *Women Writers of the Renaissance and Reformation.* Athens and London: University of Georgia Press, 1987.

SONNET, Marine. Uma filha para educar. In FARGE, Arlette & DAVIS, Natalie Zemon.(org.) *História das Mulheres – do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1994.

STJERNA, Kirsi. *Women and the Reformation*. New Jersey: Wiley Blackwell, 2008.

TRAYER, Joseph R. *As Origens Medievais do Estado Moderno*. Lisboa: Gradiva, 1997.

TREU, Martin. *Katherine Von Bora: Luther's Wife*. Lutherstadt Wittenberg: Drei Kastanien Verlag, 2017.

ULRICH, C. B. *A Atuação e a Participação das Mulheres na Reforma Protestante do Século XVI.* Estudos de Religião, v. 30, p. 71-94.

VAINFAS, Ronaldo; DEL PRIORE, Mary. *Os Protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VIRAÇÃO, F. J. D. S. *Por que e como fazer História da Reforma Protestante no Brasil*. Revista Observatório, v. 4, n. 2, p. 676-691, 1 abr. 2018.

VIVES, Juan Luis. *The Education of a Christian Woman:* A Sixteenth-Century Manual. Tradução de C. Fantazzi, University of Chicago Press. Chicago, 2007.

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*: a "Literatura" Medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.